



**Configurações e dinamismo das práticas de leitura dos jovens:
o caso da Escola Secundária de Marco de Canaveses**

Beatriz Queirós Marinho

UMinho | 2022

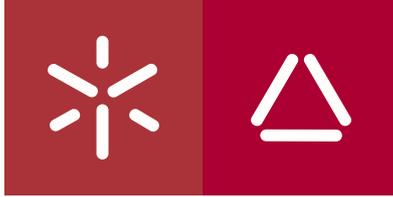


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Beatriz Queirós Marinho

**Configurações e dinamismo das práticas
de leitura dos jovens: o caso da Escola
Secundária de Marco de Canaveses**

maio de 2022



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Beatriz Queirós Marinho

**Configurações e dinamismo das práticas
de leitura dos jovens: o caso da Escola
Secundária de Marco de Canaveses**

Dissertação de Mestrado
Comunicação, Arte e Cultura

Trabalho efetuado sob orientação da
**Professora Doutora Maria Zara Simões Pinto
Coelho**

maio de 2022

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Aos professores

A todos os professores que me acompanharam desde o meu primeiro dia de escola até ao dia de hoje. Para mim, um professor é mais que um mentor. É alguém que possui nas suas mãos um conjunto de crianças em que pode depositar conhecimento, esperança, inspiração e bondade.

Em especial, à professora Dra. Zara Pinto Coelho, orientadora desta dissertação, que desde o dia em que lhe apresentei a minha proposta, nunca desistiu de mim. Obrigada pela paciência, pelo esforço e por todos os ensinamentos durante o processo. Obrigada por me ter ensinado que, por vezes, é preciso dar um passo atrás para depois dar dois à frente.

Aos participantes desta investigação

A toda a comunidade da Escola Secundária de Marco de Canaveses, por me voltarem a receber tão bem após cinco anos. Foi como regressar a casa.

Um especial agradecimento à professora Marta Vanzeller e à professora Berta Magalhães, por desde o início terem confiado em mim.

À professora Susana Dias, pela fantástica ajuda no processo da investigação, e pela partilha de conhecimentos.

Aos estudantes que participaram nesta investigação, desde as conversas até às respostas do questionário. Sem a vossa participação nada seria possível.

Aos amigos

À Inês, à Lena, à Ana e à Catarina por estarem sempre comigo, e por me mostrarem todos os dias o quão gratos temos de ser pelo que temos. Continuaremos a crescer juntas.

Aos meus colegas e amigos do curso de Línguas, Literaturas e Culturas. Em especial à Neusa, à Ana e à Kate, cada uma seguiu o seu caminho, mas as memórias permanecem.

Aos meus colegas do mestrado de Comunicação, Arte e Cultura, que apesar do ano invulgar que tivemos, me fizeram sentir parte do todo. Aprendi muito com cada um de vocês.

À família

À minha mãe e o meu pai, que sem eles nada disto teria sido possível. Obrigada por sempre acreditarem que a educação é a base do ser humano, e de que os sonhos são a base da felicidade. Ao meu irmão, que sempre me passou a mensagem de que nós temos de ser os primeiros a acreditar em nós próprios. À minha avó Maria dos Anjos, cuja preocupação e o amor pelos netos, é o seu bem maior. À minha avó Conceição e ao meu avô Almiro, que mesmo não estando cá hoje, tenho a certeza que teriam orgulho em mim. Ao meu primo Bernardo, que sempre me mostrou o lado bom da vida, e que esta tem de ser aproveitada ao máximo. À minha prima Clara, que me ensinou que está tudo bem em não estar bem. À minha prima Maria, que na sua tenra idade, me ensinou a ser resiliente. À minha madrinha, que desde sempre nutriu um amor incondicional por mim.

Ao resto de toda a minha família, que por si só são imensos, obrigada pelo apoio e pela diversão. Vocês são a minha base, de onde eu vim, e para onde sempre voltarei.

Aos livros

Obrigado por fazerem parte da minha vida.

E por fim, a mim

Obrigada por te teres levantado de cada vez que quiseste desistir.

Sou e serei eternamente agradecida.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 20 de maio de 2022.

Beatriz Marinho

TÍTULO

Configurações e dinamismo das práticas de leitura dos jovens: o caso da Escola Secundária de Marco de Canaveses

RESUMO

A leitura e o livro estão presentes na vida das pessoas há milhares de anos, sendo através deles que a história da humanidade também se faz. Com o aparecimento e desenvolvimento das tecnologias digitais, novas formas de ler e de comunicar foram aparecendo, dando ênfase aos média digitais, nomeadamente com o aparecimento do *e-book*. Resultante da abreviatura de *electronic book*, este veio revolucionar o mercado livreiro, contabilizando a aprovação de imensos leitores, tornando assim a leitura mais democratizada.

Portugal é dos países da Europa em que a população menos lê, e por isso regista baixas taxas de leitura. É principalmente nos mais jovens que se faz sentir essa débil proporção, e já vários estudos atestaram essa realidade. Com a chegada dos livros digitais ao mercado, e o rápido acesso à *Internet*, é necessário compreender se os jovens de hoje em dia estão recetivos a tal tecnologia, e quais são as suas opiniões e práticas.

A presente dissertação visa conhecer as práticas de leitura dos jovens portugueses, tanto em livros impressos como em *e-books* e compreender a sua configuração e dinamismo. É uma investigação empírica com recurso ao estudo de caso, de abordagem mista, em que foram utilizados dois métodos distintos de recolha de dados: quantitativo e qualitativo. Para tal, foi traçado um inquérito por questionário para ser aplicado aos alunos da Escola Secundária do Marco de Canaveses.

PALAVRAS-CHAVE

E-book; Jovens portugueses; Livro impresso; Média; Práticas de leitura

TITLE

Configurations and dynamism of young people's reading practices: the case of Marco de Canaveses Secondary School

ABSTRACT

Reading and books have been present in people's lives for thousands of years, and it is through them that the history of humanity is also made. With the emergence and development of digital technologies, new ways of reading and communicating have appeared, emphasizing digital media, namely with the emergence of the e-book. Resulting from the abbreviation of electronic book, it revolutionized the book market, counting the approval of many readers, thus making reading more democratized.

Portugal is one of the European countries where the population reads the least, and therefore has low reading rates. It is mainly in the youngest that this weak proportion is felt, and several studies have already attested to this reality. With the arrival of digital books on the market, and the rapid access to the Internet, it is necessary to understand whether today's young people are receptive to such technology, and what their opinions and practices are.

The present dissertation aims to understand the reading practices of young portuguese people, both in printed and e-books, and to understand their configuration and dynamism. It is an empirical investigation using a case study, with a mixed approach, in which two different methods of data collection were used: quantitative and qualitative. To this end, a questionnaire survey was designed to be applied to students at Marco de Canaveses Secondary School.

KEYWORDS

E-book; Media; Portuguese young people; Printed book; Reading practices;

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	11
PARTE I ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	13
CAPÍTULO 1.....	13
1. A SOCIEDADE DOS ECRÃS	13
1.1. O ECRÃ: CAUSAS E EFEITOS	15
1.2. OS JOVENS E OS ECRÃS	19
CAPÍTULO 2.....	21
2. DO MEDIUM LIVRO AO MEDIUM E-BOOK	21
2.1. MÉDIA TRADICIONAIS	22
2.2. “NOVOS” MÉDIA	23
2.3. A CONVERGÊNCIA DOS MÉDIA.....	25
2.4. BREVE HISTÓRIA DO LIVRO.....	27
2.5. CONCEITO DE E-BOOK.....	30
2.5.1. DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE E-BOOK	31
2.5.2. HISTÓRIA DO E-BOOK.....	32
CAPÍTULO 3.....	35
3. IMPRESSO VS DIGITAL	35
3.1. O LIVRO IMPRESSO E O LIVRO DIGITAL (E-BOOK)	36
3.2. VANTAGENS E DESVANTAGENS DO LIVRO IMPRESSO E DO LIVRO DIGITAL (E-BOOK)	41
CAPÍTULO 4.....	45
4. PRÁTICAS DE LEITURA.....	45
4.1. A LEITURA EM MEIO IMPRESSO E EM MEIO DIGITAL	45
4.2. A LEITURA, A CONCENTRAÇÃO, E OS DIFERENTES TIPOS DE LEITURA.....	48
4.3. VANTAGENS E DESVANTAGENS DA LEITURA EM MEIO IMPRESSO E EM MEIO DIGITAL	50
CAPÍTULO 5.....	54
5. A LEITURA EM PORTUGAL E OS JOVENS LEITORES PORTUGUESES.....	54
5.1. A CULTURA DO LIVRO EM PORTUGAL.....	55

5.2. PRÁTICAS DE LEITURA DOS PORTUGUESES	59
5.3. OS JOVENS E A LEITURA.....	65
'A Família, os Livros e a Leitura'	65
'A Escola, os Livros e a Leitura'	66
'A Leitura de Livros nos 12 meses anteriores à inquirição'	67
'Leitura de Livros: Formatos e Géneros'	67
'A Leitura de livros à data da inquirição'	68
'Ocupação do tempo'	68
5.3.1. A LEITURA DE E-BOOKS EM PORTUGAL.....	70
5.4. OS JOVENS E O MEIO DE LEITURA.....	72
PARTE II ESTUDO EMPÍRICO	77
CAPÍTULO 6.....	77
6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	77
6.1. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	77
6.2. UNIVERSO E AMOSTRA	79
6.3. QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO	80
6.4. OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO	82
6.5. ELABORAÇÃO DO INQUÉRITO	83
CAPÍTULO 7	85
7. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	86
7.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	86
7.2. TRABALHO DE CAMPO.....	87
7.2.1. A BIBLIOTECA ESCOLAR	90
7.3. INQUÉRITO AOS JOVENS	98
7.4. SÍNTESE DA ANÁLISE.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	126
ANEXOS.....	133

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dicionários e enciclopédias. Fonte: Autora.....	92
Figura 2: Edições Visão. Fonte: Autora	92
Figura 3: Literatura juvenil. Fonte: Autora.....	93
Figura 4: Jornais e revistas. Fonte: Autora.....	93
Figura 5: Imagem panorâmica das estantes. Fonte: Autora	93
Figura 6: Imagem panorâmica das estantes (2). Fonte: Autora	94
Figura 7: Entrada da biblioteca escolar. Fonte: Autora	95
Figura 8: Imagem panorâmica da biblioteca. Fonte: Autora	95
Figura 9: imagem panorâmica da biblioteca (2) fonte: autora	96
Figura 10: Imagem panorâmica da biblioteca (3). Fonte: Autora.....	96
Figura 11: Espaço de lazer. Fonte: Autora.....	96
Figura 12: Decoração das paredes. Fonte: Autora.....	96
Figura 13: Espaço dedicado aos computadores. Fonte: Autora.....	97
Figura 14: Sala reservada a eventos. Fonte: Autora.....	97
Figura 15: Espaço dedicado ao estudo. Fonte: Autora.....	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Sexo.....	98
Tabela 2: Idades.....	98
Tabela 3: Ano escolar	98
Tabela 4: Curso.....	99

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Questão 1. O que é que lê em papel?.....	100
Gráfico 2: Questão 2. Onde é que lê em papel?.....	101
Gráfico 3: Questão 3. Como é que lê em papel?.....	101
Gráfico 4: Questão 4. Quantas horas por semana gastas a ler um livro em papel por lazer?	102

Gráfico 5: Questão 5. Este ano (2021), quantos livros em papel leste por lazer até ao fim ou quase até ao fim?	103
Gráfico 6: Questão 6. Com que propósito lêes livros em papel?.....	104
Gráfico 7: Questão 7. Qual é ou quais são os géneros literários que mais lêes em papel?.....	104
Gráfico 8: Questão 8. Já alguma vez viste um e-book?	105
Gráfico 9: Questão 9. Alguma vez leste um e-book?	107
Gráfico 10: Questão 10. O que é que lêes em formato digital?.....	107
Gráfico 11: Questão 11. O que é que utilizas para ler em formato digital?.....	108
Gráfico 12: Questão 12. Onde é que lêes em formato digital?	108
Gráfico 13: Questão 13. Como é que lêes em formato digital?	109
Gráfico 14: Questão 14. Quantas horas por semana gastas a ler um livro digital por lazer?	110
Gráfico 15: Questão 15. Este ano (2021), quantos livros digitais leste por lazer até ao fim ou quase até ao fim?	110
Gráfico 16: Questão 16. Com que propósito lêes um livro digital?.....	111
Gráfico 17: Questão 17. Qual é ou quais são os géneros literários que mais lêes em formato digital?	112
Gráfico 18: Questão 18. Na tua opinião, ler livros em formato impresso é:.....	112
Gráfico 19: Questão 19. Na tua opinião, ler livros em formato digital é:.....	113
Gráfico 20: Questão 20. Em que formato é que costumavas ler livros por lazer?.....	114
Gráfico 21: Questão 21. Em que formato é que costumavas ler livros por longos períodos de tempo?	115
Gráfico 22: Questão 22. Em que formato é que costumavas ler livros por curtos períodos de tempo?.....	115
Gráfico 23: Questão 23. Quais são as vantagens de ler livros em papel?.....	116
Gráfico 24: Questão 24. Quais são as desvantagens de ler livros em papel?.....	116
Gráfico 25: Questão 25. Quais são as vantagens de ler livros digitais?	117
Gráfico 26: Questão 26. Quais são as desvantagens de ler livros digitais?	117
Gráfico 27: Questão 27. O que é que te motiva a ler um livro em papel?.....	118
Gráfico 28: Questão 29. O que é que te motiva a ler um e-book?	119

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos temos assistido a uma mudança no paradigma da informação e da comunicação, com as fronteiras cada vez mais instáveis, e o mundo cada vez mais global. A era da sociedade de informação teve o seu início com a expansão da *Internet*, que deu lugar aos chamados utilizadores, e posteriormente consumidores e produtores de informação. Hoje, aqui e agora, é possível publicar, criticar e dar a opinião no espaço digital e usufruir da informação gratuita que é colocada não só pelos órgãos de comunicação social, como por qualquer um que possua um dispositivo com acesso à *Internet*. Mas nem sempre assim aconteceu.

O livro, durante muitos anos, foi o único meio de comunicação que levou informação, histórias, cultura e conhecimento aos quatro cantos do mundo, iniciando aí o primeiro passo para o processo de uma sociedade global. Resultante dos vários avanços tecnológicos e digitais, até o livro impresso evoluiu para um passo seguinte, e possui hoje na sua família o livro digital, mais conhecido por *e-book*. Apesar de partilhar o mesmo conteúdo e narrativa que um livro impresso, o *e-book* é intocável, ou seja, este só atua através de um dispositivo de leitura físico. Conhecido pela sua versatilidade, com a invenção do *e-book* chegou a pôr-se em causa o destino do livro em papel. O livro digital adapta-se ao quotidiano de uma sociedade de ecrãs, ligada pelas redes de comunicação, em que a praticidade e a rapidez é, acima de tudo, o que move a população. Contudo, a premissa de que o *e-book* veio para substituir o livro impresso é uma irrealidade, uma vez que um meio não substitui outro. E neste caso, o *e-book* é uma extensão do livro impresso, logo a sua origem nunca poderia ser esquecida ou permutada.

A leitura tem, e sempre teve, um papel fulcral na formação cívica e cognitiva do ser humano. É uma competência multimodal de literacia, adquirida enquanto somos crianças, e que é desenvolvida e aprimorada ao longo da nossa existência. É importante que cada indivíduo saiba ler, e hoje mais do que nunca, que saiba ler bem, uma vez que a boa leitura se tornou num critério de inclusão numa sociedade desenvolvida. Portanto, é preciso questionar e compreender quem são os leitores desta era digital. O que leem, como, onde e porquê? São questões que a sociologia tem vindo a colocar ao longo de décadas, para explicar o papel da leitura na sociedade contemporânea. O que acontece é que até a maneira como lemos está em mudança. A leitura sossegada, autónoma e isolada, transformou-se num momento de partilha em redes sociais, e mesmo que o *e-book* ainda seja estranho para os leitores portugueses, noutros países já alcançou inúmeros leitores.

Em Portugal as práticas de leitura são bastante débeis, revelando as piores percentagens em comparação com os restantes países europeus. Em 2020, 61% dos portugueses não leu qualquer livro,

físico ou digital, e essa fraca incidência na leitura vem a registar-se cada vez mais nos jovens em idade escolar. A cultura do livro em Portugal tem vindo a deteriorar-se, o que se revela incoerente, uma vez que somos um país de grandes escritores conhecidos internacionalmente. Os jovens, provavelmente nunca leram tanto como agora. Leem inúmeras publicações nas redes sociais e páginas na *Internet*, mas a leitura de livros não é tão apelativa, pelo que mostram os estudos já realizados sobre o assunto, em Portugal e noutros países.

Numa altura de mudanças, em que a informação e a comunicação estão cada vez mais rápidas, a leitura atravessa também um processo de transformação. A presente dissertação visa conhecer as características das práticas de leitura dos mais jovens, e tenta compreender quais são os fatores que promovem o afastamento entre os jovens e a leitura de livros. Também procura saber qual a posição do *e-book* neste contexto, e se este faz parte da realidade dos jovens portugueses.

Dividida em sete capítulos, a investigação integra duas partes: o enquadramento teórico e o estudo empírico. No enquadramento teórico, procurámos fazer um resumo das questões mais relevantes para o tema, iniciando com a sociedade de ecrãs, passando por uma breve história dos média, e terminando nas práticas de leitura em Portugal. A segunda parte descreve todos os passos dados para chegar às conclusões do estudo, sendo que a metodologia utilizada foi o estudo de caso como estratégia de investigação, combinando técnicas quantitativas e qualitativas.

PARTE I ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1

1. A SOCIEDADE DOS ECRÃS

Os ecrãs fazem parte do nosso dia a dia, e o contacto com eles ocupa uma grande parte do tempo em que estamos despertos, e por vezes até quando estamos a dormir. A familiaridade que temos com os ecrãs da televisão, do computador, dos Tablets, dos *smartphones*, dos livros (*e-books*), dos aparelhos de música, e até dos ecrãs dentro dos nossos carros, mais os ecrãs publicitários nas ruas ou nas estações de transportes públicos, permitem-nos comunicar com o mundo, e criar uma sociedade baseada em ecrãs.

Olhamos regularmente para os ecrãs, e há uma constante vigilância por parte desses, como se todos participássemos num ‘Big Brother’ à escala global. Hugo Picado de Almeida (2012), na sua dissertação de mestrado *A sociedade dos ecrãs: entre ver e ser visto*, explora esse conceito apurando que “devemos ter em mente que o ecrã, alvo do olhar, é também ele próprio um olho” (p. 7). O conceito de ‘Big Brother’, apesar de ser associado ao *reality show* exibido em diversos países, incluindo Portugal, teve início na literatura, nomeadamente na obra de George Orwell (1949), o clássico *1984*. Esta obra tem como grande autoridade o ‘Grande Irmão’ (Big Brother), que segue os passos de toda uma população através de câmaras, pelo meio de ecrãs (Lourenço, 2020)¹. Apesar da história do livro ser fictícia, com cenários e personagens imaginárias, podemos bem fazer uma associação com a nossa realidade. A narrativa passa-se na Oceânia, onde o ‘Grande Irmão’ é o líder supremo que controla toda a população através dos seus ecrãs. Estes permanecem em todos os cantos públicos e privados com câmaras a monitorar, gravar e espiar a sociedade (Lourenço, 2020). Sendo o ‘Big Brother’ um programa televisivo descrito como uma experiência social, o mesmo acontece connosco, não participantes, nas ruas, nas estações de transportes, nos estabelecimentos comerciais, entre outros, onde câmaras nos vigiam a toda a hora, para que depois essas imagens sejam transmitidas através de ecrãs para as entidades competentes (Almeida, 2012).

O ecrã, para além de ser como todos nós comunicam uns com os outros, é como o mundo se concretiza. A famosa frase “se não passou na televisão é porque não aconteceu” (Almeida, 2012, p. 13),

¹ Artigo de Beatriz Lourenço (2020), intitulado *Big Brother: como o conceito de George Orwell aparece na cultura pop*, que pode ser consultado em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2020/01/big-brother-como-o-conceito-de-george-orwell-aparece-na-cultura-pop.html>

era um lema seguido por muitos. Contudo podemos alterar essa posição para ‘se não apareceu no *Instagram* ou *Twitter* é porque não aconteceu’, visto que a televisão passou a atingir um público mais envelhecido, e as redes sociais, também projetadas através de um ecrã, passaram a ser o local privilegiado para informar o público mais jovem. Da televisão para o computador, do computador para o telemóvel, do telemóvel para um Tablet, a seguir para uma *Playstation*, de seguida para um *e-reader*, mais tarde para o leitor de rádio do carro, e de volta á televisão. É uma rotina pela qual nem nos apercebemos, visto que já não nos incomoda o brilho e os *flashes*, e de certo modo, até sentimos uma estranheza quando não estão perto de nós, de uma vez que eles disputam a nossa atenção e convocam o nosso olhar. Por vezes até utilizamos vários ecrãs em simultâneo. É “indiscutível que vivamos, hoje como nunca antes, imersos em ecrãs, convocando-os ou sendo convocados a todo o momento” (p. 15).

A sociedade dos ecrãs, deu também origem, a uma comunicação em rede, cuja Gustavo Cardoso (2013), em *A sociedade dos ecrãs. Sociologia dos ecrãs, economia da mediação* diz ser “o resultado combinado da ação das forças da globalização na comunicação, mediação em rede, (...) onde as tecnologias para massas interagem com tecnologias interpessoais de comunicação e com a disponibilidade de escolha por diferentes graus de interatividade que nos possibilitam combinar momentos de maior atividade com menor atividade na nossa relação com a vida pública e a vida privada” (p. 30). Daí, o autor refutar a tese de McLuhan, afirmando que, na verdade, “as pessoas é que são a mensagem”:

Na passagem dos média como mensagem, para a mensagem enquanto média e para o meio de comunicação como precedente da mensagem, é possível argumentar que a atual ligação de média em rede torna a discussão sobre média e mensagem obsoleta, na medida em que uma vez que a mensagem entra na rede, chegará a quem está destinado e, se o formato em que circula não for o mais apropriado para determinado média, ela será recriada pelas pessoas de forma a adequar-se aos média existentes. Se a mensagem for do interesse de alguém, esses utilizadores tomarão conta da sua adaptação ao meio de comunicação. Portanto, relativamente ao modelo comunicacional em rede, é possível afirmar que os média não são a mensagem, mas que as pessoas são a mensagem. (Cardoso, 2013, p. 36)

A sociedade dos ecrãs surgiu de acordo com “novas necessidades sociais, culturais e políticas” que levaram a “novas formas de comunicar, a novos usos dos recursos semióticos, a novas práticas discursivas, a novos conteúdos e a novas comunicações” (Pinto Coelho & Neves, 2010, p. 18).

1.1. O ECRÃ: CAUSAS E EFEITOS

O ecrã, estando presente tanto em atividades profissionais como em atividades de lazer, “tornou-se um instrumento de comunicação e de informação, um intermediário quase inevitável na nossa relação com o mundo e com os outros”, criando-se, à volta dele, uma certa preocupação em como o ecrã nos afeta (Pinto Coelho & Neves, 2010, p. 19). Será possível perceber, nos próximos capítulos, que, por exemplo, a leitura feita em ecrã é considerada, tanto por estudiosos da área da sociologia, como recorrendo a resultados de inquéritos, uma leitura cansativa, distrativa, efêmera e superficial. É neste contexto que surgem dúvidas e críticas sobre qual serão as causas e efeitos que os ecrãs provocam nas pessoas, tanto a nível do texto e da imagem, como na compreensão e na atenção. Mostra-se necessário, então, perceber e refletir sobre as implicações que os ecrãs provocam nos indivíduos, e qual é, ou será, o seu papel transformador na nossa sociedade que “um dia foi a vapor, (...) depois elétrica, [e] hoje é sobretudo eletrónica” (Almeida, 2012, p. 15).

Iniciando com os ecrãs que nos observam diariamente, como agentes de vigilância temos como exemplos: o computador, a *Internet*, as caixas de multibanco, as operadoras de telemóvel, e as redes sociais. O computador (objeto utilizado incansavelmente pelos indivíduos) guarda uma quantidade enorme de registos e informação pessoal do seu utilizador, como a quantidade de ficheiros, a data da criação, o conteúdo, a data a que acede-mos, entre outras (Almeida, 2012); a *Internet* absorve quase cada passo dado pelo indivíduo, pois ficam guardados em diversos servidores inacessíveis e invisíveis os nossos históricos, as nossas pesquisas em qualquer loja *online*, os nossos registos de compras, dados bancários, as palavras passas de *websites*, registos dos nossos gostos, das nossas rotinas, de tudo aquilo que fazemos no *browser* de pesquisa; as caixas de multibanco registam “todos os nossos movimentos de conta, as horas, o local, os montantes” (p. 17); as operadoras de telemóveis têm acesso aos registos de chamadas e para quem foram efetuadas, a quantidade de mensagens enviadas e recebidas e o seu conteúdo, os custos de chamada, o local, a data, a hora; e as redes sociais, sejam elas o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram*, o *WhatsApp*, o *Pinterest*, entre muitas outras, “armazena informações sobre os locais por onde passamos, as pessoas com que estamos, as pessoas com quem falamos e muito mais” (p. 17). Ou seja, que quer seja direta ou indiretamente, estes ecrãs, mediados pelos meios, controlam uma sociedade, como uma “virtualização da informação, ou a binarização dos dados, que permite um tal regime de ‘ecranocracia’ [em vez de democracia] e a constituição de um ‘ecrã-mundo’” (p. 17).

A portabilidade dos ecrãs facultou toda uma acessibilidade e rapidez em aceder à informação, que mesmo que nos possamos desligar, não conseguimos. Almeida (2012) explica que “o desconhecido,

o estar desligado, fora do controlo da rede, tornou-se sinónimo de perigo” (p. 19). Isto é, há um certo sentimento de culpa se não estivermos conectados a esses ecrãs e a essas redes, em que “estar desligado parece (...) próprio de quem tem algo a esconder, de quem não quer falar, de quem não quer ser visto” (p. 19). Um dos episódios mais recentes, foi no dia 4 de outubro de 2021, em que o mundo ficou sem poder aceder às redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Messenger*, e a todos os serviços fornecidos pela empresa *Meta*², devido a um apagão geral. A sociedade quase que entrou em colapso, porque durante cerca de 6 horas, as pessoas deixaram de poder aceder a essas plataformas, e nem sequer sabiam a razão de tal. Títulos de canais e plataformas de informação admitiam que foi um ‘detox’ forçado que levou à ansiedade e stress dos cibernautas (Assunção, 2021)³. Um especialista, Ian Kerner, declarou que somos dependentes das redes sociais, e que as pessoas “definitivamente têm medo de perder” (Assunção, 2021), no sentido de se sentirem desconectadas:

A ausência dos ecrãs tornou-se para nós impossível porque eles testemunham, se não outra coisa, pelo menos o ritmo da nossa vida atual, a nossa forma de habitar o mundo, os nossos esquemas de percepção e atenção, os nossos modos de consumo e associação, os nossos interesses; os ecrãs identificam-nos no mundo, integram-nos nele, trazem-no perante nós e colocam-nos a nós perante ele, inscrevem-nos na corrente dos discursos, dos acontecimentos e das práticas que nos compõem como parte da sociedade. Por outras palavras, os ecrãs ligam-nos ao mundo, possibilitam a comunicação entre ele e nós, e ao fazê-lo tornam-nos parte integrante da massa; pela comunicação fundam uma verdadeira comunidade, comunidade evidenciada como partilhadora de uma História e de um património de discursos e sentidos e vivências. (Almeida, 2012, p. 22)

Os ecrãs passaram a ser onde tudo acontece, e quem não está conectado a eles, sente-se posto de parte, de uma vez que é nesse “território hiper-real⁴” que a “informação e os acontecimentos convergem” (Almeida, 2012, p. 23).

Jorge Kanehide Ijuim e Taís Marina Tellaroli (2007), no artigo *Comunicação no mundo globalizado – Tendências no século XXI*, afirmaram que “a imagem de aldeia global foi criada, na década de 1960, pelo canadense Marshall McLuhan” (p. 2), e que este “previu (...) as transformações sociais provocadas pela revolução tecnológica” (p. 3), que teve início por volta dessa época. O autor de ‘o meio é a mensagem’ caracterizou a rapidez da era eletrónica como sendo “perturbadora para o homem

² *Meta* é o aglomerado de tecnologia e redes sociais fundada pelo mesmo criador do *Facebook*, Mark Zuckerberg. Para além do *Facebook*, a empresa engloba o *Instagram*, o *Messenger*, o *WhatsApp*, a *Oculus VR*, a *Giphy* e a *Mapillary*, e apresenta-se como um ‘metaverso’, ou seja, um universo de comunicações sociais, em que a realidade virtual é o objetivo principal para o universo do futuro.

³ Artigo divulgado na TVI NOTÍCIAS, que pode ser consultado em: <https://tvi.iol.pt/noticias/tecnologia/apagao-facebook/se-nao-esta-nas-redes-sociais-nao-aconteceu-o-que-sentiram-os-utilizadores-com-o-apagao-do-facebook#>

⁴ Aquilo que Mark Zuckerberg ambiciona criar, um ‘metaverso’.

letrado, linear e ocidental” (McLuhan, 2013, p. 126), e que esta aceleração da sociedade não era do centro para as margens, mas sim uma “implosão instantânea e uma ‘interfusão’ do espaço e funções” (p. 126). A ‘aldeia global’ de McLuhan é uma metáfora que visa mostrar que “o progresso tecnológico estava a levar o planeta à mesma situação de uma aldeia, ou seja, a possibilidade de se intercomunicar diretamente com qualquer pessoa” (Ijuim & Tellaroli, 2007, p. 3). A complexidade da metáfora de McLuhan, exigiria que a profunda ligação entre todos os cantos do mundo, criasse uma dependência mútua, de todas as regiões conectadas, e assim, “promoveria a solidariedade e a luta pelos mesmos ideais em prol do desenvolvimento sustentável da Terra, superfície e habitat desta ‘aldeia global’” (p. 3).

Porém, a sociedade dos ecrãs, não afeta só e unicamente pessoas, afeta também, os próprios média. Gustavo Cardoso e Tiago Lapa (2015), em *O estudo da internet e dos ecrãs na sociedade em rede* afirmam, que “a multiplicação dos ecrãs trouxe consigo a perda da centralidade da cultura e espaços privados domésticos e uma tendência de ‘ecranização’ dos processos e ferramentas de mediação rumo à digitalização dos conteúdos e das próprias relações humanas” (p. 28), remetendo-nos, assim, para uma cultura da convergência⁵. A *Internet* e os ecrãs são ubíquos, de uma vez que “o mundo *online* se embrenha nas rotinas e nas fórmulas da vida quotidiana, dá-lhes forma, sustenta-as e organiza-as e toma parte em processos humanos tão básicos como a configuração no espaço e no tempo da identidade individual e da segurança ontológica” (p. 29). Já em 2013, Gustavo Cardoso, na sua obra *A sociedade dos ecrãs. Sociologia dos ecrãs, economia da mediação*, anunciava que estávamos perante “uma crise de âmbito comunicacional” (p. 25). Esta crise dos média, em que os ecrãs tomam conta da informação, pode ser constatada em várias situações:

Os exemplos são vários e podem ser encontrados em tendências mais visíveis, como quedas abruptas na venda de jornais⁶, na crescente proliferação do P2P⁷ na distribuição dos conteúdos audiovisuais, na crescente presença de publicidade na internet, em fenómenos menos óbvios como o papel das redes sociais nas rotinas diárias dos cidadãos e das organizações, na ocasional relação simbiótica ou competitiva entre jornalistas e o cidadão-comum, na cobertura de acontecimentos relatados no Twitter ou em ‘sites’ e blogues, na apropriação do ‘open access’, ‘open source’ e ‘open science’ nas práticas de produção científica ou, por outro lado, na desmercantilização de conteúdos produzidos, em fenómenos de partilha online. (Cardoso, 2013, p. 27)

⁵ Este conceito será explorado nos próximos capítulos.

⁶ Apesar de a venda de jornais impressos ter caído imenso nos últimos anos, estes ainda são produzidos e vendidos, tal como já mencionamos no 1º capítulo. Enquanto houver quem consuma, o produto não acaba.

⁷ “P2P, ou *peer-to-peer*, pressupõe a existência de várias plataformas em rede (ex.: computadores)” (Cardoso, 2013, p. 27).

A comunicação entre as pessoas também acabou por se alterar com a propagação dos ecrãs e da *Internet*, formando assim, uma comunicação em rede. Passamos a comunicar muito mais por curtas mensagens de texto, via eletrónica, ou pelos *chats* de conversa *online*, como o *Messenger* e o *WhatsApp*, do que por chamadas e cara a cara com as pessoas. É agora uma comunicação rápida e simples, em que usámos abreviaturas de palavras e *emojis*⁸, mas que dificulta muito o processo de comunicação pessoal em tempo e espaço real. Daí, Umberto Eco separar a comunicação em dois aspetos: comunicação *hard* e comunicação *soft* (Eco, 2014). A comunicação *hard* refere-se ao canal que transmite a informação, e a comunicação *soft* refere-se à “relação entre o teor do conteúdo da mensagem e o código” (p. 190). Eco determina um ponto de viragem entre estes dois conceitos com o aparecimento dos computadores, do correio eletrónico e dos telemóveis, em que a relação é “temporalmente imediata” (p. 190). Por exemplo, diz Eco, a partir de um telemóvel com conexão à *Internet*, pode-se comunicar com alguém que julgamos encontrar-se na Austrália, mas afinal estar ao virar da esquina, pois para o autor, “desaparece a possibilidade de localizar territorialmente quem fala” (p. 190), o que pode ser positivo ou negativo. Normalmente nunca será um aspeto positivo quando não sabemos com quem estamos a comunicar, o que se pode revelar perigoso para a nossa segurança. O excesso de informação que recebemos hoje, seja pela televisão, pelos múltiplos jornais, pelas redes sociais, ou simplesmente pela vastidão da *Internet*, é também um ponto que intriga Eco. O filósofo italiano afirma que “os recetores de hoje recebem uma quantidade de informação diária que não é comparável nem com a que recebiam os seus antepassados nos séculos passados, nem com a recebida pelos seus pais na segunda metade do século” (p. 191). A quantidade de informação a que nós estamos expostos hoje em dia, sobe a mediação, principalmente, de ecrãs, sejam eles de computadores, telemóveis, televisão, entre outros, é de impossível absorção para uma única pessoa. Daí Umberto Eco se mostrar preocupado com a memória do ser humano, que ao não ser estimulada, de uma vez que tudo pode ser registado em vídeo, em fotografia ou em escrita, e mais tarde ser consultado, esta pode tornar-se plástica:

Vive-se na ilusão do que não é preciso recordar, pois basta tocar num ecrã para saber o que se precisa e cada um pode comportar-se como aqueles eruditos que, tendo acumulado uma quantidade enorme de livros e achando que eles comportam tudo aquilo que lhes é necessário saber, não os emprestam e conservam-nos em hibernação – aquilo que noutras épocas teriam de memorizar. (...) Este declínio da memória é um dos problemas mais trágicos do nosso tempo. (Eco, 2014, p. 192)

⁸ É uma palavra que teve origem na junção de duas palavras em japonês: “e” que significa imagem, e “moji” que significa letra. É muito usado em mensagens eletrónicas, e são caracterizados pela cor amarela e por representar estados de espírito, feições, géneros, objetos, locais, animais, o clima, entre muitos outros.

Os ecrãs, a informação e a comunicação andam de mãos dadas, e, conseqüentemente, a sociedade tornou-se mais informada, mas também mais perigosa, mais consciente dos acontecimentos, mas ao mesmo tempo o egoísmo permanece. Nunca o mundo esteve tão perto de nós como hoje, em que é possível abrir uma página no *Google Maps*, e percorrer as ruas de Tóquio virtualmente, ou fazer *zapping* através dos inúmeros canais televisivos, e ter conhecimento do que se passa em determinado ponto do globo. Ou então, através do *Instagram* assistir a uma *live*⁹ de uma pessoa famosa, e presenciar em direto ao que ela emitir. Os ecrãs mudaram completamente a nossa maneira de socializar em comunidade, de sermos informados e de comunicar eletronicamente, principalmente a geração mais nova, os jovens.

1.2. OS JOVENS E OS ECRÃS

O tempo excessivo que passamos a olhar diretamente para um ecrã é prejudicial não só para a nossa saúde física e mental, como também para o modo como coabitamos em sociedade. Os jovens de hoje, a ‘Geração Z’¹⁰ e a ‘Geração Alpha’,¹¹ são aqueles que cresceram imersos nos “novos” *medium*, e, portanto, para eles é completamente normal tudo aquilo que engloba *Internet*, videogames, *smartphones* e redes sociais, com grande particularidade o *Instagram*, o *TikTok* e o *Youtube*. Para esta comunidade, a televisão já não é o primeiro meio de comunicação, nem o eleito com prioridade. Os *Tablets/iPads* e *smartphones* com acesso à *Internet* são os meios preferidos destas gerações. Se outrora as crianças cresciam a ver televisão, em que esse contacto era primordial ao de, por exemplo, um livro, hoje as crianças crescem com os pequenos ecrãs (*Tablets/iPads* e *smartphones*) nas mãos, em que quem comanda são eles próprios, através do *scroll*.

No ano de 2020, Jon Hyatt, um escritor e produtor cinematográfico, desenvolveu um documentário chamado *Tempo de ecrã*¹², em que, durante uma temporada, explorou os efeitos e o impacto que os ecrãs têm em algumas famílias dos Estados Unidos da América (EUA). Para além disso, o cineasta também analisa o método seguido pelas indústrias tecnológicas para viciar os consumidores globais e o impacto que isso tem em cada um de nós, individualmente. As indústrias da tecnologia e redes sociais empenham-se em captar a atenção imediata do utilizador, criando assim, dispositivos e

⁹ Em português ‘direto’. É uma funcionalidade da rede social *Instagram*, que permite ao utilizador abrir a câmara de filmar e transmitir em direto aquilo que bem entender.

¹⁰ A Geração Z refere-se às pessoas que nasceram entre a segunda metade dos anos 1990 até ao início do ano de 2010.

¹¹ A Geração Alpha refere-se às pessoas que nasceram entre o começo da década de 2010 até meio do ano de 2019.

¹² Na versão original, *Screened Out* (2020).

aplicações muito divertidas, interativas e imersivas, que, ao longo dos tempos têm vindo a mudar a forma de comunicar. Como por exemplo, a rede social *TikTok*, que consiste em vídeos de curta duração, em que o máximo é de 3 minutos. Um artigo sobre tecnologia,¹³ afirma que um “utilizador típico da rede social [*TikTok*] não consegue manter a atenção durante mais de 60 segundos” (Azevedo, 2022). O público-alvo desta rede social são, sem dúvida, crianças e jovens adolescentes, sendo que também são eles os que mais produzem conteúdo para a aplicação. O tempo excessivo que estes jovens passam a fazer *scroll* no *feed* do *TikTok*, é de tal forma prejudicial para a saúde mental, que um grupo de procuradores gerais dos EUA abriram um inquérito aos empresários responsáveis da rede social (Lisboa, 2022)¹⁴. Mesmo que, uma grande parte da rede seja associada e contenha muito conteúdo artístico, como dança, pintura, escrita (*BookTok*), canto, entre outras coisas mais, há um certo lado negro virado para a romantização de doenças mentais, como a depressão ou a ansiedade, que provocam stress em quem assiste.

Com a escalada da pandemia levado a cabo pela Covid-19, em março de 2020, tanto o *TikTok* como outras redes sociais, cresceram imenso a nível de conteúdo e a nível de tempo que as pessoas passavam nelas. De certo modo, todas estas questões mantêm os utilizadores “colados” aos ecrãs dos *smartphones* durante imenso tempo, promovendo sempre uma ânsia de querer mais.

Jon Hyatt (2020) faz então as seguintes questões: Será que os dispositivos digitais são bons para nós? Seremos demasiado dependentes dos ecrãs? O que é que nos mantém viciados e como é que isso afeta as crianças e o mundo em geral? (citado em Krauss, 2021). Hyatt começa por afirmar que ele próprio adotou a tecnologia muito cedo, ou seja, desde que os primeiros computadores pessoais surgiram, tanto ele como os irmãos passavam horas de volta deles, e nos anos 2000 quando as primeiras redes sociais começaram a aparecer, os dispositivos passaram a ser uma extensão deles próprios (Hyatt, 2020), tal como McLuhan afirmava.

O *smartphone*, hoje em dia, é tão viciante como um cigarro, e até acaba por funcionar como tal, mesmo em situações sociais. Primeiro as pessoas fumavam para descontrair nas horas vagas, mas agora usam o telemóvel (Hyatt, 2020). De acordo com Hyatt, hoje em dia, 70% dos adultos norte americanos passam entre 3 a 5 horas diárias *online*, sendo que alguns até excedem esse tempo para 7 horas. Desse tempo que é passado, 80% acontece num *smartphone*, o que pode representar 7 anos da nossa vida a olhar para um ecrã. Já as crianças e os jovens norte americanos, até aos 8 anos passam em média 3 horas diárias ligadas aos ecrãs, e até aos 12 anos de idade passam cerca de 5 horas. Os

¹³ O artigo pode ser consultado em: <https://www.maistecnologia.com/tik-tok-vai-aumentar-a-duracao-dos-seus-ideos/>

¹⁴ O artigo em questão pode ser consultado em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/tiktok-causa-efeitos-negativos-em-criancas-investigacao-tentara-descobrir-210573/>

adolescentes norte americanos passam em média 9 horas diárias no telemóvel. Tanto o telemóvel como os Tablets, *iPads* e computadores são considerados por Hyatt (2020) como um vício, provocando nas pessoas falta de autocontrolo.

Ler um livro, ver um filme, ou ir ao teatro, são atividades que mostram ter um fim, mesmo que estas sejam feitas em ecrãs. Em contrapartida, as aplicações e as redes sociais são infinitas, como por exemplo o *TikTok* ou o *Instagram*, em que podemos fazer *scroll* durante largos períodos de tempo, que o conteúdo nunca acaba, de maneira que, nos mantêm presos, por completo no seu universo sem saída (Hyatt, 2020). É muito semelhante ao conceito de hipertexto, que nos permite navegar por inúmeras páginas de informação, sem que esta nunca acabe.

Hyatt (2020) decide então, em parte do documentário, retirar qualquer tipo de ecrã aos filhos, e como é obvio estes mostraram-se aborrecidos com o sucedido, mas foram obrigados a recorrer àquilo que os estímulos dos ecrãs mais lhes ‘roubaram’: a criatividade e a imaginação. Quando estão sem o *smartphone*, jovens adolescentes e crianças sentem-se perdidos, chagando ao ponto de não saberem como ocupar o tempo, mas por outro lado, sentem-se sobrecarregados quando utilizam os dispositivos e a *Internet*. Mesmo que se tentem concentrar noutra atividade qualquer, surge sempre uma notificação, que fica a piscar, à espera de ser vista em primeiro lugar, e daí o telemóvel ser hoje, na vida não só dos mais novos, mas de todos nós, omnipresente.

Os ecrãs editaram as interações sociais, interrompendo o normal fluxo de conversa, de uma forma que tem sido incrivelmente prejudicial para as nossas relações sociais, afetando a nossa empatia, e a maneira como aprendemos a comunicar ao longo de milhares de anos de evolução humana. No seu todo, tornámo-nos mais frios nas nossas relações e até na simples maneira de viver.

CAPÍTULO 2

2. DO MEDIUM LIVRO AO MEDIUM *E-BOOK*

O conceito de média, ou *media*, de acordo com dicionário, passa pela definição básica de “meios de comunicação de massas” (Porto Editora, 2020). Contudo, o conceito assim definido é vago, pois média faz-se de “todo o suporte de difusão de informação, que constitui ao mesmo tempo um meio de expressão e um intermediário da mensagem” (Priberam). Em *Convergence culture: where old and new media collide*, de Henry Jenkins (2006), a historiadora Lisa Gitelman define o conceito de média em dois níveis, sendo o primeiro “uma tecnologia que permite comunicação” (p. 13) e o segundo “um conjunto

de *protocolos* associados ou práticas sociais e culturais que crescem em torno dessa tecnologia” (p. 13). A historiadora separa os média das tecnologias de distribuição, porque a seu ver esses sistemas são puras tecnologias, enquanto que os meios de comunicação são sistemas culturais. As tecnologias de distribuição são efêmeras e instáveis, “mas os meios de comunicação persistem como a camada dentro de um estrato de entretenimento e informação cada vez mais complicado” (p. 14).

2.1. MÉDIA TRADICIONAIS

Os antigos média, ou médias tradicionais, são os primeiros meios de comunicação e informação que o mundo conheceu, como por exemplo os média impressos, onde podemos encontrar os livros, os jornais, as revistas e os panfletos, e os média tecnológicos em que se inclui a televisão, a rádio e os CD's e DVD's.

Lev Manovich (2001), em *The language of new media*, classifica os média tradicionais como tendo uma natureza analógica, que representa continuidade (Manovich, 2001). Classifica-os também como sendo sequenciais, especialmente as fitas de vídeo, e os DVD'S; como sendo desperdícios de qualidade, ao serem copiados sucessivamente; e como sendo médias estáticos e fixos, em que o usuário não pode alterar o seu conteúdo:

Enquanto alguns média antigos, como a fotografia e a escultura, são verdadeiramente contínuos, a maioria envolve a combinação de codificação contínua e discreta. Um exemplo é o filme cinematográfico: cada quadro é uma fotografia contínua, mas o tempo é dividido em várias amostras (quadros). O vídeo vai um passo além ao amostrar o quadro ao longo da dimensão vertical (...). Da mesma forma, a fotografia impressa usando um processo de meio-tom combina representações discretas e contínuas. Tal fotografia consiste em um número de pontos ordenados (isto é, amostras), porém os diâmetros e áreas dos pontos variam continuamente. (Manovich, 2001, p. 50)

Os média tradicionais são aqueles que exigem, do consumidor, certas características apontadas por Arthur ASA Berger (2016), a propósito de Marshall McLuhan, em *What objects mean*. Normalmente, são médias que precisam intensamente do sentido da visão, são lineares e invocam a lógica, necessitando de ser apresentados e usados individualmente (Berger, 2016). O maior exemplo que conseguimos apontar, é certamente o objeto de estudo desta dissertação: o livro. Naturalmente, referimo-nos ao livro impresso, aquele que, após ser escrito, montado numa sequência específica, armazenado e impresso numa determinada ordem, ficará para sempre preservado tal como foi concebido, mesmo que

seja impresso em milhares de cópias. São mídias que carecem da mão do ser humano para serem concretizados:

Os mídias antigos envolviam um criador humano que montava manualmente elementos textuais, visuais e/ou de áudio numa composição ou sequência específica. Essa sequência era armazenada em algum material, numa ordem determinada de uma vez por todas. (Manovich, 2002, p. 56)

Deste modo, é marcada a diferença que os mídias tradicionais apresentam em relação aos “novos” mídias. Estes não precisam necessariamente do trabalho manual, pois são executados por máquinas inteligentes, nomeadamente pelo computador, e softwares complexos e de extrema rapidez.

2.2. “NOVOS” MÍDIA

Os “novos”¹⁵ mídias são aqueles que surgiram após o aparecimento e desenvolvimento da *Internet*, tendo como exemplo: *websites*, blogs, redes sociais, e-mail, serviços de *streaming* de música e televisão, realidade virtual e aumentada, *podcasts*, *e-books* e textos eletrônicos.

De acordo com Lev Manovich (2001), em *The language of new media* “a definição popular de ‘novos’ mídias identifica-os com o uso de um computador para distribuição e exibição, ao invés de produção” (p. 43). Estes mídias diferenciam-se dos mídias tradicionais pela sua representação digital¹⁶, pela sua facilidade e rapidez de acesso e pela sua interatividade. Os “novos” mídias são uma revolução, e diariamente evoluem para mais e melhor eficácia para com a sociedade.

Manovich (2001), destaca cinco princípios dos “novos” mídias, sendo eles a representação numérica, a modularidade, a automação, a variabilidade e a transcodificação. A representação numérica refere-se ao código digital do objeto mediático, que é como se fosse o ADN dos mídias. Isto porque, quando um *medium* é criado originalmente num computador, ele apresenta uma forma numérica, mas quando é convertido através da forma dos mídias tradicionais, é uma conversão digital, ou digitalização, e este “processo assume que os dados são originalmente contínuos, ou seja, o eixo ou dimensão que é medido não tem unidade aparente indivisível a partir da qual é composta” (p. 49). A modularidade representa os fragmentos dos “novos” mídias que consistem na mesma estrutura modular. Sejam quais forem os mídias, imagens, sons, entre outros, “são representados como coleções de amostras discretas

¹⁵ “Novos” encontra-se em aspas, porque na época em que vivemos, nomear estes mídias como novos já não faz muito sentido, visto que estão completamente enraizados na sociedade há mais de 30 anos.

¹⁶ “Os dispositivos de armazenamento do computador tornam possível o acesso a qualquer elemento de dados com a mesma rapidez” (Manovich, 2001, p. 67).

(*pixels*, polígonos, *voxels*, personagens, *scripts*)” (p. 53). Isto significa que esses elementos “são reunidos em objetos de maior escala, mas continuam a manter a sua identidade separada” (p. 51), como por exemplo a *World Wide Web*:

(...) um novo objeto de média consiste em partes independentes que, por sua vez consistem em partes independentes menores, e assim por diante até ao nível dos menores (...). A World Wide Web como um todo também é completamente modular. Consiste em várias páginas da Web, cada uma por sua vez composta por elementos de média separados. Cada elemento sempre pode ser acessado por conta própria. Normalmente pensamos em elementos como pertencentes aos seus sites correspondentes, mas isso é apenas uma convenção, reforçada por navegadores comerciais da Web. (Manovich, 2001, p. 52)

A automação, como terceiro princípio, são as técnicas utilizadas para criar do zero um objeto de média. São nomeadamente “técnicas robustas” que se incluem em programas e softwares, como por exemplo programas de edição de imagem – Photoshop. Até mesmo em programas de processamento de texto, essas técnicas são utilizadas, pois permitem, muitas vezes, “o usuário criar narrativas literárias usando convenções do género altamente convencionais e formalizadas” (p. 53). Isto mostra que, por exemplo, qualquer pessoa, com ou não literacia digital é capaz de criar uma folha em Microsoft Word e escolher o formato mais adequado a si ou à sua situação. De certo modo, torna-se assustador quando pensamos que um computador tem a capacidade de nos manipular para certas atividades, e exigir que usemos apenas uma pequena parte de quem somos quando nos comunicamos com eles” (p. 54). E para além disso, ficamos completamente dependentes da sua “inteligência”, visto que a partir do século XIX a sociedade moderna vem a acumular arquivos de diferentes naturezas, como livros, fotografias e áudios, necessitando cada vez mais do que se pode chamar, hoje em dia, o ouro da sociedade contemporânea: banco de dados. A variabilidade é o princípio em que já falámos, sendo relativo ao facto de os “novos” média precisarem de um computador para serem montados, em vez das mãos humanas. Este princípio não era possível sem a modularidade e sem a automação, visto que “armazenados digitalmente, em vez de algum meio fixo, os elementos dos média mantêm a sua identidade separada e podem ser montados em várias sequências sob controlo do programa” (p. 56). Para além disso, o princípio da variabilidade é todo um conjunto de características que os “novos” média apresentam: o banco de dados (falado anteriormente), o conteúdo e interface, dados pessoais, ramificações (menu), hipermédia (cujo ponto será desenvolvido mais à frente), atualizações e a escalabilidade (referente aos níveis de detalhes e

tamanhos). O último princípio, a transcodificação, tem como objetivo descrever o que é a “consequência mais substancial da informatização dos média” (p. 63): o software.

2.3. A CONVERGÊNCIA DOS MÉDIA

É com o virar do século que se inicia um confronto entre os média tradicionais, e os “novos” média. Especulou-se e previu-se que com o desenvolvimento das tecnologias digitais, e com o rápido aumento dos “novos” média, os média tradicionais caíssem em desuso, e até no esquecimento.

Ainda assim, e até à data, o que realmente se tem observado e constatado é o uso dos diversos média (“novos” e tradicionais) para diferentes fins pessoais e, ou, profissionais, de uma sociedade em rede que não para. A esse fenómeno dá-se o nome de convergência, que Henry Jenkins define como:

(...) o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de média, à cooperação entre múltiplos mercados mediáticos e aos comportamentos migratórios dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer lado à procura das experiências de entretenimento que desejam. (Jenkins, 2006, p. 2)

Na mesma linha de conceito, Inês Amaral¹⁷ define a cultura da convergência e as plataformas participativas como uma “mudança no panorama da comunicação”, uma vez que “sustentam um modelo orientado para a sociabilização que se baseia em software social e conteúdos criados pelo utilizador, reformula o processo tradicional de comunicação, transforma o papel do recetor e o conceito de esfera pública, introduz novas formas de sociabilidade e uma perspetiva multicanal da comunicação” (Amaral et al, 2017, p. 108).

Jenkins (2006), acredita que o conceito de convergência mediática consegue descrever as mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais, e depende sempre do seu consumidor. O autor em questão recusa-se a classificar a convergência como “um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos” (p. 4). O investigador prefere que seja representada como uma transformação cultural, que é procurada pelos consumidores que tencionam captar novas informações de diferentes meios e médias. Ao depender do consumidor, Jenkins (2006) acredita que a convergência acontece em momentos individualistas, “dentro dos cérebros dos consumidores (...) e das suas interações sociais com os outros” (p. 5):

¹⁷ Inês Amaral, Bruno Reis, Paula Lopes & Célia Quintas (2017) redigiram o artigo *Práticas e consumos dos jovens portugueses em ambientes digitais*, e pode ser consultado em <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/ec/article/view/70>

Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo mediático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre os média que consumimos. (Jenkins, 2006, p. 5)

Entretanto, Joy David Bolter e Richard Grusin (1999), na sua obra *Remediation: understanding new media*, apresentam também algumas reflexões sobre a convergência dos média. Afirmam que convergência e remediação são conceitos semelhantes e mútuos – “a *Internet* remodela a televisão assim como a televisão remodela a *Internet*” (p. 224) – e que pelo menos o telefone, a televisão e o computador fazem parte deste conjunto. Numa cultura visual como a nossa, são tecnologias importantes, híbridas, no sentido de ter mais do que uma funcionalidade na prática social, e imediatas. O imediatismo é uma das características mais presentes dos “novos” média, com a qual os média tradicionais não conseguem competir, e representa-se pela obtenção (de informação) rápida. Sempre que algum *medium* se apresenta ao público, e até parece tê-lo convencido da sua imediação, outro *medium* aparece e tenta apropriar-se dessa convicção. Tal como o *e-book* (livro digital), sendo uma versão remodelada e aprimorada do livro impresso, apresenta todas as características do imediatismo – rápido acesso ao livro num dispositivo específico. Os “novos” médias não vieram perturbar uma cultura analógica, eles emergem dos contextos culturais, das necessidades da sociedade e remodelam outros média que estão integrados em contextos parecidos ou iguais (Bolter & Grusin, 1999).

Os média tradicionais e os “novos” média são distintos em alguns aspetos, e como podemos reconhecer anteriormente, são semelhantes noutros. Os “novos” média são *media* tradicionais convertidos em representações digitais, codificados em vez de contínuos (Manovich, 2001). Enquanto que os média tradicionais são estáticos, os “novos” média apresentam a particularidade de vários tipos (imagens, vídeo, som, texto), serem exibidos num só e único dispositivo de multimédia. Ao mesmo tempo, os “novos” média são interativos, e o utilizador pode interagir, escolher o que vai exibir, contrariamente aos média tradicionais que apresentam uma ordem fixa (Manovich, 2001).

A evidência dos “novos” média e das tecnologias digitais não colocam os média tradicionais fora do seu papel. Jenkins afirma que “a história nos ensina que os média antigos nunca morrem, e nem necessariamente desaparecem”. O que morre “são simplesmente as ferramentas [distribuidores] que usamos para ter acesso ao conteúdo dos média”. Exemplificando: “O som gravado é o meio. CD’S, arquivos de MP3 e cassetes são as tecnologias de distribuição” (2006, p. 13). Deste modo, o cinema

não matou o teatro, a televisão não matou a rádio, nem as palavras impressas mataram as palavras faladas. Os média tradicionais coexistem com os “novos” média:

Cada meio antigo foi forçado a coexistir com os meios de comunicação emergentes. É por isso que a convergência parece mais plausível como forma de entender as últimas décadas de mudanças nos média do que o antigo paradigma de revolução digital. Os média antigos não estão a ser substituídos. Em vez disso, a sua função e estatuto são alterados pela introdução de novas tecnologias. (Jenkins, 2006, p. 14)

2.4. BREVE HISTÓRIA DO LIVRO

Contar a história do livro, é contar a história da humanidade. Ao longo dos séculos, sempre se sentiu a necessidade de assinalar a evolução, os erros cometidos e as conquistas vividas pelos seres humanos. Inicialmente, esse conhecimento era passado de geração em geração, através da tradição oral. Mariana Martins afirma que, por vezes, “a história do livro se confunde com a história da escrita, uma vez que, com o surgimento desta, houve a necessidade da criação de um suporte para ela” (Martins, 2020, p. 17).

Muito antes da invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, os livros eram escritos, e reescritos à mão, por figuras qualificadas, como monges, e outras figuras icónicas de altos escalões da sociedade, como por exemplo o clero. Segundo Roger Chartier, existiram três inquietações que dominaram a cultura da escrita: a perda, a corrupção dos textos e o excesso:

A primeira é o temor da perda. Ela levou à busca dos textos ameaçados, à cópia dos livros mais preciosos, à impressão dos manuscritos, à edificação das grandes bibliotecas. Contra os desaparecimentos sempre possíveis, trata-se de recolher, fixar e preservar. A tarefa, jamais finda, é ameaçada por um outro perigo: a corrupção dos textos. (...) Preservar o património escrito frente à perda ou à corrupção suscita também uma outra inquietude: a do excesso. A proliferação textual pode se tornar obstáculo ao conhecimento. Para dominá-la, são necessários instrumentos capazes de triar, classificar, hierarquizar. (Chartier, 1998, p. 99)

Todavia, o livro como o conhecemos hoje em dia, é um produto de inúmeras transformações ao longo dos anos – “Este é um objeto que passou por diversas mudanças na sua materialidade, ou seja, na sua forma de apresentação física, que determinaram novas formas de produção, circulação e

apropriação de tal objeto” (Martins, 2020, p. 17). A sua materialidade passou dos blocos de argila para o pergaminho.

Os blocos de argila, sabe-se que foram o primeiro suporte das primeiras páginas escritas, que depois eram conservadas em caixas de couro (Martins, 2020). O segundo material que começou a ser utilizado para escrever foi a madeira, “na qual eram talhadas as informações” (Martins, 2020, p. 18). “Havia também um suporte de cera com uma moldura de madeira, que [lhe] proporcionava uma forma quadrada” (p. 18), bem semelhante ao formato do livro que conhecemos hoje em dia. O terceiro material a ser utilizado para gravar texto foi o papiro, que surgiu no Egito, e era produzido por uma planta chamada *Cyperus papyrus*. Esta planta crescia nas margens do rio Nilo, e o texto era “escrito em colunas e ficava fechado em rolos, que eram desenrolados à medida em que se lia” (p. 18). Apesar das suas numerosas vantagens, o papiro não se tornou na técnica mais regular para registar texto, visto que a matéria-prima tinha elevados custos na sua produção, e era difícil de extrair, pois dependia sempre das cheias e, ou, secas do rio Nilo. Por último, surgiu o pergaminho, um material originário das peles dos animais, que veio como alternativa ao papiro, por volta de 190 a.C. Foi com o pergaminho que se alcançou o formato códice ou *codex*, modelo muito idêntico ao que conhecemos hoje. O pergaminho era um material bastante maleável, que podia ser dobrado, era mais prático e mais leve do que todas as outras técnicas anteriores, o que o tornou no suporte mais usado na Europa, a partir do século I:

Nessa época, as folhas agrupadas em forma de livro tinham capas de madeira, que serviam para proteger as folhas, mas também para mantê-las estendidas. Depois, as capas de madeira foram substituídas por outros materiais, normalmente bastante decorados, como marfim, por exemplo. (Martins, 2020, p. 18)

A origem do livro como o conhecemos hoje remonta à Idade Média, e com a ascensão e domínio da Igreja sobre a escrita, e conseqüentemente, sobre os livros, os elementos do clero, e alguns nobres, eram os únicos elementos da sociedade alfabetizados e com acesso à leitura e à escrita (Martins, 2020). Só “a partir do ano 1000 a leitura passou a ser, aos poucos, difundida na sociedade” (p. 19). Mariana também afirma que “o aumento do número de pessoas alfabetizadas, o surgimento de novas técnicas de gravura, como a litografia e xilografia, [e] o aparecimento das universidades contribuíram para a aceleração da produção do livro (...)” (Martins, 2020, p. 19).

Contudo, a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, no século XV, revolucionou por completo toda a produção editorial, e a própria relação entre leitor, leitura e escrita (Marçal, 2018). Esse passo na história da humanidade definiu para sempre o que é o livro impresso, que passou de cópia

manuscrita como “única forma de garantir a multiplicação e a circulação de textos” (Martins, 2020, p. 19), para uma produção em grande escala, acessível a muito mais pessoas, como uma espécie de *World Wide Web* da Idade Média. Naquela altura, os livros impressos ganharam muita fama e reconhecimento, devido à “uniformidade de textos e do preço relativamente barato” (p. 19), e em virtude da sua semelhança com os manuscritos (formato ao qual as pessoas estavam habituadas), e à arte dos escribas (Martins, 2020).

Roger Chartier, defende o mesmo ponto de vista, pois para o autor, o livro pré Gutenberg¹⁸, não é, de tal maneira, profundamente diferente do livro pós Gutenberg:

Em meados da década de 1450, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, e de repente uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura escrita. O custo do livro diminuiu, através da distribuição das despesas pela totalidade da tiragem (...). Analogicamente, o tempo de reprodução do texto é reduzido graças ao trabalho da oficina tipográfica.

Contudo, a transformação não é tão absoluta como se diz: um livro manuscrito (sobretudo nos seus últimos séculos, XIV e XV) e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais – as do códex. (Chartier, 1998, p. 7)

Chartier explica que os livros impressos de Gutenberg eram “montados, costurados uns aos outros e protegidos por uma encadernação” (Chartier, 1998, p. 7). E mesmo a paginação, a distribuição do texto, as numerações, sumários e índices, já existiam na época do manuscrito, sendo que Gutenberg apenas herdou essa prática, e mais tarde, essas técnicas, foram continuadas na produção do livro moderno:

A hierarquia dos formatos, por exemplo, existe desde os últimos séculos do manuscrito: o grande in-fólio que se põe sobre a mesa é o livro de estudo, da escolástica, do saber; os formatos médios são aqueles dos novos lançamentos, dos humanistas, dos clássicos antigos copiados durante a primeira vaga do humanismo, antes de Gutenberg (...). (Chartier, 1998, pp. 8-9)

Em Portugal, a imprensa chegou por volta do século XVIII, nomeada como Imprensa Nacional Portuguesa, e o seu objetivo principal era contribuir para a educação e instrução dos cidadãos portugueses, levando a que o conhecimento alcançasse um maior número de pessoas, fazendo a divulgação da cultura e língua portuguesa (Martins, 2020). Apesar de o primeiro livro impresso, seguindo

¹⁸ A verdade é que a escrita copiada à mão pelos copistas, permaneceu durante muito tempo, mesmo após a invenção da imprensa de Gutenberg, entre os séculos XVIII e XIX. Estas eram destinados a livros proibidos, “cuja existência devia permanecer secreta” (Chartier, 1998, p. 9).

os métodos de Gutenberg, ter chegado a Portugal em 1487, por um judeu de Faro, só em 1768, quase três séculos depois, é que, por iniciativa da reforma pombalista do reinado de D. José I, se criou a Imprensa Régia (Martins, 2020). Por determinação do Marquês de Pombal, a imprensa portuguesa surgiu para combater, em contexto pedagógico, a “influência jesuíta no domínio cultural e científico”, que recaía sobre território nacional. Para além de um plano de difusão de cultura e conhecimento, a imprensa portuguesa, “foi construída como oficina tipográfica régia, atendendo à lógica reformista já amplamente enquadrada pelo iluminismo Europeu” (Martins, 2020, p. 20). Era voltada para a edição científica, didática e religiosa, que visava captar o maior número possível de indivíduos.

Marshall McLuhan (2013), em *Understanding the media* afirmava que “o livro impresso foi a primeira máquina de ensino e também a primeira mercadoria produzida em massa” (p. 229), pois visava expandir informação, ensino e cultura a larga escala. Ao ter em conta toda a sua dinâmica, “as produções feitas a partir da tipografia podem ser vistas como as primeiras representações do conhecimento acessível a todos, levando em consideração a alfabetização” (Dantas, 2011, p. 17), mas também o próprio ato inócuo e básico de leitura.

Foi realmente o primeiro passo para a desconstrução do desconhecimento, e o disputar para a ambição e curiosidade. Até aos dias de hoje, foram criadas inúmeras e incontáveis publicações, que se vai adicionando à história do livro, e assim continuará, fazendo com que o universo livreiro continue a crescer sem fim à vista.

2.5. CONCEITO DE *E-BOOK*

Em 1992, o escritor Robert Coover (1992) divulgou a “morte” do livro, num artigo intitulado *The End of Books*, publicado no *The New York Times*. Com a considerável carga tecnológica existente dos anos 90, Coover previu que um dia os média impressos seriam uma “tecnologia condenada e desatualizada” (Coover, 1992), que tinha os seus dias contados, e que o seu destino final seria nas empoeiradas bibliotecas. Ainda assim, o cenário apocalítico da sentença do livro como nós o conhecemos, não aconteceu. Atualmente, a produção dos média tradicionais, como os livros, prossegue, assim como, mesmo em menor escala, revistas e jornais.

É inegável que a nossa sociedade atual é uma sociedade rápida, com preferências imediatas, que exige um consumo de facilitismo e comodismo diariamente. Os livros digitais ou *e-books* trouxeram exatamente aquilo que um conjunto de leitores contemporâneos exige: “uma nova forma de leitura em dispositivos eletrónicos já existentes, facilitando a vida a qualquer pessoa que quer ler, a qualquer hora,

em qualquer lugar” (Silva, 2019, p. 37). O leitor ou a leitora de *e-books* encontrou uma forma de aceder à leitura e aos livros com ferramentas estimulantes (como os *smartphones*, os Tablets, os computadores e dispositivos específicos para essa atividade, os *e-readers*), que contribuíram ainda mais para que as práticas de leitura fossem aumentando, assim como a literacia. Ana Silva (2019) afirma, de forma simplificada que um *e-book* é “a representação eletrónica do livro impresso, que pode ser acedido em qualquer altura e que carrega consigo a possibilidade de aceder a livros antigos e até mesmo esgotados em lojas físicas, uma vez que não existe um stock *online* [limitado], garantindo a constante disponibilidade dos mesmos” (p. 37). Mais ainda, são livros normalmente mais baratos comparativamente aos livros impressos, pois não passam pelo processo rígido da impressão.

Em Portugal, o *e-book* ainda não contempla uma grande quantidade de leitores, face a outros países da União Europeia, visto que também não conseguimos competir com as taxas de leitura de livros no geral, independentemente do formato. No entanto, de acordo com Silva (2019), a adoção ao livro digital tem vindo a progredir favoravelmente, o que pode ter a ver com o facto de a população portuguesa estar cada vez mais associada à *Internet* e às tecnologias digitais.

Vive-se num panorama de convergência e de dualidade em relação ao livro, em que uns negam a morte do impresso sobe o digital, e outros apoiam consideravelmente que o fim do livro tradicional, mais tarde ou mais cedo, é inevitável. E ainda há quem simplesmente considere os dois formatos para leituras e ocasiões diferentes.

2.5.1. DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE *E-BOOK*

A definição de *e-book* resulta da abreviatura *electronic book* “introduzido por Alan Kay com a sua proposta do *Dynabook*, um computador pessoal portátil, em 1968” (Silva, 2019, p. 37).

De acordo com o dicionário, *e-book* é um livro de suporte eletrónico compreendido num dispositivo eletrónico portátil com ecrã que permite visualizar texto(s) armazenado(s) (Porto Editora, 2020). Já Arthur ASA Berger (2016), no seu livro *What objects mean: an introduction to material culture* define os *e-books* como “arquivos de texto eletrónicos protegidos que imitam a formatação de livros impressos e podem ser lidos em dispositivos como *smartphones*, Tablets, computadores pessoais e, especialmente, leitores de *e-books* próprios, como o *Kindle* da *Amazon*” (p. 248). Ainda assim, Taísa Rodrigues Dantas (2011), na sua dissertação de mestrado *Letras eletrónicas: uma reflexão sobre os livros digitais* retrata o *e-book* como sendo “a edição em formato digital do texto de um livro” (p. 23). Entretanto há quem já faça referência ao *e-book* via o próprio dispositivo para ler livros eletrónicos, como

por exemplo os *e-readers*, e num todo, *e-book* deixa de ser apenas o texto em si, e passa a ser toda a atividade por detrás do texto, do livro, do formato e do dispositivo utilizado. Até há pouco tempo pensava-se nos *e-books* apenas como versões digitalizadas de um livro já publicado em formato impresso, o que, por consequência, acabou por limitar o sentido do que seria efetivamente um livro digital (Dantas, 2011).

Sendo que atualmente os conceitos são vários na definição do que é um livro eletrónico, e uma vez que não existe um consenso na comunidade científica, podemos definir *e-book* com base em quatro possibilidades: conteúdo, que se refere à propriedade intelectual; formato, referindo-se ao documento ou ao formato do arquivo; leitor, que se refere ao software; e o aparelho de leitura, que se refere ao aparelho portátil ou hardware de leitura (Dantas, 2011).

É, portanto, um objeto digital com conteúdo textual e multimédia, que resulta da união da cultura do livro impresso como sempre o conhecemos e da cultura da multimédia, sendo esta a que permite “integrar no conceito do livro componentes do meio eletrónico e digital” (Silva, 2019, p. 37).

2.5.2. HISTÓRIA DO E-BOOK

Como qualquer outra tecnologia, o *e-book* passou por algumas transformações até chegar ao formato que hoje é conhecido. Antes de chegar a um conceito *mainstream*¹⁹, o *e-book* começou apenas como uma ideia. O primeiro *e-book* surgiu em 1971 com o Projeto Gutenberg, “uma biblioteca digital de livros para domínio público com a visão de criar versões digitas de obras literárias e disponibilizá-las pelo mundo inteiro (Carvalho, 2012, p. 7). O primeiro livro eletrónico a ser digitalizado foi a Declaração da Independência dos Estados Unidos da América (Silva, 2019), e tudo começou porque Michael Stern Hart, fundador do Projeto Gutenberg, desejava disponibilizar “o maior número de obras literárias de domínio público” (Silva, 2019, p. 38) ao maior número de pessoas, acreditando que era com os *e-books* que ia chegar ao seu objetivo. O projeto Gutenberg tornou-se “na maior biblioteca digital do mundo, divulgando milhares de obras de forma gratuita e que podem ser lidos em quase todos os computadores, *smartphones* e *Tablets*” (p. 39). A seguir à imprensa fundada por Johannes Gutenberg, este projeto, inspirado no nome do inventor, foi o maior passo no setor livreiro, “permitindo uma transmissão de cultura entre todos os povos, reduzindo o fosso digital, instituindo o conceito de igualdade e a oportunidade de todos adquirirem conhecimento apesar das diferenças económicas, educacionais e culturais” (p. 39).

¹⁹ *Mainstream* vem originalmente do inglês, e significa “corrente cultural ou ideológica que é mais divulgada ou dominante em determinado local e período” (Priberam, 2022).

Foi então com a invenção da *World Wide Web*, por volta dos anos 90, e com a difusão da *Internet*, não só nos Estados Unidos da América, como no resto do mundo, que algumas editoras começaram a apostar na publicação de obras digitais, com o devido consentimento dos autores, e utilizavam a própria *Internet* como ferramenta de marketing, pois acreditava-se que os *e-books* iam ser a nova aposta do mercado (Carvalho, 2012). No ano de 1997, a publicação digital já era frequente na *Internet* (Carvalho, 2012), e o primeiro *e-book* a ser criado com fins comerciais foi um dicionário em formato digital da editora Random House (Silva, 2019).

Em 1993 aparece o *The Online Books Page* criado por John Mark Ockerbloom, uma livraria *online* de livre acesso a qualquer pessoa de qualquer lugar do mundo (Silva, 2019). Nesse mesmo ano, a *Adobe* lança o *Acrobat Reader*, e em 1995, a *Amazon* entra no mercado de livros eletrónicos, iniciando as suas vendas *online*. Em 1997, mais uma biblioteca digital é criada, desta vez a *Conference of European National Libraris* (CENL), que criou o *Gabriel*, um portal em 3 línguas (inglês, francês e alemão), que juntava todas as bibliotecas nacionais e os seus catálogos num só site, no entanto, desde 2016 que não recebe qualquer atualização (Silva, 2019). Foi em dezembro de 1998 que a Comissão Europeia passou a notícia que 1000 bibliotecas públicas dos 26 países da União Europeia, “possuíam o próprio *website*, sendo que o país com mais bibliotecas era a Finlândia, com 247 e, em último lugar, Portugal com apenas 3” (p. 39). No final da década de 90, e com a entrada do novo século, acreditava-se que o *e-book* ia render muito, fazendo crescer as livrarias e as editoras que adotassem esta “nova” tecnologia. A digitalização de qualidade com *scanners* melhorados, acelerava o processo de publicação, sendo que eram as publicações digitais e documentos e livros académicos e científicos as que mais se produziam, pois, eram também mais baratas que a impressão (Carvalho, 2012). No entanto, a expectativa criada em relação ao “boom” dos *e-books*, e as tais previsões otimistas não aconteceram, principalmente devido ao mau marketing, à falta de obras digitalizadas, aos elevados preços, e ao facto dos *e-readers* serem pouco atrativos, levando a que o consumidor não aderisse com tanta facilidade (Carvalho, 2012). A adesão ao *e-book* foi de tal forma fraca, que a maior cadeia de livrarias dos Estados Unidos da América, a *Barnes & Noble* teve de fechar a sua loja *online*, “levando alguns especialistas na altura dizer que os *e-books* iriam provavelmente ser um falhanço” (p. 8). Contudo, em 2000, Stephen King vendeu 400 mil cópias em 24 horas do seu livro *Riding Bullet*, um *e-book* criado de raiz, tornando-se no “primeiro *e-book* vendido em massa por todo o mundo” (Silva, 2019, p. 39). A partir desse momento, várias editoras começaram a vender cópias dos seus livros, realizando parecerias com os autores e adotando sempre os melhores formatos e as mais recentes tecnologias, como por exemplo a tinta eletrónica (*e-ink*), do *Sony Reader* (Silva, 2019).

Mas foi no ano de 2007 que a situação da venda de *e-books* começou a melhorar, pois este ficou marcado pelo lançamento do *Kindle* da *Amazon*, que cresceu exponencialmente, uma vez que apostou num catálogo de livros digitais dez vezes maior às das outras livrarias (Silva, 2019). O *Sony Reader* também marcou a sua posição no mercado livreiro, fazendo com que ambos marcassem profundas mudanças na indústria (Carvalho, 2012). Com a *Internet*, o *e-commerce* além-fronteiras subiu consideravelmente, já que as pessoas preferiam comprar livros através da *Internet* do que dirigir-se a uma livraria e comprar. A verdade é que várias livrarias, principalmente pequenos negócios de rua, foram fechando, pois não lhes era possível competir com as grandes superfícies, como a *Amazon* – que para além de vender *e-books* vendiam também livros impressos – e outras lojas *online* que criaram um “oligopólio²⁰” (Silva, 2019, p. 40)

Para além do *Kindle* da *Amazon* e do *Sony Reader* da *Sony*, várias outras empresas criaram os seus próprios negócios de *e-books* e *e-readers*. A *Barnes & Noble*, mesmo com percurso agitado, com o fecho da loja *online*, reabriu em 2009 para competir com a *Amazon* e criou o seu próprio *e-reader*: o *Nook* (Carvalho, 2012). A *Apple* lançou-se no mercado dos livros digitais em 2008, mesmo depois de Steve Jobs ter recusado tal, dizendo “*não interessa o quão bom o produto é, as pessoas já não leem*” (Carvalho, 2012, p. 10). Iniciou com a venda de *e-books* através da loja *online iTunes*, e em 2010 lançou o *iPad*, que mesmo não sendo exclusivamente um *e-reader*, desempenha essa função. Por fim, a *Google* entrou no mercado dos *e-books*, em 2004, lançando a plataforma *Google Books*, uma biblioteca digital com diversos *e-books* grátis, e em que outros podem ser comprados por um preço estipulado pela editora que os vende (Carvalho, 2012).

Em Portugal, sabe-se que o primeiro *e-book* a ser editado foi em 1999 pela editora Centro Atlântico, segundo a Direção Geral do Livros, dos Arquivos e das Bibliotecas. Por volta de 2011, as editoras portuguesas tinham poucos *e-books* em catálogo, e o grupo que liderava o mercado era a Leya, que continha 200 obras, ficando muito atrás em relação a outros países da Europa (Silva, 2019). Hoje em dia, é possível verificar nas livrarias *online* vários livros sendo vendidos em versão impressa, e versão *e-book*, sendo esta quase sempre mais barata. Normalmente são livros mais recentes, ou reedições melhoradas de alguns títulos, e que podem ser comprados nas três principais livrarias *online* portuguesas, a Wook, a Bertrand e a Fnac.

De ano para ano, os *e-books* ganham espaço e credibilidade nos consumidores, ao ponto de, devido ao crescimento substancial do mercado, começarem a aparecer os *enchanced ebooks*, que são *e-books* “com elementos multimédia, como áudio, vídeo, animações ou realidade aumentada e que se

²⁰ “Mercado em que só há um pequeno número de vendedores para uma multidão de compradores” (Priberam, 2022).

tornaram o fator diferenciador que garantem a sua sustentabilidade” (Silva, 2019, p. 40). Os *e-books* passaram de meras digitalizações de textos impressos, para autênticos dispositivos de multimédia, onde é possível fazer de tudo um pouco. No entanto, ainda não é possível dizer que o *e-book* substituiu por completo o livro impresso, e de que será o futuro da leitura, uma vez que essa questão fica dividida entre consumidores do livro em papel e o do livro digital.

CAPÍTULO 3

3. IMPRESSO VS DIGITAL

Desde os anos 1990 que existem dúvidas e questões sobre se os livros impressos e os *e-books* “seriam antagónicos ou complementares” à leitura (Silva, 2019, p. 41).

O livro não foi o primeiro a passar por este tipo de mudanças, pois começou com a música, a imprensa e a pintura. De facto, “são cada vez mais as pessoas que procuram discos em vinil; que o jornalismo, apesar de ser maioritariamente consumido *online*, continua a sustentar os seus custos através do papel; que a rádio não foi substituída pela televisão e que a televisão não foi substituída pelo cinema” (Silva, 2019, p. 41). Mais recentemente, surgiu a tecnologia dos *Non-Fungible Tokens*²¹, mais conhecida como NFT. A sua definição é variada, mas podemos assumir que “representa um registo único e inalterável que é inserido numa cadeia de *blockchain* – o mesmo sistema utilizado na base das criptomoedas -, tendo como objetivo atestar a autenticidade de um determinado conteúdo e atribuir propriedade ao seu detentor” (Traqueia, 2022). Através desta rede são vendidas obras de arte digital, bilhetes raros e únicos de futebol, fotografias de acontecimentos marcantes²², *memes* da *Internet*, entre muitas outras peças. Mas não será por isso que os museus de arte fecharão, pois continuará a existir consumidores e público para ambos.

Lynn Coady (2016) apontou, na sua obra *Who needs books? – Reading in a digital age* que durante muitos anos, o inimigo do livro foi a televisão (Coady, 2016) Hoje é a *Internet* quem mais cria entrave na cultura do livro, é o mais recente “bicho papão”, aquilo que os escritores ‘sérios’ sentem de maneira indireta para a evitar:

²¹ Em português traduz-se para “registo não fungível” (Traqueia, 2022).

²² O empresário Jack Dorsey vendeu o seu primeiro NFT sendo que este era uma imagem do primeiro tweet publicado na plataforma. Rendeu-lhe cerca de 2,56 milhões de euros, simbolizando um momento histórico no desenvolvimento das redes sociais (Traqueia, 2022).

Ao contrário do diabrete da televisão, que nos sugou para os ecrãs, o demónio da Internet possui a nefasta capacidade de se comunicar ativamente connosco, de invadir os nossos bolsos por meio de iPhones, os nossos ouvidos por fones de ouvido, as nossas mentes por meio de conteúdo intelectual de teclados e toque dos ecrãs. (Coady, 2016, p. 26)

Coady (2016) vê a cultura digital como uma promotora de “má arte” (p. 32), que “drena a empatia humana, torna-nos estúpidos, obsessivos, indiferentes, preguiçosos e gordos” (p. 32). Quase que a classifica como um mostro que nos espera no final do nosso percurso, e aceita que o livro, a escrita e a literatura estão em transição, e que essa mudança é inevitável. Já a cultura do livro, Coady vê-a como alfabetização, empatia, comunicação humana e leitura (Coady, 2016).

Ainda assim, cada livro é um livro, e cada leitor é um leitor. De acordo com Matt Haig:

A questão não é tanto o que se lê, mas antes como se lê. Um escritor até pode dar início a uma história, mas essa história só ganha vida com o leitor. E um livro nunca vive duas vezes da mesma forma. A narrativa não tem só que ver com as palavras que a compõem, mas também com quem lê essas palavras. Essa é a equação variável. É aí que reside a magia. A única coisa que um escritor pode fazer é oferecer um fósforo (...). Depois, é o leitor que tem de acender essa chama e dar vida ao livro. (Haig, 2021, p. 341)

3.1. O LIVRO IMPRESSO E O LIVRO DIGITAL (E-BOOK)

Existem várias diferenças que colocam o livro impresso e o *e-book* em divergência, começando pela mais óbvia: um formato é em papel, e o outro é um ficheiro digital lido em ecrãs.

Arthur ASA Berger (2016), na sua obra de referência, assegura que “não são apenas as ideias nos livros que são importantes, mas também a sua natureza física – o papel e as linhas do material impresso que nos trazem essas ideias, bem como histórias e imagens (...)” (p. 248). A materialidade dos dois formatos é o que mais se aponta como distinção entre os dois. Assume-se, por natureza, que o livro impresso é um objeto no qual podemos tocar, folhear, cheirar e segurar contra nós, criando aquilo que se chama de “pensamento linear” (p. 249). Berger afirma que “quando lêes um livro, podes andar para a frente e para trás, rever o que leste quantas vezes quiseres, destacar certas passagens com marcadores e escrever comentários nas margens sobre o que leste” (p. 249). Com o livro digital isso já não acontece, da maneira como estamos habituados. Com desenvolvimento da tecnologia e da tinta eletrónica (*e-ink*), todas estas ações consideradas analógicas podem ser facilmente reproduzidas num *e-*

reader, num Tablet ou num *iPad*. Como por exemplo, a plataforma *online GoodNotes*²³, cujo conceito base é criar uma comunidade vasta de estudantes, para que estes possam partilhar com qualquer pessoa do mundo os seus resumos de aulas, sejam elas da faculdade ou ensino básico e secundário. Contudo, o conceito vai mais além do que a partilha, visto que ao abrir a plataforma, deparámo-nos com o *slogan Leave Paper Behind: Take beautiful: searchable handwritten notes with the note-taking app that turns your iPad into digital paper*.²⁴ A partir desta plataforma, é possível tirar notas em ecrãs em vez de papel, com tinta eletrónica, em vez de tinta normal e com uma caneta específica para escrever em ecrãs. E para além de tudo, já existe também no mercado, uma película que se coloca no nosso dispositivo, simulando a textura do papel, chamada *Paper-Like*²⁵, tornando cada vez mais, todo o processo semelhante a um livro tradicional.

Os livros, desde sempre, permanecem num estado intimamente ligados a ideias do modernismo, como por exemplo “a liberdade de expressão e argumentação racional na esfera pública” (Kuusela, 2016, p. 1). No artigo de Hanna Kuusela (2016), a autora recorre ao editor Jason Epstein, referindo que “a imprensa deu origem à reforma, ao iluminismo, às revoluções científica e industrial e às sociedades que daí resultaram: noutras palavras, é o nosso mundo atual com todas as suas maravilhas e desgraças” (p. 1). Ainda assim, Kuusela (2016), apoiando-se na autora N. Katherine Hayles, aponta que “os textos estão sempre incorporados nalgumas materialidades, e a literatura é entendida melhor como a interação entre forma, conteúdo e meio” (p. 2). A autora divide a materialidade do livro em quatro momentos distintos. Em primeiro lugar, “livro” pode referir-se a um paralelepípedo materialmente tangível e a um conteúdo textual que pode ter diferentes modalidades materiais. Em segundo lugar, um livro pode ser apenas uma ideia imaterial metafísica e uma cópia material de um manuscrito. Em terceiro lugar, o mesmo livro pode ser lançado em diferentes formatos, em diferentes tipos de capas e lombadas ao longo de décadas e pode também apresentar diferentes traduções. Mesmo assim, é chamado de livro. Por último, ela faz a distinção entre o impresso e o digital, afirmando que, tanto um *audiobook* como um *e-book* são, na mesma posição, livros, embora nenhum deles tenha nada a ver com o livro impresso, feito de papel e tinta. A verdade é que os livros impressos são “acima de tudo fixos e estáveis”, proporcionando uma “sensação de que o que é encontrado em texto foi finalizado, atingindo assim um estado de conclusão” (Kuusela, 2016, p. 3).

Contrariamente a toda a ‘estaticidade’ do livro impresso, o *e-book*, apresenta uma particularidade que lhe proporciona uma dinâmica não linear: o hipertexto. O hipertexto permite-nos navegar numa

²³ A plataforma pode ser consultada em: <https://www.goodnotes.com/>

²⁴ Em português: “Deixa o papel para trás: Faz anotações à mão bonitas e pesquisáveis com a aplicação de anotações que transforma o teu *iPad* em papel digital.

²⁵ Em português: “Como papel”.

enorme e vasta rede de informação interativa, saltando de página em página na *Internet*. De acordo com Robert Coover, o hipertexto “fornece vários caminhos entre os segmentos de texto, agora frequentemente chamados de ‘lexias’ (...). Com as suas teias vinculadas, as suas redes de rotas alternativas (em oposição à viragem da página unidirecional fixa da impressão), o hipertexto apresenta uma tecnologia radicalmente divergente, interativa e *polivocal*, favorecendo uma pluralidade de discursos sobre a enunciação definitiva e libertando o leitor da dominação do autor” (Coover, 1992). O hipertexto veio revolucionar completamente todo o processo da leitura e da pesquisa de informação quase infinita, de uma vez que nos é possível clicar em *links*, continuamente, e aceder a vasta informação de uma só vez, como por exemplo com as notícias de jornais *online*. Eliana Gonçalves Gomes (2018) garante que “o texto eletrónico proporcionou a flexibilidade, a acessibilidade e a partilha imediata de conteúdo; o acesso ilimitado aos textos de forma instantânea, tanto em formato escrito como a imagens ou sons” (p. 17). Ela também reforça a ideia de que o hipertexto é a verdadeira transformação do texto em papel para o texto eletrónico que é visualizado em ecrãs, através de pixels –“O texto deixa de ser uma escrita encerrada em si mesma, pois o hipertexto potencia a ligação aos mais diversos discursos, permitindo uma interação infinita entre subtemas que o texto inicial aborda” (Gomes, 2018, p. 17). Sven Birkerts, no seu livro *The Gutenberg elegies*, define de forma peculiar, o termo hipertexto:

(...) o hipertexto assemelha-se às operações já familiares do processador de texto. O texto não se acumula visivelmente, mas rola e volta para o esquecimento. As palavras não ficam fixas na página opaca, mas flutuam no hiperespaço quase dimensional. Não só podem ser movidos ou alterados à vontade, como qualquer parte do texto pode, teoricamente, marcar o início de outra narrativa ou percurso expositivo. O texto pode ser programado para acomodar saídas ramificadas ou para incorporar elementos visuais e documentos. O usuário solitário pode esculpir textos como quiser, quebrando narrativas, arranjando linhas em diversos padrões, ou criando “janelas” que permitem ao leitor escolher a quantidade de informação ou descrição que deseja. (Birkerts, 2006, p. 160)

De um ponto de vista semiótico, Gunther Kress e Theo Van Leeuwen (2001), em *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication* caracterizam a escrita como uma forma multimodal²⁶ da comunicação, quando associada a outros, como a fala, os gestos e as imagens (Kress & Leeuwen, 2001). A escrita pode ser representada em gravuras de pedra (como já vimos anteriormente), como caligrafia em certificados e acórdãos, como impressão em papel, e mais recentemente em ecrãs digitais. Todas essas transformações “adicionam mais camadas de significação”

²⁶ Coexistência de duas ou mais modalidades de comunicação.

à escrita (2001, p. 7). Eles explicam que a “perda é sentida com mais força quando conteúdos familiares são embalados em novos média” (p. 90), como por exemplo quando um filme num grande ecrã de cinema passa a ser visto em ecrãs mais pequenos como as televisões e computadores, ou um livro impresso que passa de um objeto físico e material que pode ser tocado, para um ecrã de um computador ou de um *e-reader*. Os linguistas também assumem que “a mensagem do meio não é uma só: significa o fim de uma forma de consciência e o início de outra, e depende do nosso interesse, de quem nós somos e do que é que nós fazemos” (p. 92).

O papel impresso permite que a mensagem seja preservada e distribuída em massa. Por exemplo, o papel utilizado para produzir uma revista “transmite os significados quase inefáveis, mas muito importantes (Kress & Leeuwen, 2001, p. 122), como o brilho e o glamour de uma revista de moda, ou o aspeto que um livro bastante antigo carrega, dando a sensação de conhecimento e sabedoria. As diferenças comparadas entre uma imagem imprimida com qualidade e colorida, ou a mesma imagem num dispositivo digital são evidentes, uma vez que se perde o elemento crucial do poder sedutor da revista. Aplica-se o mesmo princípio ao livro, e toda a carga cultural que ele carrega, como as sensações olfativas e o toque que o livro impresso nos proporciona. A forma como estes objetos de leitura são encadernados e a qualidade do papel “permitem que seja folheado, recortado” (p. 122), sublinhado e dobrado. Estas características não estão presentes nos *e-books* ou *e-texts*, mas revelam-se importantes na era da interatividade (Kress & Leeuwen, 2001). Os *e-books* são originários de um processo de remediação, em que um meio representa o outro, melhorando-o, ou adaptando-o às necessidades da sociedade – “Este processo é a representação de um meio noutra, ilustrando o método pelo qual os “novos” média dão um novo vigor aos meios mais antigos” (Silva, 2019, p. 38). Contudo, estes apresentam um impacto na sociedade, e Kress e Leeuwen (2001) mostram-se preocupados com o facto de que as “novas” tecnologias passem do estágio de recodificação, no sentido de melhorar um média antigo, ou transmissão de conteúdo já existente, para um desenvolvimento de um potencial semiótico próprio, em que o elemento tecnológico fica em segundo lugar.

O certo é que, a materialidade dos objetos altera as formas sociais, e estes são, muitas vezes, tópico de conversa numa sociedade de alto consumo, que acaba por a moldar. Tim Dant (1999), na sua obra *Material culture in the social world: values, activities, lifestyle*, afirma que as coisas que as pessoas compram identificam-nas socialmente (Dant, 1999). A cultura foi sempre a melhor maneira de mostrarmos como nós vivemos como sociedade, como partilhamos valores e experiências e como criamos, produzimos e comunicamos. O que as pessoas possuem, em termos materiais, moldam a sua personalidade, e a personalidade é a permanência do clã, daí existir uma ligação entre o sujeito e o

objeto. O livro oferece estatuto. Mesmo que não sejamos leitores assíduos, possuir um acervo considerável de livros impressos dá-nos o rótulo de pessoa inteligente e sábia. Em contrapartida, os leitores ou detentores de *e-books* aparentam ser pessoas mais modernas, conectadas com as “novas” tecnologias e ligadas a uma sociedade dos ecrãs, que acompanham o desenvolvimento do conhecimento rápido e da informação imediata (Dant, 1999). Mas afinal, a que se deve uma cultura material? Tim Dant afirma de maneira simples que:

Num sentido prático, o que é material é aquilo que podemos ver, tocar e cheirar, mas que não é humano ou animal. A cultura é o conjunto de práticas humanas comuns que circundam os objetos materiais – as formas de usar o material, de compartilhá-lo, de falar sobre ele, de nomeá-lo e de fazê-lo. Essa cultura, é, no entanto, dinâmica e variável, de modo que as respostas individuais irão adaptar-se e alterar essas práticas comuns. Os “artefactos” feitos por humanos podem ser distinguidos das formas naturais que existiram independentemente de os seres humanos existirem. Mas essa distinção começa a desfazer-se quando os objetos naturais encontrados são constituídos socialmente pela cultura que nomeia, descreve e incorpora, montanhas, rios, pedras, plantas e assim por diante. (Dant, 1999, p. 11)

Os livros, sejam eles impressos ou digitais não atuam apenas pelo meio da escrita, mas assumem também uma forma material bastante distinta e particular, que os situa como objetos dentro de uma cultura: eles mantêm a informação segura (Dant, 1999). Claro que os dois formatos são distintos, mas a verdade é que, o ecrã, cada vez mais se aproxima da página impressa. Dant afirma que a imagem do ecrã é composta por *pixels* que limitam a qualidade de definição das formas, e que fornece uma imagem bidimensional que mostra proporções precisas de formas, tons e cores, e até representações do real e do artificial (Dant, 1999).

Contudo, no que toca ao conteúdo, os *e-books* são sobretudo iguais aos livros impressos, “e o que realmente acaba por gerar a diferenciação é o facto dos eletrónicos terem por necessidade seres intermediados por um dispositivo digital, seja específico para a leitura ou mesmo um computador” (Dantas, 2011, p. 24). Isto porque os livros digitais fazem parte da lista daquilo que são os “novos” média, em que para que sejam executados precisam de uma máquina tecnológica, e não somente da mão do ser humano.

Neste universo digital, o livro “perde tudo com o códice”. Isto porque, a “perspetiva de que algo termina quando se acaba e fecha um livro deixou de existir”. E essa ideia de continuidade da qual *e-book* é tão característico, “é alimentada por múltiplas referências do mundo digital que conduzem os leitores para outros textos ou conteúdos multimédia, como o vídeo”, ou as imagens (Gomes, 2018, p. 34). O

aparecimento dos *e-books* não fez de todo com que as pessoas excluíssem o livro impresso das suas vidas, pois a maior parte dos estudos feitos em prol das preferências do público, indicam que o impresso ganha pela maioria, na comunidade de leitores (Ludovico & Muller, 2007).

3.2. VANTAGENS E DESVANTAGENS DO LIVRO IMPRESSO E DO LIVRO DIGITAL (*E-BOOK*)

Eliana Gonçalves Gomes (2018), na sua dissertação de mestrado intitulada *Um estudo sobre o futuro do livro: entre impresso e digital*, dita que a “escolha entre o livro impresso e o digital é influenciada pela atitudes e necessidades dos leitores” (p. 33). Logo, é preciso enunciar quais são as vantagens e desvantagens de cada formato, de maneira a comparar os dois ‘universos’.

Segundo Eliana Gomes (2018), a primeira vantagem que é apontada em relação aos *e-books*, é o preço, dado ao facto de os livros digitais, serem normalmente, mais baratos que os livros impressos. Isto porque, o livro tradicional “exige a passagem por um processo de impressão, de encadernação e de distribuição, cujos dividendos são necessários para a sobrevivência de muitas editoras” (p. 33). Contudo, uma desvantagem apontada é o facto de, com a produção de livros digitais, muitas indústrias acabarão por entrar em falência, de uma vez que a produção de papel não move somente as editoras, mas todo um conjunto de empresas, como por exemplo aquelas que ficam encarregues da produção e distribuição.

Os *e-readers* também acabam por complementar uma desvantagem para com o *e-book*, devido à variedade que existe no mercado. Diferentes lojas vendem *e-readers* de diferentes marcas, e nem todos são compatíveis com o formato eletrónico de todos os *e-books*, o que causa constrangimento para o leitor/comprador, e “como não existem, ainda, *e-readers* ‘universais’, muitas vezes o leitor tem de esperar que certos livros digitais sejam publicados posteriormente no formato do dispositivo que possui” (p. 33). O tamanho do ecrã, é mais um aspeto que Gomes coloca não só contra os *e-books* e os *e-readers*, mas também aos *smartphones*, *Tablets* e *iPads*, argumentando que estes nunca conseguem atingir a dimensão de uma página impressa, dando ênfase aos *smartphones* – “Outro motivo que invalida a utilização destes dispositivos de leitura é o facto de os leitores não estarem habituados a ler textos longos num ecrã pequeno, como por exemplo nos telemóveis” (p. 33). Contudo, a verdade é que as pessoas cada vez mais se habitam aos ecrãs, principalmente dos telemóveis, de uma vez que são objetos que andam connosco diariamente. E mesmo assim, há sempre a “hipótese de ampliar e de reduzir a [página eletrónica], de tal forma, que o usual bloco retangular de texto pode passar a ser visualizado em parcelas pormenorizadas” (p. 33). Mesmo assim, esta função que os dispositivos de leitura apresentam, pode ser uma vantagem, ou mesmo uma desvantagem, no sentido de que ampliar

o ecrã será útil, mas também pode ser motivo de distração. Para além disso, os *e-readers* oferecem a opção de mudar o tipo de letra que seja mais convencional para o leitor, e apresentam a vantagem de carregar consigo uma vasta quantidade de *e-books* ao mesmo tempo (Gomes, 2018).

Apesar de existir uma grande credibilidade em que ambos os formatos (*e-book* e impresso) podem coexistir, muitos autores, principalmente autores independentes, aqueles que não estão ligados às obrigações de grandes editoras, preferem a publicação digital. Isto porque, através da *Internet* conseguem chegar a muitos mais leitores. E acaba por ser mais rentável para o escritor, de uma vez que a publicação digital está isenta de custos de distribuição, são publicações ilimitadas, e a entrega é feita quase instantaneamente, uma vez que o comprador recebe o *e-book* logo após o ato de pagamento. Contudo, as editoras continuam a defender o livro impresso, argumentando com as sensações físicas que este proporciona ao leitor (como por exemplo o toque e o cheiro característico do papel), é aquilo que mais atrai o público adepto do livro impresso (Gomes, 2018). Já Lynn Coady (2016) refere, na sua obra de referência: “Os seres humanos são criaturas sensuais. Gostamos de coisas – objetos que podemos tocar, cheirar e ouvir. Os ecrãs deram-nos muito, mas deslizar para a direita e para a esquerda não é uma experiência particularmente sensual” (p. 62). Assim bem como o colecionismo, que acaba por ser uma das grandes vantagens dos livros impressos (Gomes, 2018). Com isto quer-se dizer que, possuir uma biblioteca pessoal, em que o leitor vai comprando, lendo e acumulando livros em estantes, é um dos grandes motivos para que o livro impresso não tenha perdido a popularidade entre os leitores. Não obstante, é a impossibilidade de emprestar livros digitais a outras pessoas. Mesmo que o outro possua um *e-reader*, haverá sempre a possibilidade deste não ser compatível com o formato do *e-book*, ou vice-versa, e, “embora os livros em formato digital sejam partilhados no meio virtual por diversas pessoas, esse sentimento de troca e partilha não se iguala ao de emprestar um livro físico” (Gomes, 2018, p. 36).

No artigo de Linda McMaken (2021), *E-Books vs. print books: what's the difference?*²⁷, tudo indica que o livro impresso é líder de vendas em todo o mundo, principalmente durante a pandemia da Covid-19 – “A pandemia da Covid-19 em 2020 foi o renascer das publicações impressas” (para. 3) –, tal como foi possível constatar anteriormente com o artigo do *PÚBLICO* sobre o *BookTok*. Linda McMaken separa, do seu ponto de vista, as vantagens e desvantagens de cada formato. Como primeira vantagem do livro impresso, a escritora destaca a sensação física que o livro provoca, como poder segurá-lo, virar as páginas e sentir o papel nas mãos, aspetos muito adorados pelos leitores. A segunda vantagem são as ilustrações, que por norma nos livros impressos, são sempre mais garridas e com qualidades

²⁷ O artigo pode ser consultado em: <https://www.investopedia.com/financial-edge/0812/e-books-vs.-print-books.aspx>

inigualáveis. O facto de não provocar tanta fadiga ocular também é apontado como uma vantagem à impressão. Relativamente ao *e-book*, a grande vantagem apontada é o facto de ser muito mais leve e prático do que um livro impresso, especialmente se for de grande dimensão e capa dura, em que geralmente são muito pesados. A escritora aponta que há uma certa “satisfação em ter uma biblioteca inteira ao seu alcance, sem mencionar o facto de estar apenas de um clique de distância, pronto para fazer download instantâneo” (McMaken, 2021, para. 12). E a facilidade de poder adquirir qualquer livro na *Internet*, muitas vezes por um preço bem mais reduzido do que um livro impresso, e sabendo que o *stock* não esgota, são mais três vantagens que o *e-book* tem do seu lado. No entanto, enquanto que os livros impressos são bem mais pesados e geralmente um pouco mais caros, e necessitam de luz para poderem ser lidos, os *e-books* precisam de um dispositivo digital (*smartphone*, computador, *iPad*, Tablet ou *e-reader*) para poderem exercer a sua função, e estes necessitam de bateria, o que nem sempre é prático. Outras desvantagens são: muitos leitores adquirem dezenas ou centenas de livros impressos, e mais tarde arrependem-se por estes estarem em prateleiras sem qualquer utilidade, o que contraria a sensação de posse que Gonçalves Gomes constatava anteriormente. E para os leitores de *e-books*, que trabalhem em frente a um computador todos os dias, McMaken afirma que não deve ser nada atraente chegar ao final do dia e ‘descansar’ no conforto do sofá com um livro lido em mais um ecrã.

Num artigo de Rob Errera (2022), intitulado *Paper books vs eBooks statistics, trends and facts*, o autor faz uma compilação de benefícios e limitações de cada formato. Relativamente aos *e-books*, o autor começa por afirmar que um livro não é o papel e a encadernação, são sim palavras e ideias contidas entre as capas, isto porque toda a informação contida num livro impresso, será a mesma de um livro digital, refutando assim, a ideia de que o meio é a mensagem ditada por Marshall McLuhan²⁸. A principal diferença entre um meio e outro é, sem dúvida, a ausência de um objeto físico, sendo que o *e-book* não ocupa qualquer espaço, mas sim, apenas alguns *megabytes* no disco do *e-reader*. Os livros impressos, ocupam muito espaço físico. A tecnologia do *e-book*, através de um *e-reader*, permite sugestões consoante as leituras que o leitor faz; a maior parte contém um dicionário integrado, o que facilita caso não saibamos o significado de uma palavra; permitem fazer notas e guardá-las em ficheiros separados e organizados, que mais tarde podem ser exportados; e incluem clubes de leitura digitais, como por exemplo a aplicação *Goodreads*²⁹. Por último é-nos apresentada a questão ambiental, de uma

²⁸ Iremos aprofundar essa questão mais à frente.

²⁹ A aplicação *Goodreads* foi criada em 2006 pela *Amazon*, com o principal objetivo de proporcionar informações de um enorme acervo de livros. Ao aceder à aplicação, os utilizadores podem inscrever-se e registar livros de maneira a gerar catálogos como se fosse uma biblioteca. Permite ao utilizador listar os livros que já leu, que está a ler e que deseja ler. Tem também a possibilidade de atualizar o progresso de leitura, e depois partilhar todas essas informações com outros leitores, bem como classificar os livros e deixar a sua opinião.

vez que os *e-books* não deixam qualquer pegada de carbono, pois não é utilizada qualquer indústria para serem produzidos (Errera, 2022).

No entanto, esta posição defendida por Errera já foi refutada várias vezes, por especialistas na área da edição, afirmando que, os *e-books* não são, de facto, mais amigos do ambiente. O editor Nick Moran (2012), que publicou o artigo *Are eReaders really green?* no *The Millions*³⁰, afirma que à primeira vista os *e-books* parecem ser mais sustentáveis, porém, não é tão simples quanto parece. De acordo com Moran, os *e-books* em si, não representam nenhuma ameaça para o planeta, no entanto, a pegada ecológica dos aparelhos eletrónicos que usamos para os ler, como por exemplo um *Kindle* ou um *iPad*, apresentam uma pegada de carbono de 200% a 250% maior que uma biblioteca. O problema reside então nos aparelhos. De uma vez que a população troca constantemente de *smartphones*, *Tablets*, *iPads*, *e-readers* e até de computadores, por modelos mais novos que saem para o mercado todos os anos, a tendência é para que essas emissões de gases de efeito de estufa continuem a aumentar. Moran também aponta que cada vez mais, cada pessoa possui o seu aparelho (independentemente de qual seja) individualmente, o que faz com que a produção seja maior, e a troca de aparelhos também aumente. Como exemplo, temos os *e-readers*, que apesar de (ainda) não serem populares em Portugal, são muito requisitados nos Estados Unidos da América (EUA), e no ano de 2011 venderam-se por semana cerca de 1 milhão de *Kindles*, e 40 milhões de *iPads*. Ao comparar-mos a poluição que é imitada no processo da impressão do livro em papel, cuja costuma ser o argumento mais votado contra os livros impressos, e o processo de produção destes aparelhos eletrónicos, é preciso não ignorar que o setor da tecnologia é extremamente poluente. Segundo estudos analisados por Moran, é preciso gastar 50 vezes mais combustível fóssil na produção de um aparelho eletrónico, do que na produção de livros impressos, mesmo contando com a eletricidade necessária para ler em papel. E não esquecendo de que nem só os *e-readers* são produzidos no âmbito da leitura, pois os *smartphones*, *iPads*, *Tablets* e computadores são, grande parte das vezes, utilizados com esse propósito. Contudo, Moran também ressalta algumas soluções para que a pegada ecológica dos dispositivos de leitura seja reduzida, como por exemplo, utilizar o aparelho até ele estar completamente inutilizável, e só depois comprar um novo, em vez de substituir, em curtos espaços de tempo, esses aparelhos por modelos mais recentes; as empresas de fabrico terem cuidado ao usar certos materiais para produzir os dispositivos; e também ter em atenção e não descartar todas as peças utilizadas de maneira a não contaminar mais o solo e outros ecossistemas (Moran, 2012).

Já os livros impressos, são para Errera, uma alegria de se ver. Apesar de apontar várias vantagens dos *e-books*, os livros impressos apresentam características únicas e que não podem ser

³⁰ O artigo em questão pode ser consultado em: <https://themillions.com/2012/05/are-e-readers-really-green.html>

copiadas: o cheiro das páginas; a suavidade do papel nas mãos; a experiência única de leitura sensorial. Ler um livro impresso é uma experiência tátil, aspeto que o *e-book* nunca irá alcançar, por mais avançada que seja a tecnologia. Errera afirma que os livros impressos “tocam os leitores a um nível emocional e mais primitivo” (Errera, 2020). E mesmo que os livros impressos sejam, por norma, mais caros que os *e-books*, nada é comparado ao facto de estes nos proporcionarem um *detox* de tecnologia, e nunca precisarem de bateria para serem lidos.

CAPÍTULO 4

4. PRÁTICAS DE LEITURA

Paula Lopes (2011) afirma que “saber ler é fator determinante de inclusão (ou exclusão) na sociedade da informação, em rede. Ser cidadão (ativo) pressupõe o prévio desenvolvimento e uma série de capacidades e competências gerais (onde se destaca a centralidade a competência ‘leitura’), mas também o desenvolvimento de capacidade reivindicativa, espírito crítico, participação em causas político-sociais” (p. 2).

Na mesma perspetiva, José Neves (2011), na sua tese de doutoramento intitulada *Práticas de leitura da população portuguesa no início do século XXI*, afirma que “a leitura ocupa um lugar central nas sociedades contemporâneas, *sociedades da informação e do conhecimento*, que está presente em todas as esferas da vida social, é uma atividade que virtualmente todos os indivíduos realizam” (p. 25).

David M. Durant (2017), no seu livro *Reading in a digital age* aponta, em primeiro lugar, que devemos ter a noção de que “a capacidade de ler não é inata – isto é, não nascemos capazes de ler” (p. 4). Recorrendo à neuro plasticidade, Durant afirma que a leitura só foi possibilitada devido à capacidade do cérebro se ‘reconectar’. O ato de ler deve ser estimulado, e quanto mais lemos, mais fácil a leitura se torna, sendo que o oposto afeta a nossa capacidade de leitura. Na prática, as leituras não são todas iguais, de uma vez que ler uma obra literária, como por exemplo um romance clássico da literatura, não é igual a ler um *post* no *Twitter*, no *Facebook* ou no *Instagram*.

4.1. A LEITURA EM MEIO IMPRESSO E EM MEIO DIGITAL

Marshall McLuhan (2013) expressou que “numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir todas as coisas como meio de controlo, às vezes é um pouco chocante ser lembrado de que, em

termos operacionais e práticos, o meio é a mensagem” (p. 20). Esta sua expressão surgiu quando McLuhan começou a analisar e a explicar os fenômenos dos meios de comunicação, fossem eles antigos ou novos, e a sua relação com a sociedade. Com esta afirmação, McLuhan tenta explicar que o meio não é somente um canal que passa informação, mas sim um elemento importante que é capaz de caracterizar toda ação. Gustavo Cardoso (2013) em *A sociedade dos ecrãs. Sociologia dos ecrãs, economia da mediação* afirma que a tese de McLuhan permite entender que “qualquer mídia induz comportamentos, cria ligações psicológicas e mudanças de mentalidade nos indivíduos recetores, independentemente do conteúdo transmitido” (p. 35).

Na sua obra *Understanding media: the extensions of man*, Marshall McLuhan (2013) afirma que por vezes, as “consequências pessoais e sociais de qualquer meio (...) resultam da nova escala que é introduzida nos nossos negócios por cada extensão de nós mesmos por qualquer nova tecnologia” (p. 20). Isto porque, para McLuhan, os meios são uma extensão do ser humano. O autor exemplifica com: “o conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da impressão” (p. 21), acrescentando que nós temos a tendência para fazer da tecnologia o “bode expiatório” dos pecados que cometemos, mas esquecemo-nos de que esses produtos tecnológicos não são, em si, bons ou maus. A diferença permanece na maneira como são utilizados por nós mesmos. A palavra escrita é uma tecnologia em mutação, como temos visto até agora, e McLuhan afirma que existe uma certa ansiedade pelo homem civilizado em relação a ela. Ele dá um exemplo bastante ilustrativo: imaginemos que, em vez que mostrar as estrelas e as riscas, escrevêssemos ‘bandeira dos Estados Unidos da América’ num pedaço de pano e a exibíssemos. Embora os símbolos tenham o mesmo significado, o efeito seria bem diferente no público (McLuhan, 2013). Para McLuhan cada meio tem certas características, o que resulta em efeitos específicos de cada um, fazendo com que para ele, o meio seja sempre mais importante do que a mensagem que é transmitida. Daí, o filósofo canadense ressaltar de que o conteúdo de um meio será sempre outro meio.

Olga Pombo (1984), no seu artigo *O meio é a mensagem*²¹ presente no 1º Caderno de História e Filosofia e Educação, afirma, em relação à posição de McLuhan, que se trata de uma “formulação excessiva pela qual o autor pretende sublinhar que o meio, geralmente pensado como simples canal de passagem do conteúdo comunicativo, mero veículo de transmissão da mensagem, é um elemento determinante da comunicação” (p. 40). Isto é, o conteúdo de um livro impresso não é visto da mesma maneira, se for exibido num *e-book*, mesmo que seja a mesma mensagem, pois um apresenta-se ao mundo em papel, e o outro como um ficheiro num dispositivo digital. A professora de filosofia aponta

²¹ Pode ser consultado em: https://www.researchgate.net/publication/341379255_O_MEIO_E_A_MENSAGEM

três aspetos difundidos por McLuhan, sendo eles três períodos indispensáveis, que se relacionam com três períodos da história da humanidade: a cultura oral ou acústica; a cultura tipográfica ou visual; e a cultura eletrónica. O primeiro, classifica as sociedades analfabetas, cujo único meio de comunicação era a oralidade (falar e ouvir). A cultura tipográfica ou visual, refere-se ao período em que a imprensa foi criada, mais conhecida pela “Galáxia de Gutenberg”, que é caracterizado pelas comunidades alfabetizadas, que já tinham acesso à escrita e à leitura dessa escrita (p. 43). O último período é a cultura eletrónica, que pode ser considerada a nossa época, em que a maior característica é a velocidade instantânea dos “meios eletrónicos de comunicação e pela integração sensorial para que esses meios apelam” (p. 43). O segundo e o terceiro período são os que entram em ‘conflito’. Olga Pombo destaca a imprensa como a permanência na Galáxia de Gutenberg, onde é possível fazer o registo à mão da história da humanidade, e como o primeiro meio de comunicação que expandiu arquivos, registos, cultura e formação para um “público laico, para a democratização da instrução, [e] para a construção e vulgarização do saber” (p. 45). Quanto ao período da cultura eletrónica, o que predomina, é sem dúvida a “comunicação elétrica, a sua instantaneidade, a velocidade com que a difusão das mensagens é feita, [e] o carácter massivo da sua recessão (...) (p. 45).

Sven Birkerts (2006) na sua obra *The Gutenberg elegies – The fate of reading in an electronic age*, estabelece as diferenças entre a leitura em meio impresso e a leitura em meio digital, mostrando-se um dos mais preocupados com a possibilidade de um dia o livro impresso cair em desuso. A leitura em meio impresso é considerada como linear, e Birkerts (2006) reforça que “a comunicação impressa requer o engajamento ativo da atenção do leitor, pois a leitura é fundamentalmente um ato de tradução”, e que o “ritmo da leitura é variável, com o progresso determinado pelo foco e compreensão do leitor” (p. 122). Pelo contrário, o mesmo autor, assenta que na leitura em meio digital “as informações e os conteúdos não se movem simplesmente de um espaço privado para outro, mas viajam ao longo de uma rede” (p. 122), causando distrações. E esse aspeto distrativo é aquele que mais se indica quando se fala na leitura em meio digital, nomeadamente dos *e-books*. Enquanto que a leitura impressa exige profundidade e “tende a fomentar a atenção sustentada e a reflexão aprofundada, a leitura eletrónica “fomenta a impaciência e a necessidade de gratificação imediata”, e aspira a mais distrações, uma vez que “costuma ser feita em aparelhos que também oferecem e-mail, aplicações ou acesso à *Internet*” (Durant, 2017, p. 9).

Durant (2017), um grande simpatizante da tese de McLuhan, é um dos autores que mais defende que o formato importa, visto que “quanto mais lemos em ecrãs de maneira tabular, mais os nossos cérebros se reconfiguram para facilitar essa atividade e mais difícil se torna a leitura profunda de

textos impressos” (p. 10). Daí a causa de muitas crianças e jovens apresentarem dificuldade em ler obras de maior calibre. Estando habituadas a ler nas redes sociais apenas frases e pequenos textos, quando lhes é exigido concentração literária, acham aborrecido e apresentam falta de concentração. Apesar da leitura eletrónica ter as suas vantagens, ela “promove um conjunto diferente de habilidades cognitivas e uma forma qualitativamente diferente de pensar” (p. 10).

A leitura dos *e-books* é considerada efémera, superficial e rápida, em que só captamos a atenção para aquilo que achamos mais relevante, e a leitura de um livro tradicional capta a nossa atenção num todo, em que o leitor ‘mergulha’ dentro do conteúdo. De acordo com McLuhan, o “conteúdo de um meio é como um suculento pedaço de carne carregado pelo ladrão para distrair o cão de guarda da mente” (McLuhan, 2013, p. 34). Ou seja, ler o mesmo texto impresso será sempre diferente de o ler em digital, devido ao suporte que o carrega, uma vez que “o efeito do meio se torna forte e intenso apenas porque é dado um outro meio como conteúdo” (p. 34). McLuhan exemplifica dizendo: “O conteúdo de um filme é um romance, uma peça ou uma ópera. O efeito da forma do filme não está relacionado com o conteúdo do programa. O conteúdo da escrita ou da impressão é a fala, mas o leitor é quase totalmente inconsciente tanto da impressão ou da fala” (p. 34).

4.2. A LEITURA, A CONCENTRAÇÃO, E OS DIFERENTES TIPOS DE LEITURA

As experiências de leitura sofreram alterações, bem como o foco com que a leitura é feita, tanto no meio impresso como no meio eletrónico, daí ser “necessário entender que as mudanças dentro da leitura não são só referentes à forma ou veículo do texto, mas muito mais profundas, relacionadas com o próprio conteúdo e com as práticas de leitura” (Nogueira, 2016, p. 34).

David M. Durant (2017), recorrendo a dois autores, Christopher Rowe e N. Katherine Hayles, divide a leitura em dois aspetos: leitura linear e leitura tabular. Segundo Christopher Rowe, citado por Durant, a leitura tabular “é interrogativa, aquela que procura informações sobre um assunto específico” (Durant, 2017, p. 5). A leitura linear envolve a capacidade de ler uma narrativa extensa de maneira contínua e profunda, e ter um momento de reflexão à cerca do conteúdo. A leitura tabular foca-se na leitura de pequenos textos, excertos de texto na navegação na *Internet*, na leitura de texto com a finalidade de informação específica como por exemplo páginas da *web*, ou um significado de uma palavra num dicionário. Ainda assim, N. Katherine Hayles citada por Durant, faz a sua divisão de leitura, como sendo ‘leitura atenta’, o mesmo que leitura linear, e leitura *hyper*, o mesmo que leitura tabular. Todavia,

acrescenta mais um tipo de leitura, chamada de leitura mecânica – “é tudo, desde o uso do comando ‘Localizar’ num documento PDF até ao uso do software de análise textual” (Durant, 2017, p. 6).

Utilizando os conceitos de Roger Chartier, Bárbara Nogueira (2016) divide a leitura em: intensiva e extensiva. A leitura intensiva “é associada ao ato de ler, por exemplo um romance ou um livro de poesia, nos quais é necessário um certo nível de absorção da pessoa na matéria lida, de forma a criar uma relação emocional com a obra”. A leitura extensiva “é associada [à leitura do] livro técnico, ou ao próprio universo da pesquisa em ambiente digital, orientando a leitura para um fim específico, na busca de uma informação concreta” (p. 34). Nogueira (2016), recorrendo a autora (que já referimos anteriormente) Katherine Hayles, divide a atenção em relação à leitura em ‘atenção profunda’ e ‘hiperatenção’. A atenção profunda “caracteriza-se pela concentração num só elemento, durante um longo período de tempo e pela capacidade de ignorar estímulos exteriores de forma a alcançar um determinado objetivo”. Já a hiperatenção foca-se no contrário da declaração anterior, ou seja, exige ao leitor uma “constante mudança do objetivo e tarefa, preferência por múltiplos canais de informação e fraca tolerância a estímulos exteriores”. Ao que tudo indica, a hiperatenção é o que mais faz sentido na nossa época, de uma vez que, é a que mais se utiliza diariamente. Pelo contrário, as práticas de leitura “parecem não evoluir e acompanhar o processo” (p. 35).

Contudo, existe uma necessidade de distinguir aqueles que já nasceram no meio das tecnologias digitais, e aqueles que foram obrigados a adaptar-se a elas. Os mais jovens, são normalmente chamados de ‘nativos digitais’, sendo aquele grupo de pessoas para as quais “o cruzamento de informação, o *multitasking*, os gráficos, o hipertexto, o acesso aleatório e a leitura não-linear são conceitos básicos”. Os ‘imigrantes digitais’ são aqueles que “estranham estas novas formas de pensar, uma vez que cresceram num ambiente onde estes conceitos ainda não existiam” (Nogueira, 2016, p. 37), e normalmente são pessoas mais velhas, nomeadamente aquelas que nasceram antes ou muito perto da *World Wide Web*. Lynn Coady escreve que, o problema da superficialidade, da perda de atenção e distração na leitura, devido à *Internet*, é um problema dos ‘imigrantes digitais’, “aqueles que existem com um pé no mundo dos *media* tradicionais, e outro nos “novos” *media* (Coady, 2016, p. 46). Ergue-se então, uma necessidade de “adequação de meios”, no que toca à leitura em impresso ou em digital, surgindo dois novos conceitos: a ‘leitura ativa’ e a ‘leitura passiva’ (Nogueira, 2016). A leitura ativa “engloba um pensamento crítico, a aprendizagem de novos fatores e a tomada de decisões; envolve escrita, seja de apontamentos ou anotações; e encontra vantagem no digital”. A leitura passiva “relaciona-se com a leitura de lazer, onde existe menos cuidado e preocupação com a assimilação de conhecimentos; é uma atividade associadas apenas à visualização e interiorização, onde o texto é

simplesmente lido; e encontra-se presa ao aspeto e formas de interação do livro impresso” (Nogueira, 2016, p. 41-42).

Na mesma linha de conceitos, dispomos dos termos ‘leitura situada’, ‘leitura dedicada’, ‘leitura social’, ‘leitura profunda’ e ‘leitura crítica’, presentes na obra *Handbook of Reading Research Volume V*, de Elizabeth Birr Moje, Peter Afflerbach, Patricia Enciso e Nonie K. Lesaux (2020). A leitura situada é uma leitura tecida no dia a dia das pessoas, de uma maneira fugaz e fragmentada. Por exemplo, no meio de uma conversa, alguém pesquisar rapidamente um facto relevante no *Google*, ou o significado de uma palavra num dicionário. As tecnologias digitais “introduzem interatividade portátil em maneiras que influenciam muito a vida diária” (Moje et al., 2020, p. 110). A leitura dedicada é uma leitura mais familiar, muito semelhante ao conceito de leitura passiva. Envolve uma escolha deliberada para se envolver com o texto de uma maneira mais extensa. Pode ser a leitura de um romance, assistir excessivamente a uma série na *Netflix*, ou jogar durante um longo período de tempo no computador, e pode também envolver uma experiência *transmídia*, na qual um texto completo é distribuído numa série de plataformas ou um movimento entre fontes ficcionais e informativas. A leitura social é um resumo da leitura situada, a grande diferença, é que esta ocorre, muitas vezes, numa rede social de escritores³², editores, livreiros e outros leitores. É uma leitura muito menos privada, e sofisticada do papel de trocas sociais nos contextos de leitura que hoje em dia melhora a nossa capacidade de aproveitar as novas ferramentas sociais. A leitura profunda, comum ao termo de leitura ativa, engloba uma intimidade singular e estendida com as personagens e cenários inventados ou com análises de um tópico de não-ficção, representando o fim de um espectro da leitura. Por fim, temos a leitura crítica, associada à capacidade cognitiva das pessoas e do seu sentido crítico. Isto é, a capacidade de formar uma opinião sobre um objetivo explícito de crítica e transformações de ideologia dominante, culturas e economias, instituições e sistemas políticos. Os autores dão o exemplo das redes sociais, apurando que, “as pessoas são menos propensas a criticar uma observação política disfarçada de factos se vier de um amigo do *Facebook*” (Moje et al., 2020, p. 111).

4.3. VANTAGENS E DESVANTAGENS DA LEITURA EM MEIO IMPRESSO E EM MEIO DIGITAL

Naomi S. Baron (2017), no artigo *Reading in a digital age*³³ publicado no *Phi Delta Kappan*, inicia o seu discurso com a frase: “Até mesmo o *millennials* reconhecem que o facto de leres em papel ou em

³² Como por exemplo, a plataforma *Goodreads* (já mencionada anteriormente), onde se enriquece o indivíduo na leitura cuidada.

³³ O artigo pode ser consultado em: <https://kappanonline.org/reading-digital-age/>

ecrã digital afeta a tua atenção nas palavras e nas ideias por trás delas”. A falta de atenção e compreensão de texto lido em ecrãs, é provavelmente a maior desvantagem apontada à leitura em meio digital. Baron faz uma pequena compilação de estudos levados a cabo por alguns sociólogos, em que estes apontam que, de facto, a leitura em ecrãs digitais é mais efémera e objetiva:

(...) Akerman e Goldsmith (2011) observaram que quando os participantes podiam escolher quanto tempo gastar em leitura digital versus impressa, eles dedicavam menos à leitura em ecrã e tinham pontuações de compreensão mais baixas. Schugar e os colegas (2011) descobriram que os participantes relataram usar menos estratégias de estudo (como o destaque, as anotações ou marcações) ao ler digitalmente. Kaufman e Flanagan (2016) observaram que, ao ler em impresso, os participantes do estudo responderam melhor a perguntas abstratas que exigiam raciocínio inferencial; por outro lado, os participantes pontuaram melhor na leitura digital ao responder a perguntas concretas. Pesquisadores da Universidade de Reading (Dyson & Haselgove, 2000) observaram que a compreensão da leitura diminuía quando os alunos faziam ‘scrolling’ enquanto leem, em vez de se concentrarem em pedaços imóveis de texto. (Baron, 2017)

A falta de atenção e a compreensão que se gera com as leituras em *e-books* são a maior desvantagem que a leitura em ecrãs apresenta. Quando estamos a ler num *smartphone*, é muito distrativo a meio da leitura receber notificações ou mensagens de outras aplicações, de uma vez que é um dispositivo que está ligado à *Internet*. Claro que existe sempre a opção de desligar o acesso à *web*, mas a grande maioria das pessoas não o faz, porque a necessidade de estar sempre em contacto com o mundo é superior. Já a leitura de *e-books* em *e-readers*, que são específicos para a leitura, poderiam apresentar menos condições em relação às notificações *online*, contudo Naomi, contrapõe com o facto de que “recursos interativos da plataforma digital aparentemente distraiam os leitores do conteúdo textual” (Baron, 2017). A leitura em meio impresso, é aquela que produz melhores níveis de compreensão e atenção, pois possibilita ao leitor a capacidade de criar mapas cognitivos daquilo que estão a ler (Baron, 2017).

Por outro lado, os *e-books* ou *e-texts* apresentam uma vantagem cuja impressão não consegue competir: a democratização da leitura e do conhecimento. E apesar disso, proporcionou uma facilidade enorme de leitura em qualquer lado, simplificando muito o ato de ler, e a assimilação de informação que uma pessoa pode ter acesso (Baron, 2017). Os autores Gisler & Muller, citados por Gomes, refutam a ideia de que a leitura em ecrãs é prejudicial ou cansativa para o leitor, e defendem que os ecrãs, já que são luminosos, puros e limpos, apenas trazem benefícios para os leitores, de uma vez que se tornam apelativos para os olhos, simplificando a leitura. Consideram o ecrã “aprazível, não tanto pelo seu brilho,

mas sim pelo facto de estar incorporado num dispositivo que pode ser facilmente transportável e adaptável às mais variadas situações” (Gomes, 2018, p. 34).

Numa outra obra de Naomi S. Baron (2015), *Words onscreen: the fate of reading in a digital world*, a autora procede com um estudo sobre as vantagens e desvantagens, que alunos universitários de vários países do continente Europeu, e não só, consideram haver entre a leitura de livros em papel e a leitura de livros em ecrã.

Primeiramente, as vantagens da leitura em papel, apontadas pelos jovens foram: um melhor foco, sem distrações e a reflexão no final da leitura. Da Itália, surgiu a resposta: “Quando leio em papel, eu leio apenas. Quando leio no meu iPhone, posso estar com os meus amigos. Não pode ser a mesma concentração que seria se fosse no papel” (Baron, 2015, p. 90); da Finlândia, alguém referiu: “Quando leio no papel, posso contar com o facto de que não há montes de anúncios a aparecer que me irritaria quando estou a ler algo em que estou realmente interessado”, e outro(a) referiu “para mim é muito mais fácil focar-me se ler em papel” (p. 91). Em Portugal, alguém apontou o facto de que “quando lemos em papel prestamos muito mais atenção às palavras” (p. 91). Já da Rússia, um(a) aluno(a) respondeu: “Gosto de ver quantas páginas já li e quantas páginas me falta e comparar o progresso” (p. 91). E por fim, um(a) aluno(a) de Hong Kong apontou que a leitura em papel “incentiva à anotação e à reflexão” (p. 91). Quanto às desvantagens da leitura em papel, ressalta-se a falta do hipertexto, e da possibilidade de poder aceder a páginas sem fim (Alemanha); a dificuldade em partilhar o conteúdo com outras pessoas, nomeadamente com outros alunos(as) (Portugal); e o facto de ser muito pesado (Hong Kong) e de não ser tão amigo do ambiente (Eslováquia) (p. 91), apesar de já termos constatado que este assunto é controverso.

Relativamente aos benefícios da leitura em ecrãs, temos em primeiro lugar a possibilidade de ler no escuro (Itália); o facto de ser confortável navegar pelo texto (Alemanha), seja por meio do hipertexto, seja pelo botão de busca; é mais interativo e colorido (Hong Kong) e daí ser mais atrativo ler um *e-book*; e em último lugar é destacada a conveniência no transporte (Rússia) (p. 91). No que se refere aos inconvenientes da leitura em ecrãs, um(a) aluno(a) de Itália refere o seguinte: “Leitores de *e-books* estão desnecessariamente a armazenar milhares de livros, quando em princípio, só leem um ou dois de cada vez e dificilmente precisam de carregar uma biblioteca inteira”; na Alemanha, um(a) aluno(a) referiu que “ler em ecrãs causa problemas na concentração, e que mais tarde provoca dores de cabeça”; outro(a) aluno(a) da Rússia afirma que “*e-books* não têm atmosfera. Ler livros é um prazer estético”; ler em ecrãs faz-nos esquecer do livro como uma obra, e em vez disso, incentiva-nos a deslizar para secções

específicas (Reino Unido); e por último, um(a) aluno(a) da China assume que ler em ecrãs “é fácil de se perder no oceano de informação” (p. 91).

Contudo, quer o papel seja associado ao foco, e o ecrã seja associado à superficialidade, Naomi defende que:

Quaisquer que sejam as suas desvantagens, há muito do que gostar nos e-books. Sem dúvida, eles são mais portáteis do que a cópia impressa. Dependendo do país, eles podem ser rentáveis. À medida que a tecnologia continua a melhorar, eles se tornarão, sem dúvida, mais fáceis de anotar e, esperemos, mais ecológicos. As possibilidades democratizantes dos textos digitais são uma de suas contribuições mais importantes no mundo da aprendizagem. (Baron, 2015, p. 92)

Uma vez que o *e-book* vem ganhando a confiança de muitos leitores, há sempre uma necessidade de que este se assemelhe cada vez mais ao livro impresso, de modo a conquistar aqueles que recusam a leitura em ecrãs. O conforto ocular que o suporte impresso dá ao leitor quando este lê, raramente consegue ser copiado pela leitura em ecrã, “principalmente pela questão da luminosidade [artificial] e [a] resolução do ecrã” (Nogueira, 2016, p. 43), apesar destas características já começarem a ser trabalhadas em alguns *r-readers*, como a introdução da tinta eletrónica. Bárbara Nogueira (2016) também aponta a portabilidade e o *layout* fixo do livro impresso como vantagens, bem como as anotações (questão muito apontada por diversos autores). As anotações, no meio impresso dispõem de uma variedade de inúmeras possibilidades de interação, “seja sublinhar, destacar, anotar o texto ou fazer apontamentos num documento à parte” (p. 44), que hoje são facilmente reproduzidas num ficheiro digital devido a novos *softwares* e aplicações. A análise de vários documentos em simultâneo também constitui uma vantagem para o papel, principalmente “pela forma inconsciente com que dispomos, agrupamos e reorganizamos diferentes documentos na nossa secretária” (p. 44). Mas também esta função da impressão já foi replicada no digital, em que é “facilitada pela introdução dos ‘marcadores’, onde é possível gravar determinadas referências, documentos, ou outro tipo de material” (p. 44). O toque e a relação emotiva que o leitor desenvolve para com o livro de papel é, para já, das poucas características que o universo digital não consegue replicar, pois acaba por dificultar uma relação próxima com um documento cujo não se pode tocar e que se encontra num local abstrato (Nogueira, 2016).

Os defensores da leitura digital apoiam que o meio não importa, contrariando assim, a tese de McLuhan, mas sim, somente o conteúdo do texto. Para eles é indiferente se a leitura é feita em papel, ou num dispositivo de leitura, e preferem que as tecnologias sejam parte da solução e não de um

problema. Contudo, Mike Shatzkin, citado por Durant, consultor de publicação digital, afirmou, em 2016, à BBC, que um dia a impressão não fará mais sentido (Durant, 2017).

CAPÍTULO 5

5. A LEITURA EM PORTUGAL E OS JOVENS LEITORES PORTUGUESES

Sem dúvida que ler é importante, e essa informação, é regularmente discutida em reportagens televisivas, artigos científicos, crónicas e comentários em revistas e jornais, e até nas redes sociais. Fazem-se campanhas sobre os livros e a leitura, feiras do livro, e, nas escolas, os professores tentam ao máximo apelar à leitura. Mesmo assim, a leitura de livros em Portugal ainda é negligenciada.

José Neves (2011) refere um conjunto de fatores que favoreceram as práticas de leitura em Portugal nos últimos anos, sendo elas: “os esforços no sentido da erradicação do analfabetismo, a generalização e alongamento da formação escolar obrigatória, a valorização social da leitura, o desenvolvimento económico e social, o aumento do tempo de lazer, a urbanização e terciarização das atividades económicas, a ausência de censura por parte do Estado [nomeadamente após a revolução do 25 de abril de 1974] e das principais confissões religiosas e funcionamento livre do mercado editorial com a consequente quantidade e diversidade da oferta, (...) [e] a existência de políticas culturais públicas específicas” (Neves, 2011, p. 25). Ainda assim, as causas que explicam o declínio da leitura, apontadas por Neves (2011) são “a televisão e o audiovisual, a diversificação das práticas culturais e de lazer”, mas também todas as tecnologias de informação, redes sociais, filmes e séries em *streaming*, jogos de realidade virtual e até a própria *Internet*, que estão encaixadas de tal forma na nossa sociedade (p. 25).

A sociologia da leitura há muito que estuda a sua concetualização e os fenómenos causados, realizando estudos que se baseiam nas perguntas: *Quem lê? Como leem? O que leem? O que é que fazem com o que leem?* (Neves, 2011). *Quem lê?* Procura saber e perceber os traços sociográficos e os perfis dos leitores dominantes. *Como leem?* Procura identificar em que circunstâncias isso acontece, em que ocasiões, espaços ou locais. *O que leem?* Indica quais são os géneros mais procurados para ler. *O que é que fazem com o que leem?* “refere-se às várias funções da leitura que, teoricamente, variam entre a pura utilidade (ler, por exemplo, um manual de instruções) e o puro entretenimento (como ler um romance ligeiro)” (Lopes, 2011, p. 26).

5.1. A CULTURA DO LIVRO EM PORTUGAL

Portugal é um país que durante muitos anos apresentava uma considerável taxa de população extremamente analfabeta. A escola não era acessível a uma grande parte da população, havendo demasiadas dicotomias geográficas. Famílias com posses tinham a oportunidade de colocar as crianças a estudar, contrariamente a famílias com baixos rendimentos, que mesmo que existisse vontade, não era possível. Em consequência, a falta de recursos e acessos à escolarização, levou a que, antes do Estado Novo, mais de metade de Portugal não soubesse ler nem escrever. Ainda assim, durante esse regime, foram pensadas algumas medidas que disponibilizassem a escolarização a um número considerável de pessoas, mas por motivos ideológicos, em que diferentes esferas do estado tinham diferentes ideais, pouco se concretizou. Miguel Lopes (2019), na sua dissertação de mestrado nomeada *Leitura de livros em Portugal e na Europa. Tendências recentes numa perspetiva comparada*, afirma que nesse período “a alfabetização das massas foi encarada por certos setores como sendo potencialmente um excelente instrumento de controlo, mas por outros, como sendo um catalisador para a desestabilização da sociedade portuguesa” (p. 4). Pois bem, a história ensinou-nos que um povo analfabeto é um povo fácil de controlar, visto que sem qualquer literacia as pessoas simplesmente faziam o que lhes mandavam, e não tinham qualquer sentido crítico, opinião, nem sequer capacidade para pensar autonomamente. Das poucas medidas implementadas pelo Estado Novo para combater o analfabetismo foi preencher o ensino primário com imenso conteúdo religioso (Lopes, 2019), relembrando a todos a censura e a ideologia de um estado ditatorial: *Deus, Pátria e Família*.

Após a Revolução do 25 de Abril, com a chegada da democracia, assistimos a algumas melhorias nas medidas para democratizar o ensino, através de políticas públicas de educação e medidas emblemáticas. No entanto, estas não foram o suficiente para expandir a escolarização em massa, e foram inseridas na sociedade em prol da formação de elites ou ensino superior, o que deixava de fora uma quantidade enorme de pessoas (Lopes, 2019). Contudo, em 2006, o Governo Constitucional português, deu um enorme passo no combate ao analfabetismo, e na promoção da leitura, principalmente em idade escolar, com a criação do Plano Nacional de Leitura (PNL), um plano estratégico a nível nacional que visava implementar práticas de leitura em diversas instituições:

Num país como Portugal, marcado até aos nossos dias por graves problemas de analfabetismo e iliteracia, a criação de uma política pública visando a promoção dos níveis e competências de leitura constituiu indubitavelmente um marco, que os resultados alcançados e a prosseguir certamente registarão. Com um passado histórico adverso, (...) torna-se ainda mais difícil lidar com

os desafios da literacia, hoje multimodal (...). Saber ler implica atualmente saber ler bem, com fluência, em todos os suportes e formatos e, daí, a importância vital de uma política inovadora e capaz de impulsionar o acesso crítico e competente à leitura, à informação e ao conhecimento, condição do desenvolvimento do próprio país e de uma cidadania, que se exige mais livre, consciente e esclarecida. (PNL)³⁴

O programa do PNL constava com uma série de medidas a ser implementadas no país, como por exemplo a criação de uma lista de livros recomendados, adequados para cada ano escolar, que pudessem ser objeto de lazer em sala de aula, ou mesmo em contexto de aprendizagem³⁵. Alguns dos objetivos gerais do programa passam também por: facilitar o acesso à leitura; aumentar esses hábitos dentro da população; melhorar a literacia da população; efetivar o gosto pela leitura (que é muito pouco); mentalizar a população de que ler é importante e só trás benefícios à sociedade; aumentar a presença mediática da leitura tanto nos meios impressos como em meios digitais; associar a leitura às múltiplas literacias; e combater a desinformação, o preconceito e a ignorância (PNL 2027). De acordo com o programa, prevenir a desinformação tem igualmente peso na ação do PNL. Em pleno século XXI, no qual quem comanda são as redes e a *Internet*, a desinformação e as *Fake News*³⁶, originam ações radicais e discursos de ódio, que precisam de ser desconstruídos.

O tema da escolarização não pode ser colocado de lado quando falamos de leitura. Ambas as atividades são paralelas, visto que o nível de ensino determina o grau de leitura de livros (Lopes, 2019). E este ponto é fundamental para perceber o porquê de Portugal apresentar uma taxa tão baixa de níveis de leitura. Mesmo sendo um país considerado desenvolvido, e as taxas de literacia serem favoráveis, Portugal “ainda mantém uma população com níveis de escolaridade dos mais baixos da Europa” (Lopes, 2019, p. 4), o que vai ao encontro da taxa reduzida de leitura de livros.

Mas afinal, o que é que significa ler? A natureza do ato da leitura, independentemente do seu formato, é uma experiência única e particular, praticada individualmente por cada um de nós, seja ela por meio de livros e textos, mas também por tudo aquilo que nos rodeia (Lima Sartoro, s.d.). Edimar Roberto de Lima Sartoro (s.d)³⁷, num artigo chamado *Leitura para além das quatro paredes*, afirma que

³⁴ A citação foi retirada diretamente do *website* do Plano Nacional de Leitura (PNL) e pode ser consultada em https://www.pnl2027.gov.pt/np4/quemsomos.html?cat_quemsomos=visao

³⁵ Normalmente, os professores(as) da disciplina de Português deixam ao critério do aluno escolher um livro dessa lista, para que ele possa ler e posteriormente apresentar o livro à turma, como forma de avaliação periódica.

³⁶ O termo *Fake News* é originário do inglês, e significa “Notícia Falsa”. Foi um fenómeno que surgiu com mais frequência em 2016, durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos da América, quando Donald Trump foi eleito. Notícias corrompidas ou fora de contexto são lançadas para os média, ou para as redes sociais, provocando ódio e protestos. Cada vez mais assistimos a esses episódios, como o mais recente exemplo, a Invasão ao Capitólio dos EUA a 6 de janeiro de 2021. De modo a prevenir este tipo de ações, alguns média da informação adotaram medidas de prevenção, como o programa “Polígrafo” da SIC (Sociedade Independente de Comunicação), que analisa *posts* que são lançados nas redes sociais.

³⁷ O artigo pode ser consultado em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/leitura-para-alem-das-quatro-paredes.htm>

a leitura é um alargar de horizontes, em que nos é possível refletir acerca de tudo, inclusive da nossa realidade, reavaliar conceitos e resolver problemas, uma vez que “a leitura se apresenta deste modo de forma aberta e contínua, não ficando apenas atrelada a uma escolarização da mesma, mas ultrapassando os muros escolares, fazendo parte do mundo concreto dos sujeitos-leitores (para. 1). A verdade é que hoje em dia não basta saber ler, como já referimos anteriormente, e de acordo com Sartoro, a leitura é uma prática comum dia a dia de cada um de nós. Durante um dia normal nas nossas vidas, passamos imenso tempo a ler, seja um cartaz na rua, um *post* numa rede social, um livro num transporte público, as indicações de uma receita nova, entre diversas outras situações. Para além do conhecimento obtido ao lermos, Sartoro destaca alguns pontos evidentes: “a compreensão do ambiente natural e social, [o], o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, (...) [o] fortalecimento dos vínculos de família, e o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” (para. 2). Para além disso, a natureza da leitura traz com ela uma característica peculiar, defendida por Lima Sartoro, que é a leitura como um processo aberto e contínuo. Sartoro compara a leitura finita como um produto de capital, “onde podemos comprar algo, colocar em uma caixa, embalar e levar para casa” (para. 3). Citando Paulo Freire (filósofo brasileiro), e da sua célebre frase “o homem não é, está sendo”, Lima Sartoro, confirma que as mudanças no mundo e na sociedade são inevitáveis, reforçando que a leitura é um processo e não um resultado. Cada pessoa, ao ler, leva consigo a história, a formação e o imaginário. O próprio sujeito articula-se com a leitura e o seu contexto sócio histórico, “que se caracteriza por colocar a própria questão da leitura diante da necessidade de compreender as condições de produção da leitura” (para. 4).

Ainda assim, a leitura é considerada por outros especialistas, como uma prática cultural e como uma prática social (Neves, 2011). Sendo uma prática social, ou atividade de receção ela requer uma relação entre leitor e autor – “quer seja através de uma conversa mental com o autor, ou entabular uma conversa com este num evento literário” (Lopes, 2019, p. 5) – e necessita de haver partilha de material escrito, ou opiniões acerca do livro entre indivíduos. Neves (2011), partilha da mesma opinião, citando os autores Paul Ricoeur, Roger Chartier e Michel de Certeau, afirma que a leitura como prática social é compreensiva da ação social, como por exemplo o próprio ato de ler individualmente cada livro, a receção do texto como resposta do leitor ao autor e a liberdade do leitor face ao processo criativo dos textos (Neves, 2011). É uma prática exigente e requer esforço a nível intelectual, e podem ser mesmo essas características que afastem, de certo modo, os indivíduos a adotar esse costume, de acordo com Lopes:

Nesse sentido, como ponto inicial numa abordagem à leitura como prática, em particular a leitura de livros, refira-se que a mesma é encarada ao mesmo

tempo como ‘objeto de veneração e de recuo’ por se tratar de uma prática que implica esforço e que é exigente em termos de motivação, isto é, entendida como prática séria – o que poderá explicar, em parte, o distanciamento dos indivíduos face à prática de ler, principalmente se se trata de livros. (Lopes, 2019, p. 5)

Já Matt Haig, no seu livro *O mundo à beira de um ataque de nervos*, classifica a leitura como um ato “profundamente social” (2021, p. 318). No entanto, o verdadeiro sentido da leitura passa por uma introspeção pessoal:

Muitas vezes, dá-se importância à leitura devido ao valor social. A leitura está associada à educação, à economia e por aí fora. Mas isso é passar ao lado do verdadeiro sentido da leitura. Ler não é importante para nos ajudar a arranjar um emprego. É importante para nos dar um espaço em que podemos existir para lá da nossa vida real. É a forma de os seres humanos se juntarem. De as mentes se ligarem umas às outras. É a fora dos sonhos, da empatia, da compreensão, do escape. (Haig, 2021, p. 318)

Como prática cultural, a leitura é vista como uma leitura de lazer, em que o leitor consegue obter prazer, no sentido de diversão e relaxamento, “distinta da leitura efetuada por obrigações profissionais ou escolares” (Lopes, 2019, p. 5). É como ler o nosso autor preferido só porque sim, ou procurar o livro que inspirou um filme³⁸ ou uma série adorada e lê-lo como um complemento à história³⁹. Neves classifica a leitura como prática cultural da seguinte forma:

(...) preocupa-se mais com os leitores do que com os atos de leitura. Interroga-se sobre as relações de homologia existentes entre as características dos indivíduos e a intensidade da leitura e dos suportes (impressos) lidos. Perspetiva também esta prática como um objeto social, em rutura com a experiência individual, e considera-a como uma entre as práticas que compõem o vasto conjunto dos consumos culturais, embora com singularidades, designadamente de ser aquela que permite o acesso a todas as outras. Opera um corte entre a prática e o sentido que lhe é atribuído pelos indivíduos. Considera a leitura como determinada por contextos sociais que importa identificar (por via das variáveis sociográficas). Acentuam-se as práticas de uso do livro (e do impresso em geral), que são socialmente diferenciadas e objetivamente identificáveis, e as demais deixam-se de lado ou inferem-se através das variáveis consideradas mais explicativas. (Neves, 2011, p. 27)

³⁸ Muitos filmes ou séries populares, inspirados em obras literárias, que ganham prémios das academias de cinema, são posteriormente procurados pelos espectadores que depois assumem o papel de leitor. Dois grandes exemplos passam por *O Senhor dos Anéis* de J. R. R. Tolkien, e *Harry Potter* de J. K. Rowling.

³⁹ Normalmente, filmes ou séries inspiradas em livros, não conseguem alcançar o detalhe minucioso, tão característico da literatura.

Richard Romancini (2010), no seu artigo *A experiência cultural da leitura* ressalta que: “O entendimento da leitura como uma experiência cultural compreende as múltiplas dimensões dessa prática no tempo. Existe um passado amplo entre o leitor e o texto, que envolve as suas motivações (...) e o seu estoque de conhecimentos, (...) e as implicações tiradas pelo sujeito a partir do que lê, que se projetam em suas ações e condutas” (p. 53). Quer esta afirmação dizer, que existe uma diferença entre ler por diversão e ler para obter conhecimento. O autor também salienta que consoante as práticas do indivíduo, estas irão refletir nas suas ações, que podem ser mais pessoais – “com modificações na visão do mundo” (p. 53) – ou mais sociais, “estimulando interações com outros leitores” (p. 53).

5.2. PRÁTICAS DE LEITURA DOS PORTUGUESES

As práticas de leitura são favoráveis a qualquer pessoa, uma vez que, de acordo com um estudo levado a cabo pela *Kelton Global*, em 13 países, pessoas que leem são mais felizes do que aquelas que não o fazem (Galileu, 2019). O estudo revela que ler é essencial no que diz respeito à felicidade individual, e que nos pode ajudar a conectar mais uns com os outros, de maneira a fortalecer os relacionamentos. A razão deve-se ao relaxamento e os efeitos positivos que a leitura provoca no leitor, certamente se for uma leitura de lazer. Muitos inquiridos admitiram que a leitura de lazer já faz parte da sua rotina de cuidado pessoal, tornando essas sessões quase terapêuticas para o indivíduo. A leitura provoca empatia nas pessoas, visto que ao percorrer as histórias das personagens, assistindo a cada passo dado e percebendo o porquê, o leitor consegue colocar-se no lugar do outro, podendo mais tarde, aplicar essas aprendizagens fora dos livros. As metas de leitura são agora uma preocupação para muitos, com quase metade dos participantes a quererem dedicar mais tempo à leitura, e então desafiam-se a eles próprios, criando uma competição interna (Galileu, 2019).

Em Portugal assistimos a uma realidade completamente oposta, uma vez que é dos países da Europa que apresenta uma menor taxa de leitura. A investigadora Paula Cristina Lopes (2011)⁴⁰, num dos seus artigos sobre os hábitos de leitura dos portugueses, justifica a fraca adesão à leitura de livros, com a “a entrada tardia e rápida na modernidade escolar” (p. 15), e que as taxas de leitura ainda são muito baixas comparativamente aos restantes 27 estados membros da União Europeia. Contudo, e

⁴⁰ Artigo intitulado *Hábitos de leitura em Portugal: Uma abordagem transversal-estruturalista de base extensiva*, que pode ser encontrado em: <http://www.bocc.ubi.pt/>

devido ao aumento da escolarização generalizada em Portugal, e a adesão cada vez maior ao ensino superior, pode significar um aumento nos índices de leitura, tanto de livros, como de jornais e revistas.

De acordo com um estudo levado a cabo pelo Plano Nacional de Leitura (PNL) em parceria com o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES), do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE)⁴¹, intitulado *Práticas de leitura dos estudantes dos ensinos básico e secundário*, em 2013, a média europeia das práticas de leitura dos adultos era de 67,5% (Mata et al, 2020). As conclusões gerais do estudo revelaram uma diminuição generalizada no hábito de ler na Europa, mas com diferenças evolucionais de país para país, sendo que em Portugal, a média das práticas de leitura desceram consideravelmente⁴².

É através da análise feita por Miguel Lopes (2019), que conseguimos rapidamente perceber que Portugal se encontra no fim da tabela com a taxa mais baixa de leitores, juntando-se à Hungria e à Eslováquia. As maiores subidas nos hábitos de leitura deram-se em Malta e no Luxemburgo. O país dominante no que toca à leitura na Europa, é a Suécia, com cerca de 90% da população com hábitos de leitura positivos. Relativamente à frequência de leitura de livros, novamente, Portugal, apresenta percentagens muito baixas em comparação com os outros países da UE, permanecendo novamente no fundo da tabela. A média europeia mostra igualmente um decréscimo percentual generalizado, passando de 52,7% em 2007, a 49,7% em 2013, concluindo assim, que, em média na Europa se lê cada vez menos (Lopes, 2019).

Contudo, é necessário analisar os hábitos de leitura dos portugueses, focando-nos na leitura de lazer. De acordo com os dados dos questionários realizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), nomeado “Inquérito à Educação e Formação de Adultos” (IEFA), de 2007, 2011 e de 2016, revelam que de facto, há uma descida gradual dos hábitos de leitura dos portugueses (INE, 2017)⁴³. Entretanto, Miguel Lopes (2019), na sua dissertação de mestrado, elaborou um quadro de autoria própria, baseando-se nos dados do INE, em que cruza variáveis como o sexo, a idade, o grau de escolaridade, o grau de urbanização e a região.

Focando-nos, particularmente no ano de 2016, Lopes (2019), dividiu a atividade de leitura de livros por lazer em três categorias distintas, tendo como linha temporal os últimos 12 meses: ‘não leu’, ‘menos de 5 livros’, ‘entre 5 e 10 livros’ e ‘mais de 10 livros’. De um modo geral, é-nos apresentado que nos últimos 12 meses, 61,2% dos portugueses não leu nenhum livro.

⁴¹ Este estudo foi realizado entre o período de 2017 e 2019, tendo sido interrompido devido à pandemia causada pela Covid-19.

⁴² Os dados fornecidos pelo estudo do PNL/CIES, têm como fonte o Eurobarómetro, um instrumento de sondagem oficial utilizado pelo Parlamento Europeu, pela Comissão Europeia, bem como outras instituições da União Europeia (UE), que visa monitorizar com regularidade o estado da opinião, atitudes e comportamentos dos cidadãos da UE, assim como questões de natureza política e, ou, social. Geralmente fazem sondagens a partir de inquéritos, cujos dados são fornecidos ao público em geral, bem como os média, especialistas em opinião pública, entre outros.

⁴³ Os dados referidos são uma recolha de informação disponível no site do Instituto Nacional de Estatística, referentes ao ano 2017, e podem ser consultados diretamente em:

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_estudos&ESTUDOSest_boui=313014545&ESTUDOSmodo=2&xlang=pt

Passando à análise por sexo, confirma-se que as mulheres leem livros por lazer, de um modo geral, mais que os homens. Dos homens, 71,9% não leu nenhum livro, contrariamente a cerca de 50% das mulheres. Relativamente à idade, é a população entre os 65 e os 69 anos que registam a percentagem mais alta de nenhum livro lido (68,3%), e é entre os 18 e os 24 anos que se regista a maior percentagem de ‘menos de 5 livros’ (33,6%). Já na parcela dos ‘entre 5 e 10 livros’, é na faixa etária dos 25 aos 34 que se regista o maior número (8,1%). E, paradoxalmente ao que se pensava, é a faixa etária dos 65 aos 69 anos que regista a maior percentagem de ‘mais de 10 livros’, com 5,6%. Quanto ao grau de escolaridade, naturalmente, é naqueles sem qualquer escolaridade que se regista a maior percentagem de nenhum livro lido, com quase 95% das pessoas, e é naqueles com o ensino superior concluído que se regista a menor percentagem.

De acordo com a urbanização, nas áreas densamente povoadas mais de metade dos indivíduos não leram nenhum livro e 5,5% leu mais de 10 livros, sendo o número mais alto de todos. Estas percentagens altas em termos de práticas de leitura em indivíduos que habitam áreas mais povoadas podem justificar-se pelo facto de serem zonas com mais acesso a livrarias e bibliotecas. Nas áreas mediantemente povoadas, cerca de 64% não leu qualquer livro, e apenas cerca de 3% leu mais de 10 livros. Por fim, naquelas zonas menos povoadas, que costumam caracterizar-se por regiões mais rurais, sem grandes acessos ao mercado livreiro, cerca de 72% não leu nenhum livro, pouco se regista na leitura de mais de 10 livros.

Em relação ao local de residência, o destaque vai para a Grande Lisboa em que metade dos inquiridos admitiu não ter lido livros. A Madeira e o Alentejo são as regiões que apresentam percentagens, mas altas, e as regiões Norte, Centro e Algarve apresentam valores muito similares em todas os tipos de leitores. Os Açores destacam-se com 8,4% de indivíduos que leram entre 5 e 10 livros, sendo o segundo número mais alto.

Continuando na base da análise de Lopes (2019), que cruzou a relação entre o número de livros lidos, a escolaridade e a idade, conclui-se que “em todos os escalões etários a leitura de livros é tanto mais elevada quanto maior a escolaridade” (p. 34). No entanto, é nos mais jovens com o ensino superior concluído, que se regista um número menor de livros lidos, pois, em média, não vão além dos quatro livros durante um ano. Mas nos indivíduos a partir dos 55 anos, com esse mesmo grau de escolaridade, apresentam uma média de livros lidos bem mais elevada. Porém, é na população com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, com o ensino básico concluído, que apresentam uma média de livros superior à de todos os outros, independentemente da idade e do grau de escolaridade. Outro índice a destacar é a descida da média de livros lidos que existe na população com idades entre os 25-

34 anos, com escolaridades mais baixas, pois tal não acontece com os indivíduos da mesma idade, mas com o ensino superior. Ao combinar com o sexo dos indivíduos, a grande conclusão, é a mesma já referida: as mulheres leem mais que os homens de um modo geral. “Exceto para os de escolaridade superior em que essa relação se mantem nas mais jovens, mas que se inverte a partir do escalão dos 54 anos” (Lopes, 2019, p. 35).

Em 2011, Paula Cristina Lopes (2011) redigiu um artigo sobre os hábitos de leitura em Portugal, em que ela destaca três perfis de leitores, diferenciando o tipo de suporte. Os leitores de livros caracterizam-se, novamente, por ser, na sua maioria mulheres jovens e escolarizadas. Paradoxalmente, o perfil do leitor de jornais é masculinizado, mais idosos e com níveis de escolaridade básico ou secundário. E finalmente o perfil do leitor de revistas é novamente feminizado, relativamente jovens, mas com níveis de escolaridade baixos (p. 10). A autora também afirma que a “leitura de suportes impressos (livros, jornais e revistas) debate-se, neste novo século, com uma constante e evidente (exponencial) migração de leitores para os “novos” media” (p. 14). No entanto, num outro artigo da mesma autora, em 2015, ela explora a literacia mediática de adultos em formação a viver na Grande Lisboa, e conclui que: o jornal é o suporte mais lido pelos inquiridos, diariamente ou pelo menos uma vez por semana, independentemente da formação que frequentam; e que a leitura de livros, seja ela feita *online* ou em papel, mais de metade nunca ou raramente lê livros. Dados referentes à leitura de livros impressos, mostram que o tipo de leitor mais comum em Portugal são os pequenos leitores, aqueles que leem de 1 a 5 livros por ano, independentemente do nível de escolaridade e do sexo do inquirido (Lopes, 2011, p. 52).

Mais recentemente, foi publicado um estudo encomendado pela Fundação Calouste Gulbenkian ao Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, levado a cabo por José Machado Pais, Pedro Magalhães e Miguel Lobo Antunes, intitulado *Inquérito às práticas culturais dos portugueses 2020*, com o principal objetivo de reunir informação à cerca dos consumos culturais dos portugueses, no âmbito da *Internet*, da televisão, da rádio, das práticas de leitura, na frequência de visitas a bibliotecas, museus, monumentos históricos, galerias de arte, cinemas, concertos, espetáculos, festivais e a participação artística de cada um.

O universo do estudo contou com 2000 inquiridos de nacionalidade portuguesa, com 15 ou mais anos, residentes em Portugal Continental bem como Ilhas da Madeira e Açores. Acima de tudo, é preciso ter em conta a data em que foi realizado (de 12 de setembro a 28 de dezembro de 2020), uma vez que

foi nesta altura que o mundo estava a passar por uma pandemia⁴⁴, provocada pela Covid-19, e que Portugal estava sobre medidas restritivas em relação à vida quotidiana. Devido aos diversos confinamentos obrigatórios implementados a toda, pelo Estado português, e aos isolamentos daqueles que contraíam o vírus, os portugueses foram obrigados a passar muito tempo dentro das suas casas. Este tempo em que se viam fechados precisaram de arranjar novas atividades para se manterem ocupados, o que acabou por se refletir nas suas práticas de consumo culturais.

De acordo com o estudo de Pais, mais de metade dos inquiridos (61%) não leram qualquer livro impresso nos últimos 12 meses anteriores ao inquérito, igualmente às conclusões retiradas do estudo de Lopes (2019), em que 61,2% não tinha lido qualquer livro (Pais, Magalhães, & Lobo Antunes, 2022). Em relação aos livros digitais (*e-books*), poucos foram os portugueses que realizaram leituras nesse suporte (Pais et al., 2022).

Comparando novamente com outros países da Europa, as dicotomias mantêm-se, uma vez que o número de portugueses que não leu qualquer livro (61%) é quase a mesma percentagem de espanhóis que leram algum livro impresso (62%). Segundo Pais et al., “este panorama, em que a maioria dos portugueses não leu, no último ano, qualquer livro em papel (e, muito menos, em suporte digital), vai ao encontro de uma ideia salientada nalguns dos últimos inquéritos aos hábitos e práticas de leitura [tal como foi possível observar anteriormente], a de que se estaria perante uma tendência de quebra percentual da população leitora de livros impressos” (2022, p. 24). Contudo, existem leitores com consideráveis hábitos de leitura, em que se destacam, tal como vimos anteriormente no estudo de Paula Lopes (2015), os pequenos leitores (1 a 5 livros). Os grandes leitores, aqueles que leem mais de 20 livros num ano, são muito poucos. Tal como os autores referem, há um “(des)equilíbrio que se mantém no que concerne à população leitora de livros digitais” (Pais et al., 2022, p. 24), uma vez que tanto os pequenos leitores, como os médios são mínimos, e não se regista qualquer grande leitor de *e-books*.

No que diz respeito à razão associada à leitura, mais de metade dos portugueses fá-lo, acima de tudo, por prazer, independentemente do grau de escolaridade. Contudo, é preciso destacar os indivíduos com apenas o 3º ciclo concluído, sendo eles os que mais leem com esse propósito (88%). Já aqueles com mais escolaridade, nomeadamente os com cursos superiores, leem por motivos mais académicos, seja para estudar ou para realizar trabalhos, ou até para exercer a profissão, contrariando os resultados obtidos por Lopes (2019), que afirmava serem aqueles com o ensino superior os indivíduos que mais liam por prazer. Relativamente à idade, à medida que as pessoas ficam mais velhas, leem mais por

⁴⁴ A pandemia provocada pela Covid-19, ou coronavírus, é uma doença respiratória, ainda em curso até à data, que teve origem em Wuhan, na China. A Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou a 20 de janeiro de 2020, o surto do vírus como uma Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional, e mais tarde, no mesmo ano, a 11 de março de 2020, como pandemia, quando começaram a aparecer casos de infeção por Covid-19 noutros países para além da China.

prazer, tal como já se tinha visto no estudo de Miguel Lopes, contudo, na faixa etária dos 15 aos 24 anos, podemos constatar uma semelhança entre ler por prazer e ler para realizar trabalhos escolares ou académicos.

Quando as pessoas necessitam de uma opinião ou de uma recomendação do que ler, destacam-se duas fontes: um familiar, amigo ou colega de trabalho; e a exposição nas prateleiras de uma livraria; Recomendações dos funcionários que trabalham nas livrarias e nas bibliotecas, incluindo o website da biblioteca, são as fontes que menos adesão têm. Um aspeto que importa destacar é o facto de “a maioria dos portugueses raramente ou nunca desfrutou, até aos 15 anos de idade, da leitura de histórias e da oferta de livros por parte da família ou, inclusivamente, de um conjunto de práticas exodomiciliares como idas a feiras do livro, livrarias ou bibliotecas” (Pais et al., 2022, p. 27), o que reforça a ideia do estudo do Plano Nacional de Leitura, que aponta que as práticas de leitura começam no seio familiar, e que se estas não forem alimentadas perdem-se com o decorrer do tempo. Contudo, sublinha-se a faixa etária com idades entre os 15 e os 24 anos, que são aqueles que mais tiveram familiares a ler para eles, e no escalão entre os 25 e os 34 cujos são aqueles que mais livros recebem de oferta pela família. Os autores explicam que este fenómeno pode dar-se ao facto de “os jovens de hoje terem pais mais escolarizados do que as gerações mais velhas e, por consequência, mais sensíveis ao valor cultural da leitura” (p. 27).

No que toca às bibliotecas, cerca de 80% dos inquiridos nunca se dirigiu a uma, nos últimos 12 meses anteriores ao início da pandemia, sendo a principal justificação, não necessitarem de a frequentar. Isto porque, é fácil de arranjar o mesmo material por outros meios. Aqueles que frequentaram a biblioteca, no período destacado, fazem-no, principalmente para estudar ou trabalhar, ou para pesquisar no catálogo do estabelecimento e requisitar livros, revistas ou jornais.

Por último, destacam-se os jornais impressos, como o meio impresso mais lido em Portugal (43%), ultrapassando os livros. O que comprova, mais uma vez, os dados do estudo de Paula Cristina Lopes, em que a leitura de jornais era bem mais superior à leitura de livros (Lopes, 2011). Esta preferência pelo jornal impresso, pode ligar-se com as pessoas mais velhas, que são a população predominante em Portugal, sendo elas as que mais compram e mais leem. É também na esfera digital que os jornais *online* se destacam, contrariamente aos livros e às revistas.

Relativamente ao consumo na *Internet*, 71% no total dos inquiridos utilizam-na, de uma vez que a população entre os 15 e os 34 anos é utilizadora da *Web* assiduamente. As atividades que os inquiridos mais realizam na diariamente na *Internet*, passa pela leitura de notícias *online* e a leitura de enciclopédias digitais, como por exemplo a Wikipédia. Devido ao contexto pandémico, “os inquiridos intensificaram o uso da *Internet* no domínio cultural, sobretudo os jovens dos 15 aos 24 anos que passaram a ver mais

filmes e séries, [e] a ler mais livros, jornais e revistas *online*” (Pais et al., 2022, p. 6). O *smartphone*, é sem dúvida o dispositivo preferencial no que toca ao acesso à *Internet*, por uma questão de ‘praticidade’ e conectividade permanente, enquanto que os leitores de livros digitais (*e-readers*) são os menos utilizados pelos portugueses. inquiridos.

A leitura de lazer realizada em Portugal continua a ser a mais fraca da Europa, e “é um facto [de que] em Portugal pouco se lê, evidência que tem sido empiricamente demonstrada desde os anos 90 do século XX” (Lopes, 2015, p. 59).

5.3. OS JOVENS E A LEITURA

É nas camadas mais jovens, que frequentam a escola, que se regista uma taxa de práticas de leitura mais baixa, sempre com tendência para agravar.

O estudo intitulado *Os jovens em Portugal, hoje: quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem*, realizado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, Laura Sagnier e Alex Morell (2021), retrata exatamente o perfil do jovem português. No total dos jovens inquiridos (2.200.000), com idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos, apenas 14% leem livros, revistas ou jornais nos seus tempos livres. É no sexo feminino que se regista uma maior adesão à leitura, contrariamente ao sexo masculino. É nos jovens com, ou a frequentar o ensino superior que se regista a percentagem mais alta, sendo 20% no total, e nos que frequentam o ensino básico regista-se apenas 10%. Nos jovens do ensino secundário, 12% prefere ler livros, revistas ou jornais. A atividade com mais preferência é ver filmes ou séries, seja na *Internet*, na televisão ou no cinema, e a que menos preferem é a prática de atividades artísticas, com apenas 10% dos jovens no total (Sagnier & Morell, 2021, p. 259).

Outro estudo mais completo no que toca às práticas de leitura, é a pesquisa levada a cabo pelo PNL/CIES, já referido anteriormente, que explora essa temática apenas nas crianças e jovens do ensino básico e do ensino secundário. O estudo foi realizado no âmbito de um inquérito por questionário, de natureza quantitativa e extensiva, contando com os seguintes parâmetros: ‘A família, os Livros e a Leitura’; ‘A escola, os Livros e a Leitura’; ‘A Leitura de livros nos 12 meses anteriores à inquirição’; ‘Leitura de Livros – Formatos e Géneros’; ‘Leitura de Livros à data da inquirição’; ‘Ocupação do tempo’.

‘A Família, os Livros e a Leitura’

Na secção 'A Família, os Livros e a Leitura', procurou-se ter conhecimento se haveria alguma diferença entre as crianças com pais leitores, e entre as crianças com pais que não incentivam à leitura.

Quando as crianças foram questionadas à cerca de quantos livros tinham em casa, a resposta com melhores resultados foi 'Entre 20 e 100 livros', para os dois anos escolares. A parcela 'mais de 500 livros' é aquela com números mais baixos (6,4%), em que os valores são iguais para os dois níveis de ensino. E os alunos que admitem não ter qualquer livro em casa são, em média 0,7% nos dois ensinos. Relativamente aos géneros de livros que os alunos de ambos os ciclos têm em casa, as maiores taxas registam-se nos livros práticos, nos romances/novelas e contos e nos livros juvenis. Os livros que registam taxas mais baixas são os de teatro, os ensaios políticos ou filosóficos e os livros de autoajuda com. Quanto às práticas de leitura dos familiares, cerca de 30% nunca viu um familiar a ler, e, metade dos inquiridos afirmaram ver alguns elementos da família a ler. Em 2007, quase metade nunca tinha ido a uma livraria ou biblioteca, aumentando o número para 62% em 2019; e 12,4% ia muitas vezes a livrarias e bibliotecas, baixando quase para metade em 2019, com 6,9 pontos percentuais.

De um modo geral, mais de metade dos inquiridos afirmam que a relação da família com a leitura é fraca, e apenas 13% revela o contrário (Mata, 2020).

'A Escola, os Livros e a Leitura'

A escola é considerada um dos fatores mais importantes para criar e manter hábitos de leitura nas crianças e jovens, de uma vez que é neste ambiente que eles passam uma grande parte do seu tempo.

Em contexto de sala de aula é importante o professor(a) manter hábitos regulares para com a leitura, e assim sendo, mais de 70% dos alunos de ambos os ciclos em causa, afirmam que o(a) professor(a) lhes pediu para responder a questões a obra ou o capítulo do livro que leem na disciplina de português. Outras opções de resposta presentes no questionário, revelam valores interessantes, como por exemplo 'enumerar e escrever uma caracterização breve das personagens principais'; 'expressar o que pensas sobre a obra ou o capítulo'; e ainda na casa dos 60% temos a opção 'escrever um resumo da obra ou do capítulo'. Em relação às atividades realizadas e relacionadas com a leitura e com a escrita na aula de português, quase 90% afirma que o professor lê em voz alta nas aulas. Outro dado relevante é o facto de alunos confirmarem que o professor pediu para fazer fichas de leitura de um livro a gosto, sem que este constasse no programa da disciplina de português. Em relação à biblioteca, cujo espaço se revela indispensável em contexto escolar, 77% dos alunos afirma frequentarem a biblioteca, sendo

que a atividade mais efetuada por eles são trabalhos escolares, e apenas cerca de 10% afirma frequentar a biblioteca para ler jornais e revistas. Ir à *Internet* ocupa o segundo lugar da tabela e relativamente aos livros, cerca de 25% confia na biblioteca para procurar livros para ler nos tempos livres e para ler efetivamente livros sobre matérias escolares. Poucos são aqueles que procuram a biblioteca para requisitar livros para levar para casa (Mata, 2020).

‘A Leitura de Livros nos 12 meses anteriores à inquirição’

De acordo com o gráfico do PNL/CIES, ler livros por lazer encontra-se em terceira posição quando os alunos de ambos os ciclos são questionados sobre as suas atividades de lazer preferidas. Outras atividades de eleição são o cinema e festas populares.

Poucos jovens leram livros ao longo dos últimos 12 meses⁴⁵, e cerca de 47% afirmaram ter lido de 1 a 3 livros, sendo a opção com mais frequência. No que se refere ao sexo dos alunos, em média, as raparigas leem mais que os rapazes, e são os menores ou de idade igual a 12 anos, aqueles que em média leram mais livros, o que nos indica que os jovens do ensino básico leem mais do que os jovens do ensino secundário.

Comparando, agora os dados de 2007 com os de 2019, é possível afirmar que, no geral, há um declínio de livros lidos, tanto no 3º ciclo, como no ensino secundário, sendo que no 3º ciclo, a única parcela que aumentou foi a de ‘nenhum livro lido’. Em relação ao ensino secundário, em 2007 afirmavam nunca ter lido um livro 11% dos jovens, mas esse número subiu consideravelmente em 2019 para 26%. Iguamente aos dados anteriores, as outras parcelas, apesar de descerem, não registam uma descida brusca, exceto a parcela dos 4 a 10 livros, que desceu de cerca de 10% (Mata, 2020).

‘Leitura de Livros: Formatos e Géneros’

Relativamente ao formato em que os jovens mais preferem ler, o impresso ganha com quase metade dos inquiridos que leem com mais frequência em papel. Em relação à leitura de livros em formato digital (*e-books*), registam-se cerca de 10% de alunos de 3º ciclo, contrariamente aos alunos do ensino secundário que registam 12% com preferência na leitura em dispositivos digitais. A convergência entre os dois formatos também se faz notar, mesmo que seja com pouca intensidade, em que, em conjunto, cerca de 7,5% dos jovens afirma ler frequentemente nos dois formatos. Ainda se regista um número

⁴⁵ Referentes à data do inquérito.

considerável de alunos que afirmam não ler, ou raramente leem livros, independentemente do formato, sendo a média dos dois ciclos de 35,5%, menos 10 pontos percentuais relativamente à média de alunos dos dois ciclos que afirma ler livros com frequência em papel (45,7%).

Os géneros mais apreciados pelos dois graus de ensino são, em primeiro lugar, livros de aventuras, o que é bastante justificável, visto que, normalmente, os livros juvenis apresentam um toque de proezas ousadas, e em segundo lugar, encontram-se os livros de espionagem e policiais, com. Os livros com menos aderência são os livros de carácter religioso, encontrando-se no fundo da tabela, e os livros de política ou filosóficos. A ficção científica, os romances e a banda desenhada também apresentam grande aprovação pela parte dos jovens (Mata, 2020).

‘A Leitura de livros à data da inquirição’

No momento em que os alunos de 3º ciclo e ensino secundário se encontravam a responder ao inquérito do PNL/CIES, 81,1% dos alunos do sexo masculino responderam que não estavam a ler quaisquer livros por lazer, e 62,4% das alunas do sexo feminino, deram a mesma resposta. Quem se encontrava a ler naquele momento eram mais jovens do sexo feminino.

Relativamente à idade, os alunos que se encontravam a ler eram os com menos ou idade igual a 12 anos, e os que menos se encontravam a ler eram os alunos com 19 anos ou mais, e de acordo com o ensino, é no 3º ciclo que se regista uma maior adesão à leitura. Comparando com o ano de 2007, no ensino secundário registaram-se 50,5% de alunos do ensino secundário a ler algum livro por lazer, no momento do inquérito, descendo para metade em 2019. Já no 3º ciclo, a queda não foi tão acentuada, pois em 2007 eram 42,5%, passando para 31,9% em 2019 (Mata, 2020).

‘Ocupação do tempo’

No que toca à ocupação do tempo, a leitura de lazer regista sempre, em todos os parâmetros a percentagem mais baixa. Por dia, os alunos de ambos os ciclos passam, em média, 3 horas no *smartphone* ou Tablet, uma hora a ver televisão, e apenas 45 minutos a ler por prazer. É no tempo gasto na leitura de lazer que se regista a maior diferença entre os sexos, sendo que as raparigas passam mais tempo a ler do que os rapazes, e são novamente os jovens com 12 ou menos anos de idade em que se regista o valor mais alto de leitura de lazer diária. É no *smartphone* e na televisão que passam mais do

seu tempo livre, sendo que a *Internet* é a atividade com mais adesão. A ação com menos ligação é a leitura de correio eletrónico (e-mail), e a leitura de notícias *online* apresenta taxas medianas.

Deste modo, a principal conclusão deste estudo reiterado pelo Plano Nacional de Leitura e pelo Centro de Investigação e Estudos de Sociologia é que, de facto a leitura de livros por lazer diminuiu, consideravelmente, nas camadas mais jovens em ano escolar, entre os anos 2007 e 2019. Outro fator relevante, são as atividades relacionadas com a leitura e com a escrita em contexto de sala de aula, que nos mostra que, quanto maior é a exposição a essas atividades, já referidas anteriormente, maior é o número de livros lidos. O último fator relevante, é sem dúvida, as mudanças tecnológicas na última década, uma vez que estes jovens já nasceram no meio de uma emancipação da tecnologia:

O crescimento e diversificação das redes sociais e o aumento, sem precedentes, de conteúdos digitais disponíveis foram acompanhados pela rápida adoção de smartphones e tablets, para além de computadores, com Internet móvel, que tornaram (...) instantâneo o acesso aos conteúdos e ao contacto entre pessoas. Os dados mostram que o tempo que os alunos ocupam com estes equipamentos é muito superior ao ocupado com a televisão e com a leitura por prazer, o que evidencia usos da leitura (e da escrita) mais desligados do suporte livro. (Mata, 2020)

Todavia, nos Estados Unidos da América (EUA) não se vendiam tantos livros impressos desde há muito tempo, e a principal causa são as redes sociais, fruto das “novas” tecnologias e dos “novos” *medium* (Coutinho, 2022). Recentemente, um artigo no jornal *PÚBLICO*⁶⁵ anunciava que *Não se vendiam tantos livros impressos nos EUA desde há anos e a culpa é do TikTok*⁶⁷ (Coutinho, 2022). O *TikTok* é uma aplicação relativamente recente no mercado, que conta com milhões de utilizadores em todo o mundo. O conceito da aplicação é produzir vídeos de curta duração, com o foco no entretenimento rápido e de movimento *scroll*⁶⁸ em que o conteúdo é diverso. Neste caso, o conteúdo partilhado nesta rede são os livros. De acordo com o artigo, só nos EUA venderam-se 825 milhões de livros impressos em 2021, um número extremamente alto, de uma vez que não se vendiam tantos livros desde 2004 no país. Este fenómeno que ocorre na rede social, tem por nome de *BookTok*, em que os utilizadores partilham o que estão a ler ou que querem ler, e depois quando terminam dão a sua opinião. A diretora executiva da *NPD BookScan*, Kristen McLean apontou que estes vídeos de curta duração que captam a atenção imediata

⁶⁵ O artigo pode ser consultado em: <https://www.publico.pt/2022/02/01/culturaipilon/noticia/nao-vendiam-tantos-livros-impressos-eua-desde-ha-anos-culpa-tiktok-1993634>

⁶⁷ O *TikTok* é uma rede social lançada em 2016 por uma companhia de tecnologia chinesa, chamada *ByteDance*. Iniciando como o *Musical.ly*, o *TikTok* é uma aplicação que exhibe vídeos de curta duração, e já é líder em quase todo o mundo, destacando-se a Ásia e os Estados Unidos da América com mais utilizadores.

⁶⁸ *Scroll* refere-se ao movimento efetuado de baixo para cima que fazemos ao navegar pelas redes sociais. Normalmente utilizamos o dedo polegar.

do ouvinte, foram um contributo fulcral para que as pessoas começassem a ler mais e a interessar-se mais pelos livros. Acrescenta que a pandemia também ajudou a que as pessoas lessem mais. McLean referiu também, num seminário, que “um conjunto de 80 autores que a *BookScan* identificou como tendo grandes seguidores no *BookTok* vendeu no ano passado [2021] mais do dobro do que vendia, de um total de nove milhões de cópias vendidas em 2020 passou para os 20 milhões de exemplares vendidos em 2021. Contudo, a diretora da empresa, crê que o crescimento se venha a estagnar, de uma vez que o preço dos livros aumentou, devido ao aumento dos custos de produção e transporte. A verdade é que, com uma rede social com este alcance, e de uma vez que o público alvo do *TikTok* são os adolescentes, tornou-se num fator favorável para impulsionar os jovens em idade escolar a ler, já para não falar na influência que este *BookTok* tem sobre jovens adultos. O maior exemplo que o artigo dá é o livro *It Ends With Us*⁴⁹ de Colleen Hoover, publicado pela primeira vez em 2016, e que em 2021 foi o segundo livro mais vendido nos EUA, na categoria de ficção para adultos. Nas livrarias também se sentiu este fenómeno, pois a *Barnes & Noble*, agora dedica uma secção só com os livros mais recomendados e mais lidos no *BookTok* (Coutinho, 2022).

A leitura, e o ler bem, possibilitam inúmeras vantagens para a sociedade, e por isso precisam de ser praticadas desde muito novos, daí ser tão importante para os jovens. Facilitam muito mais a “compreensão da realidade a qual o sujeito está inserido, dando mais elementos para pensar, refletir e se posicionar de forma consciente e crítica sobre [a] sua realidade e condições de vida” (Assis et al., 2021, p. 8936). Ainda por cima, com toda a complexidade que a sociedade exige hoje em dia, a leitura também se torna complexa, exigindo também, cada vez mais, desafios na compreensão e interpretação de texto, imagens e sinais, e podemos apontar que as tecnologias e as diferentes médias de entretenimento não sejam as maiores culpadas pelo facto de se ler tão pouco em Portugal (Assis et al., 2021).

5.3.1. A LEITURA DE *E-BOOKS* EM PORTUGAL

Em Portugal, o mercado dos *e-books* ainda não é estável e apresenta-se um pouco frágil, comparativamente a outros países da Europa. Por exemplo, em 2011, a *Amazon* vendeu mais *e-books* do que livros impressos, e no Reino Unido, no mesmo ano, as vendas de *e-books* foram superiores a 130%, fazendo com que cerca de noventa e oito editoras tivessem encerrado, só no ano de 2012 (Silva,

⁴⁹ Em português “Isto Acaba Aqui”.

Simões & Estima, 2016)⁵⁰. Este mercado é ainda reduzido em Portugal, o que significa que os portugueses não só não aderem à leitura em livros impressos, como não aderem à leitura de livros digitais, tal como foi declarado em Pais et al. De acordo com o estudo levado a cabo por Gustavo Cardoso, Miguel Paisana, Tiago Lima Quintanilha e Pedro Caldeira Pais (2018), intitulado *Literacias na Sociedade dos Ecrãs*, apenas 4,8% dos inquiridos comprou *e-books online* (Cardoso et al. 2018). O *e-commerce* é cada vez maior em Portugal devido à adesão às compras via *Internet*, sendo que em 2015 cerca de 3,2 milhões de portugueses já faziam compras *online*. Os *e-books* podem ser adquiridos em sites de livrarias *online*, sendo que as principais são a Wook, que faz parte do Grupo Porto Editora, a Bertrand e a Fnac. Nas três livrarias já é possível encontrar uma considerável variedade de *e-books*, dentro das suas próprias bibliotecas digitais.

De acordo com o estudo levado a cabo por três investigadores da Universidade de Aveiro (2016), 62,54% dos inquiridos⁵¹ consideram-se não leitores de *e-books*, e apenas 10,54% se consideram leitores compradores. Os leitores não compradores são ainda mais do que os que leem regularmente livros digitais, sendo 26,92%. Os não-leitores caracterizam-se principalmente por inquiridos da Geração Z⁵², estudantes, solteiros e sem filhos, e detêm graus de escolaridade inferiores aos que se consideram leitores de *e-books*. São as mulheres que apresentam um maior número de não-leitoras de *e-books*, e nos homens o maior número de leitores. Os leitores compradores, como já referido, são essencialmente os homens da Geração X⁵³, com emprego, casados e com um filho, com o ensino superior concluído, isto é, pós-graduação, mestrado ou doutoramento. Já os leitores não compradores são jovens das Gerações Y⁵⁴ e Z, igualmente solteiros, estudantes, sem filhos, e têm graus de escolaridade inferiores aos dos leitores compradores. São as mulheres que mais se caracterizam como leitoras não compradoras. Concluíram também que é o sexo feminino que mais apego tem ao livro impresso, o que vai de acordo aos resultados apresentados no capítulo anterior, onde se concluiu que são as mulheres as maiores leitoras de literatura, “deduz-se [então] que este apego pela leitura é de cariz emocional” (p. 254). De outra forma, os homens são aqueles que leem mais livros técnicos, como já podemos constatar anteriormente, justificando assim a leitura com “motivos profissionais e concedem maior importância ao preço, revelando-se assim leitores mais práticos” (p. 254), tal como as características dos *e-books*. Por

⁵⁰ Artigo retirado da 16ª Conferência da Associação Portuguesa de Sistemas de Informação, com o título *O perfil do consumidor de livros eletrónicos em Portugal*, levado a cabo por três investigadores da Universidade de Aveiro, em 2016.

⁵¹ No estudo usado como referência, concentram-se 54% de inquiridos com idades compreendidas entre os 18 e os 24, o que significa que há uma forte participação da comunidade académica. (Silva, Simões & Estima, 2016).

⁵² A Geração Z é a definição sociológica atribuída à população nascida, em média, entre a segunda metade dos anos 1990 até ao início do ano de 2010, porém esta definição não é completamente consensual.

⁵³ A Geração X é mais uma definição sociológica que caracteriza a população nascida entre meados da década de 1960 e o início da década de 1980, contudo, não é uma definição acordada.

⁵⁴ A Geração Y, ou em inglês Millenials é, novamente, a definição sociológica de mais uma geração. Caracteriza desta vez, a população nascida no início da década de 1980 até ao final do século XX, mais especificamente até 1996. De novo, esta definição não é igual para toda a comunidade de sociólogos.

fim, apesar de a Geração X ser a que mais compra *e-books*, são também aqueles que mais preferem livros impressos, o que acaba por ser um pouco contraditório. É na Geração Z que se nota uma maior possibilidade de consumo de *e-books*, sendo que os jovens, por muito que sejam não leitores, consideram-se abertos à experiência (Silva, Simões & Estima, 2016).

A população portuguesa não é aderente à leitura no geral, e com todo o desenvolvimento tecnológico da nossa era, a leitura digital era uma opção para contrariar as más práticas de leitura. Contudo, ainda se revela constrangimentos à adoção dos *e-books*. Mas, uma vez que a leitura em livro impresso continua a ser a preferida, há quem sugira que os *e-books* sejam vendidos ao público nas livrarias, à semelhança do livro impresso, e assim aproximar todo o tipo de leitores e todo o tipo de preferências num só local, melhorando o potencial do mercado (Silva, Simões & Estima, 2016).

5.4. OS JOVENS E O MEIO DE LEITURA

Os jovens são, geralmente, o tipo de amostra mais usada para estudar qual é o meio mais eficaz na leitura, e quais são as suas preferências. Isto deve-se ao facto de que as práticas de leitura, normalmente, são pouco relevantes nesta faixa etária, de uma vez que está provado de que os jovens leem pouco. Portugal, infelizmente, é um dos grandes exemplos de países que apresenta uma taxa de leitores muito baixa, sendo que os jovens fazem parte dessa categoria.

Ji Eun Kim e Brenna Hassinger-Das (2019), como editores da obra *Reading in the digital age: young children's experiences with e-books* apresentam uma compilação de diversos estudos, expondo qual o meio mais eficaz para que a leitura seja produtiva nos jovens, e qual é o meio que eles preferem utilizar para ler. Como já referimos anteriormente, o problema não reside nos médias digitais, mas sim, no modo em como essa tecnologia é usada (Kim & Hassinger-Das, 2019). Logo no 1º Capítulo, levado a cabo por Brenna Hassinger-Das, Rebecca Dore e Jennifer M. Zosh, as autoras afirmam que há de facto benefícios na leitura de 'histórias em livros tradicionais', pois estes proporcionam o desenvolvimento da linguagem e da alfabetização das crianças mais pequenas. Contudo, também os *e-books* promovem vantagens nos mais novos, visto que, no sentido da acessibilidade, "as famílias agora têm fácil acesso a uma variedade de *e-books* diferentes em dispositivos que estão constantemente ao alcance" (Kim & Hassinger-Das, 2019, p. 12), como os *smartphones*, *Tablets*, *iPads* e *e-readers*. A exemplo de, é-nos apresentado um estudo que descobriu que um *e-book* com atividades incorporadas faz com que pais e filhos tenham mais comentários comportamentais, proporcionando um ótimo serão em família. As crianças são mais propensas a dizer 'Posso virar a página?' ou 'Posso tocar no cão para que dê música?',

do que se fosse uma leitura realizada num livro em papel. Contudo, ao ler um livro tradicional, os comentários entre pais e filhos, passam a ser verbais e dialogais, sendo estes sobre a história do livro em si, sobre o seu conteúdo. Ambos os formatos (impresso e digital), permitem e proporcionam aprendizagem. Os *e-books* permitem-na por meio de recursos interativos compatíveis com as histórias, e os livros em papel, por meio da conversa com o adulto durante a leitura conjunta. Por vezes, os *e-books*, bem como outros dispositivos interativos como consolas de videojogo, são interativos e quase que envolvem os mais pequenos diretamente no seio cognitivo, o que provoca as reações que já foram apontadas, como respostas verbais ou ações conforme a história se desenvolve (Kim & Hassinger-Das, 2019).

De facto, os livros impressos sempre foram considerados a chave para uma boa educação, mas estes já começaram a ser substituídos por Tablets em algumas escolas, como por exemplo em *South Kent*, no Connecticut, nos Estados Unidos da América (EUA), não existem livros em papel (Baron, 2015). Estes foram substituídos por *iPads* com *e-books* (Baron, 2015). E nos Açores, já entrou em vigor um projeto piloto, promovido pela Altice Portugal, que visa a adoção de manuais digitais nas escolas, em vez de impressos, com o objetivo de aumentar a literacia digital dos alunos (Parreira, 2021)⁵⁵. De acordo com a Altice Portugal e a Secretaria da Educação do Governo Regional dos Açores, este projeto, ainda em andamento, pretende focar-se em turmas do 5º ao 8º ano de escolaridade, integrando-se no programa escolar como uma formação digital e multimédia, em que a Altice defende ser “um combate à iliteracia digital no sistema educativo” (Parreira, 2021), proporcionando assim “o acesso equitativo a meios tecnológicos e a integração pedagógica da tecnologia” (Parreira, 2021). Ainda assim, os livros impressos estão presentes desde sempre no sistema educativo, tendo criado fortes raízes, tal como Kim & Hassinger-Das explicam:

Historicamente, os livros impressos têm sido vistos como o padrão ouro para a alfabetização e aprendizagem das crianças, mas este estudo sugere que os pais preferem predominantemente os e-books para fins de aprendizagem em comparação com os livros impressos. No entanto, os livros impressos são considerados muito importantes para o vínculo familiar, enquanto os e-books são vistos como apropriados para o tempo sozinho das crianças. (Kim & Hassinger-Das, 2019, p. 100)

Contudo, existem estudos que demonstram a vantagem dos livros digitais perante apresentações ao vivo, e outros descobrem ganhos com as representações em papel, levando-nos a crer que estes resultados

⁵⁵ O artigo pode ser consultado na íntegra na página da SAPO TEK, com o título *Altice Portugal promove projeto-piloto de adoção de manuais digitais nos Açores*: <https://tek.sapo.pt/noticias/negocios/artigos/altice-portugal-promove-projeto-piloto-de-adoacao-de-manuais-digitais-nos-azores>

mistos só provam que não há assim uma enorme diferença entre a leitura em livro impresso e a leitura em livro digital. Tudo indica que o uso dos dois *media* é cada vez mais, o mais correto e simples. O uso de livros eletrônicos oferece aos jovens novas formas de desenvolver e aprimorar o vocabulário e as literacias, que revelam ser essenciais para a comunicação num mundo global como o nosso (Kim & Hassinger-Das, 2019).

No mesmo artigo já referenciado anteriormente, Namoi S. Baron (2017)⁵⁶ elaborou um conjunto de questões a alunos sobre os seus hábitos de leitura em impresso e em digital. As perguntas passaram pela questão do tempo que eles gastavam a ler tanto em impresso, como em ecrã; sobre o preço dos livros, e se este influenciava na hora de compra; qual o meio em que costumam reler mais; se o tamanho do texto é importante na hora de escolher o meio; qual era a probabilidade de serem multifacetados ao ler em cada meio, e em qual deles se sentiam mais concentrados; e como questão final, quais as características que cada aluno gostou mais e menos em cada meio de leitura (Baron, 2017).

Relativamente ao tempo de leitura, no geral, os inquiridos “relataram gastar cerca de dois terços do seu tempo a ler em impresso, tanto para trabalhos escolares como para lazer”. Uma vez que o estudo foi realizado com alunos de vários países e de diferentes continentes, Baron conseguiu apurar que no Japão, os alunos leem mais em ecrãs, provavelmente devido ao facto de os japoneses que vivem em grandes cidades industrializadas, como Tóquio, serem uma população que está extremamente em fusão com a tecnologia. E isso pode ser bem constatado nos metros e comboios, onde as pessoas estão voltadas para um *smartphone* ou para um *iPad*, e fica difícil decifrar se estão nas redes sociais, se estão a ler, a jogar, ou simplesmente navegando pela *web*. Ainda assim, Baron aponta que “ao considerar esses números, especialmente para a leitura académica, precisamos de ter em conta que às vezes as tarefas de leitura estão disponíveis apenas num meio ou noutro, de modo a que os alunos não precisam de fazer escolhas independentes” (Baron, 2017), e limitam-se a utilizar o que estiver livre.

Os *e-books* são, normalmente, mais baratos que os livros tradicionais, devido a diversos fatores já mencionados, o que leva muitas vezes as pessoas a optar por esse meio. No entanto, mais de 80% dos participantes afirmaram que se o preço dos dois formatos fosse igual, eles escolheriam ler na mesma em papel do que ler nos ecrãs. É na Alemanha que se nota particularmente essa escolha, especialmente nas leituras académicas (94%). De uma vez que os livros impressos são mais caros, é normal que tanto as escolas como as universidades prefiram utilizar livros ou textos digitais, contudo, é surpreendente que, “se o custo for removido da equação, os *millennials* digitais geralmente preferam a impressão” (Baron, 2017).

⁵⁶ O artigo científico nomeado *Reading in a digital age*, que pode ser consultado em: <https://kappanonline.org/reading-digital-age/>

Quanto à releitura, a primeira descoberta a apontar é que nem todos os inquiridos releem livros no geral, quer estes sejam impressos ou digitais. Ainda assim, os que admitiram tê-lo feito, “seis em cada dez indicaram que eram mais propensos a reler a impressão”. E “menos de dois em cada dez escolhem o digital”, enquanto que os restantes apontam que “ambos os média eram igualmente prováveis” de reler (Baron, 2017).

O comprimento do texto também é certamente relevante para estes inquiridos. Quando o texto se revela curto, “os participantes apresentaram preferências mistas”, isto é, há quase uma indiferença entre ler em impresso e ler em digital. Por outro lado, quando o texto é mais extenso, “86% preferiram imprimir os [textos] para trabalhos escolares e 78% para ler por prazer”. E, de acordo com Baron, já vários estudos indicam que há uma certa preferência pelo papel quando os textos são de grande dimensão. Os jovens estão assim a dizer-nos que, se lhes exigirmos uma leitura de textos mais longos, o meio de facto importa (Baron, 2017).

Em relação à multitarefa, os alunos admitiram “ser mais propensos a realizar várias tarefas ao ler no ecrã do que em impresso”. Destaca-se aqui inquiridos dos Estados Unidos da América, em que 85% indicou que realiza várias tarefas ao mesmo tempo enquanto lê em ecrãs, em comparação aos 26% que dizem fazê-lo enquanto leem em papel. Sendo a multitarefa prejudicial cognitivamente, enquanto estamos a ler, Baron conclui que “os alunos que realizam várias tarefas durante a leitura são menos propensos a prestar atenção ao texto do que aqueles que não o fazem” (Baron, 2017).

Por fim, no que toca à concentração, 92% do total de inquiridos respondeu que era mais fácil de se concentrarem ao lerem em papel, do que ao lerem num computador, Tablet, *iPad* ou *e-reader* (Baron, 2017).

A respeito das características que mais e menos gostavam em cada formato, a maioria dos alunos destacaram “a fisicalidade da impressão, mas reclamaram que não era fácil de pesquisar”, apontaram que era mais fácil focar, que sentiam que o conteúdo ficava na cabeça com mais facilidade, e que lhes dava a sensação de que liam mais, mas em contrapartida, também apontaram como sendo uma leitura aborrecida e difícil de iniciar. E relativamente à leitura em ecrã, apontaram que “lhes causava fadiga ocular, mas gostavam da sua conveniência”, que era mais distrativa e lhes provocava falta de atenção, mas outros indicaram como sendo uma leitura mais fácil e rápida (Baron, 2017).

Kerry Benson (2020), no artigo *Reading on paper versus screens: what's the difference?*²⁷ explora a diferença na leitura nos dois meios, afirmando que o digital é suficiente para ter uma ideia das notícias,

²⁷ O artigo pode ser consultado em: <https://www.brainfacts.org/neuroscience-in-society/tech-and-the-brain/2020/reading-on-paper-versus-screens-whats-the-difference-072820>

e para quando se procura ideias principais e concretas, mas textos mais longos e complicados são sempre mais lidos em meio impresso, especialmente se for para reter os detalhes. A leitura digital prejudica, de uma maneira geral, a compreensão, principalmente de textos mais longos e complexos, e isso pode ser devido à hipótese superficial a que o digital está associado. A exposição constante ao *medium* digital num ritmo acelerado treina o nosso cérebro para processar informações de forma mais rápida e menos completa. Contudo, não devemos, de todo, abandonar ou negar até, a leitura digital, em vez disso, devemos considerar a situação em que estamos, e escolher o meio de leitura mais adequado (Benson, 2020).

A cultura do 'aqui e agora' está a mudar a maneira como nós lemos, como pensamos e como escrevemos, tonando-nos seres humanos de pensamento rápido e acelerado, que por vezes não consegue abrandar:

O maior desafio para ler atentamente em plataformas digitais é que usamos amplamente dispositivos digitais para uma ação rápida: procurar um endereço, enviar uma atualização de 'status' do Facebook, ler os títulos das notícias (mas não a essência do artigo), realizar várias tarefas entre compras on-line e escrever um ensaio. Quando vamos ler algo substantivo num computador ou e-reader, Tablet ou smartphone, os nossos instintos agora habituais dizem-nos para seguir em frente. (Baron, 2017)

E é através deste fenómeno que muitos profissionais das áreas da educação, e não só, se mostram preocupados com a mudança da própria noção do que é escrever e ler. Há um receio que a comunicação fique aquém daquilo que realmente é, e que se torne, na pior das hipóteses efêmera (Baron, 2017).

PARTE II ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO 6

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo empírico caracteriza-se pela parte prática da dissertação. É neste capítulo que serão apresentados todos os passos que foram dados para a realização do estudo de caso, a descrição do trabalho de campo que foi efetuado e os resultados obtidos. A metodologia desta dissertação de mestrado baseia-se no estudo de caso como estratégia de investigação, em que se estabelece uma ligação entre técnicas de recolha de dados quantitativos e qualitativos, ou seja, um inquérito por questionário com a amostra escolhida por conveniência e conversas informais com a população que foi alvo do estudo.

6.1. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

O estudo empírico desta dissertação baseia-se na metodologia do estudo de caso como estratégia de investigação. De acordo com José Vilelas (2020), em *Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento*, “os estudos de caso enquadram-se numa abordagem qualitativa e são frequentemente utilizados para a obtenção de dados na área dos estudos organizacionais” (p. 236). As críticas apontadas a este método passam pela falta de credibilidade, e a possível distorção de dados pelo investigador; contudo, tal também pode ocorrer noutros métodos de investigação. O importante é que o investigador seja sério e honesto na sua investigação. A natureza do estudo de caso está “epistemologicamente em harmonia com a experiência daqueles que nele estão envolvidos” (p. 237). Este fator é particularmente importante na área das ciências sociais (como é o caso), em que os estudos “se fundamentam na relação entre a profundidade e o tipo de experiência vivida, na expressão desta experiência e na compreensão da mesma” (p. 237).

A ênfase do estudo de caso revela-se na compreensão de um fenómeno e na extrapolação da experiência. Mas, para que possamos compreender o que é um estudo de caso, importa saber o que é um caso. Vilelas defende que o caso pode ser “um único membro da população” (2020, p. 237), e assim, representar apenas uma fraca percentagem do todo. No entanto, ao juntar múltiplos casos num só estudo, podemos obter um número considerável para analisar. Isto porque, o caso é “uma unidade de análise, que pode ser um indivíduo, o papel desempenhado por ele ou por uma organização, um

pequeno grupo, uma comunidade ou até mesmo uma nação” (p. 238). Todos estes tipos de casos são unidades sociais. No meio académico, como é o nosso caso, principalmente na área das ciências sociais e humanas, os estudos de caso são feitos ou com um único caso, ou com múltiplos casos.

A adoção e aplicação do estudo de caso é relevante e adequada quando as questões de partida são do tipo ‘como’ e ‘porquê’, e nas situações em que o investigador está impedido de controlo dos contextos sociais. Existem estudos de caso em que se recolhem dados através de métodos quantitativos (como por exemplo o inquérito por questionário), e esta é considerada uma vantagem deste método de investigação. Procura dar resposta a como e por que razão certo fenómeno acontece. Possibilita ao investigador estudar um determinado tema, “permite estudar os fenómenos a partir de múltiplas perspetivas e não da influência de apenas uma variável; explora mais profundamente os fenómenos, obtendo um amplo conhecimento de cada fenómeno, o que gera novas respostas aos temas que, entretanto, vão emergindo” (Vilelas, 2020, p. 242).

Para complementar o estudo de caso, é usada a combinação de técnicas de investigação quantitativa e qualitativa, respetivamente o inquérito por questionário e conversas informais com a amostra em questão. A investigação quantitativa e os seus métodos “surgiram do processo científico da relação causa-efeito, para estabelecer generalizações aplicáveis a diversas situações” (Meirinhos & Osório, 2010, p. 50-51). O objetivo principal da investigação qualitativa é procurar compreender as inter-relações complexas que acontecem no dia a dia da vida real.

O inquérito por questionário faz parte das técnicas da investigação quantitativa, e foi aquela que teve um papel crucial no nosso estudo. De acordo com Albertino Gonçalves (2004), “o inquérito é uma das técnicas mais emblemáticas da sociologia” (p. 78). Consiste num documento em que consta um determinado número de questões, que se revela numa interrogação sistemática a um conjunto de pessoas, que normalmente, são representativos de uma população, de maneira a obter dados generalizados, em que as questões podem ser relacionadas com factos ou com opiniões. Normalmente, o inquérito por questionário integra o “estudo sistemático das atitudes, das opiniões, das preferências, das representações, do sentido subjetivo das ações” (p. 78), de maneira a ter conhecimento daquilo que está a acontecer numa sociedade. É utilizado mais frequentemente em estudos de larga escala, e é caracterizado e vastamente utilizado pela crença da facilidade e simplicidade de aplicação, que por norma, é rápida, seguindo um padrão (Gonçalves, 2004).

A investigação qualitativa requer que o investigador “esteja no trabalho de campo, faça observação, emita juízos de valor e que analise” (Meirinhos & Osório, 2010, p. 51). Na investigação qualitativa um dos aspetos mais importantes é a “capacidade interpretativa” que o investigador necessita

de apresentar para que nunca deixe de estar alerta em relação ao acontecimento ou ao estudo (p. 51). No caso desta dissertação, procedeu-se à observação e a conversas com a amostra em causa e ao registo verbal e visual contínuo dessas visitas.

A prática da observação, diz Albertino Gonçalves (2004), “permite, (...), apreender os comportamentos e os acontecimentos no próprio momento em que eles se desenrolam nos seus contextos naturais e na sua riqueza (inter)subjéctiva” (p. 66). Desta forma, o investigador procede com a observação das pessoas, como é que estas se comportam e reagem durante o dia a dia, ou pelo menos, no tempo em que estão a ser observadas. Neste caso, a observação da população estudantil e das instalações escolares foi feita mediante autorização da instituição.

Por muito que alguns autores não apoiem a ideia de unir os dois métodos (qualitativo e quantitativo) numa só investigação, outros, como Robert K. Yin, salientam a relevância da utilização de dados qualitativos e quantitativos, no sentido de se complementarem um ao outro (Yin, 2018).

6.2. UNIVERSO E AMOSTRA

O universo e a amostra são dois integrantes imprescindíveis para o desenrolar de um estudo de caso. Trabalhar com uma população teórica, “isto é, com o conjunto de todos os elementos, por exemplo dos 10 milhões portugueses” (Marôco, 2018, p. 8), nunca é possível. João Marôco (2018), no seu manual *Análise Estatística com o SPSS Statistics*, afirma que a maioria dos estudos sociológicos, incluídos nas ciências sociais, procuram respostas, teorias, ou explicações que sejam generalizáveis, e que se possam afirmar perante todos os humanos, ou seja, a população. Contudo, devido a fatores como o tempo, os custos e a conveniência, opta-se por uma amostra da população que se pretende estudar, compreendendo esta, normalmente, “grupos mais restritos a que podem ser realmente acedidos” (p. 8). De acordo com Vilelas (2020), “uma AMOSTRA (n), neste sentido amplo, não é mais do que uma parte do todo a que chamamos POPULAÇÃO (M) e que a representa” (p. 179). A amostra costuma aparentar características comuns e é acessível e conhecida do investigador.

No nosso caso, o ideal seria aplicar o inquérito por questionário a uma grande quantidade de adolescentes a frequentar o ensino secundário. No entanto, a abrangência de tal estudo não era compatível com o tempo, nem com os meios disponíveis para realizar a investigação. Optou-se, assim, pela modalidade da amostra por conveniência, restringindo o estudo aos alunos do ensino secundário (do 10º ao 12º ano) da Escola Secundária de Marco de Canaveses, Porto, englobando os Cursos

Científico–Humanísticos e os Cursos Profissionais, um universo familiar à investigadora, já que foi nessa escola que estudou.

6.3. QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO

A principal pergunta que se coloca no estudo é: Quais são os hábitos de leitura de livros impressos e de livros digitais dos jovens estudantes do 10º ao 12º ano da escola secundária de Marco de Canaveses? Uma vez que o significado de leitura e do que é um texto varia de acordo com o contexto, o foco de estudo da nossa dissertação ocorrerá na leitura de livros impressos e de livros digitais. Excluímos desse universo os manuais escolares, ou qualquer outro livro utilizado para trabalho/estudo, pela razão de que estes são livros que os alunos leem e têm contacto porque frequentam a escola, acabando por ser a regra base da educação. Sendo assim, pretendemos concentrar-nos na leitura de livros prazerosa e de lazer em ambos os meios (impresso e digital).

De acordo com o estudo, que referimos anteriormente, feito pelo Plano Nacional de Leitura (PNL) em parceria com o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES – ISCTE), no período entre 2017 e 2019, os jovens portugueses leem cada vez menos⁵⁸ (Mata et al, 2020). Os inquiridos, jovens alunos do 3º ciclo e ensino secundário, admitiram ter lido menos de três livros por prazer, nos últimos 12 meses anteriores ao inquérito aplicado. A conclusão da primeira parte do estudo, divulgada pelo OBSERVADOR⁵⁹, concluiu que esta tendência se verifica nos dois níveis de ensino, mas é no ensino secundário “que se regista uma diferença maior entre os dois períodos com a percentagem de alunos que não leram qualquer livro por lazer a passar dos 11,3% para os 26,2%” (OBSERVADOR, 2020, 30 de setembro).

Estes resultados reforçam a motivação para o nosso estudo, e a pertinência do universo escolhido, ou seja, jovens a frequentar o ensino secundário. Uma outra conclusão a que o PNL e o ISCTE chegaram foi que os hábitos de leitura dos alunos alteram de acordo com os hábitos de leitura dos pais, e da própria relação destes com os livros. O alargamento da escolaridade obrigatória até ao 12º ano “reforçou a heterogeneidade social da população escolar” (Mata et al, 2020), isto é, estudar até mais tarde deixou de ser uma opção e passou a constituir uma obrigatoriedade. Esta situação coloca os alunos de famílias mais desfavorecidas na escola até mais tarde e conseqüentemente “evidencia a necessidade de reforçar o trabalho desenvolvido por professores, escolas e instituições promotoras da leitura”. Outro

⁵⁸ Note-se que os resultados desta investigação foram comparados com os resultados obtidos numa investigação da mesma natureza em 2007.

⁵⁹ O artigo pode ser consultado em: <https://observador.pt/2020/09/30/jovens-portugueses-leem-cada-vez-menos-e-habitos-das-familias-influenciam/>

fator relevante foi o impacto das atividades que englobam a leitura e a escrita em sala de aula, pois “quanto maior é a exposição às mencionadas atividades maior é o número de livros lidos”. As bibliotecas escolares e o distanciamento que é feito por parte dos alunos, nomeadamente por parte dos alunos com menos livros em casa, é outro fator que explica a pouca adesão à leitura. E por último, as mudanças tecnológicas da última década. O desenvolvimento das tecnologias digitais e a rápida adesão e utilização de *smartphones*, *Tablets* e computadores com acesso à *Internet*, priorizaram atividades como redes sociais, videojogos e vídeos de entretenimento, principalmente se forem criados por *digital influencers*⁶⁰ ou criadores de conteúdo. Os dados obtidos mostram que “o tempo que os alunos ocupam com estes equipamentos é muito superior ao ocupado com a televisão e com a leitura por prazer, o que evidencia usos da leitura (e da escrita) mais desligados do suporte livro” (Mata et al, 2020).

Os jovens que frequentam atualmente o ensino secundário são considerados ‘nativos digitais’, por terem nascido num período da nossa história em que a tecnologia estava a ser desenvolvida muito depressa (aproximadamente entre 2004-2006), e posteriormente, crescido numa cultura altamente digital, enfrentando os desafios de uma sociedade dos ecrãs. Eles estão em contacto permanente com a tecnologia, os ecrãs, as redes sociais e a *Internet* no geral. Dietrich Schwanitz (2019), em *Cultura: tudo o que é preciso saber* afirma que “hoje, antes de aprender a ler, a criança vê televisão” (p. 507). Mas considerando a nossa era digital, já não é bem assim. Em tempos, a televisão foi aquela que ofereceu “comunicação oral em situações quase reais” (p. 507), sendo por vezes vista como uma ameaça para os livros. No entanto, hoje são outros tipos de ecrãs que transmitem gestos, vozes, linguagem corporal, imagens, vídeos e músicas. Isto é, hoje, antes de aprender a ler, a criança vê vídeos do *YouTube* no *smartphone* ou *Tablet*. Já para não mencionar as crianças que recebem o seu próprio *smartphone* ou *Tablet* pessoal numa idade muito precoce, sem antes nunca terem tido contacto com qualquer tipo de livro, realidades que obviamente representam apenas uma parte da humanidade, dadas as disparidades existentes entre as várias partes do globo.

Ora, se o digital está tão presente no quotidiano dos jovens escolarizados porque é que eles não utilizam os seus *smartphones*, *Tablets* e computadores para ler livros digitais com mais frequência? Será que preferem consumir programas de televisão, filmes, séries em *streaming*, videojogos, *YouTube* e conteúdos das redes sociais? Já é sabido que os jovens portugueses leem muito pouco, contudo a grande parte dos estudos consultados, incluindo o estudo do PNL/ISCTE antes referido, concluíam que de facto existe um nicho de jovens que lê por lazer. Estes, geralmente, preferem o meio impresso tanto para a

⁶⁰ Traduzido para português: influenciadores digitais. De uma maneira geral, é uma pessoa com capacidade de influenciar um grupo de pessoas através do seu estilo de vida. Normalmente estes criadores de conteúdo publicam *posts* com a finalidade de influenciar a comunidade para o consumo de certos produtos, sendo que são patrocinados por diversas marcas.

leitura prazerosa, como para a leitura escolar. Porém, apontavam sempre questões positivas em relação aos *e-books*. Por exemplo, no estudo feito pelo PNL/ISCTE, concluiu-se que 44,5% dos alunos do ensino secundário leem mais frequentemente em papel, e que 12,1% leem mais frequentemente em dispositivos digitais (Mata et al, 2020).

Posto isto, no clima altamente tecnológico atual, em que os jovens adolescentes portugueses escolarizados têm acesso diariamente a dispositivos digitais portáteis será que eles ainda leem livros por prazer? E se leem, em que formato é que isso acontece? Quais são os seus géneros preferidos? E se não leem livros por prazer, qual é a razão para isso acontecer? E visto que estão em constante contacto com a tecnologia, não seria o *e-book* uma boa escolha para eles e elas lerem livros por entretenimento e, desse modo, desenvolver o gosto pela leitura?

6.4. OBJETIVOS DE INVESTIGAÇÃO

Para que nos fosse possível dar resposta à questão de partida, elaborámos um conjunto de objetivos assentes nos hábitos de leitura e na escolha dos *medium* livro e/ou *medium e-book*. Cada objetivo apresenta uma síntese concisa.

O primeiro objetivo consiste em assentar as diferenças que os jovens consideram haver entre a leitura em livro impresso e a leitura em livro digital. Com este objetivo pretende-se determinar se os inquiridos reconhecem que existe diferença entre os dois tipos de leitura, e se sim, quais são. Muitos dos estudos consultados referiram que as pessoas consideram a leitura em papel uma leitura intensiva e de reflexão, que necessita de concentração e foco, e que a leitura digital é uma leitura mais informativa e superficial.

O segundo objetivo passa por apontar os hábitos de leitura, referentes tanto a livros impressos como livros digitais, que os adolescentes têm em relação à leitura de lazer. Este objetivo passa, principalmente, em apontar o quê, onde, quando e como os jovens leem, tanto no que diz respeito à leitura de livro impresso, como à leitura de livro digital.

Em terceiro lugar, verificar a importância do *medium* nas práticas de leitura de livros por lazer. Isto é, questionar os jovens sobre as práticas de leitura em diferentes situações e averiguar qual o meio que eles são mais propensos a utilizar para cada situação.

Em quarto lugar explorar as motivações dos jovens em relação à leitura de livros impressos e de livros digitais. O que move os jovens a ler, e aquilo que os afasta da leitura é fundamental apontar. Em

estudos consultados, as motivações para ler moldam a experiência de leitura. Há quem leia para se divertir, para se informar, para aprender, ou para trabalhar/estudar.

O quinto objetivo, perceber quais são os benefícios e as limitações que os jovens apontam em relação à leitura de livros impressos e de livros digitais. Com este objetivo pretende-se que os jovens apontem as vantagens e as desvantagens de cada meio, como por exemplo, como citamos anteriormente, a conveniência e o custo. Estes aspetos estão do lado do livro digital, no entanto, estudos comprovam que, mesmo assim, existem pessoas que optam pela leitura do livro impresso, o que nos leva ao objetivo seguinte.

Por último, entender qual a opinião dos adolescentes em relação à materialidade do livro impresso e do *e-book*, e se esta pesa na hora de escolher a leitura. No seguimento do objetivo anterior, estudos comprovam que as pessoas que preferem leitura em livros impressos apresentam afeto para com o objeto. O poder tê-lo na mão, folhear, dobrar as páginas de forma a saber onde se ficou da última vez, sublinhar e rabisçar, o cheiro e o relevo do papel, são exemplos das reações que os indivíduos apontam sobre o livro tradicional. Desperta nelas emoções, e por isso costuma ser a melhor escolha para relaxar. A leitura de um livro digital é considerada mecânica, de uma vez que o texto é distribuído por um dispositivo tecnológico.

6.5. ELABORAÇÃO DO INQUÉRITO

Para elaborar o inquérito por questionário, foram tomadas em consideração as conversas que se teve com os jovens no período de observação durante o trabalho de campo, que se desenrolou entre 2 de novembro de 2021 a 29 de novembro de 2021.

No começo do questionário é apresentado aos participantes uma mensagem informativa sobre a natureza do estudo, e breves indicações que se revelam úteis. Este é composto ao todo por 34 questões, sendo que as quatro primeiras se debruçam sobre o perfil do inquirido, fazendo parte da primeira parte a idade, o sexo, o ano escolar e o curso. Na segunda parte do questionário, apresentamos questões sobre a leitura em papel, sendo estas na base do ‘O quê?’, ‘Onde?’, ‘Como?’ ‘Quantos?’, e outras. A terceira parte dedica-se particularmente ao *e-book* e ao seu carácter. Nesta secção, os participantes são interrogados se conhecem e se já leram um *e-book*. Tendo em conta que, durante as conversações com os jovens, ficamos a saber que há uma quantidade indeterminada que não sabe o que é um *e-book* (livro digital), decidiu-se colocar a indicação de terminar o questionário na pergunta nº 8, caso esse desconhecimento se aplicasse ao inquirido. Ao não estarem familiarizados com o formato

não iriam conseguir responder às questões seguintes, que abordam a natureza da leitura digital, e iriam alterar a credibilidade dos dados. A secção quatro é composta por questões semelhantes às da segunda parte, dedicando-se especificamente à leitura em ecrãs, voltando à base das questões ‘O quê?’, ‘Onde?’, ‘Como?’ ‘Quantos?’, e restantes. Na quinta parte do questionário, os inquiridos são confrontados com questões em que eles têm de classificar como é que é para eles a leitura em papel e a leitura em ecrãs, bem como o que é que eles consideram ser vantagem e desvantagem de cada meio de leitura. Para terminar colocou-se uma concisa mensagem de agradecimento pela participação.

No que se refere ao tipo de questões, optamos por um questionário misto, em que há uma necessidade de combinar questões fechadas e abertas, de maneira a reduzir inconvenientes. Neste tipo de questionário, “as questões podem ser fechadas, mas dá-se a possibilidade de a resposta ser livre” (Vilelas, 2020, p. 360). Relativamente às questões fechadas, estas caracterizam-se pelo facto de que, embora sejam dadas várias opções de resposta, o participante apenas pode escolher uma. Vilelas afirma que “não importa a quantidade de respostas oferecidas, o que é importante é que o inquirido não pode dar uma resposta que não esteja prevista no instrumento” (2020, p. 363). No que toca às questões abertas, estas “proporcionam uma variedade mais ampla de resposta” (p. 364), uma vez que é o inquirido que responde à pergunta com as suas próprias palavras, sem que nenhuma opção pré feita esteja disponível. Ambos os tipos de resposta apresentam as suas vantagens e desvantagens. Por exemplo, segundo Vilelas, as questões de resposta aberta podem dar mais informação, que por vezes é mais rica, complementar e até inesperada; abrem um vasto leque na liberdade de resposta, e o inquiridor tem pouca influência na resposta final. Por outro lado, são respostas de difícil interpretação, em que a análise se torna complexa, uma vez que é preciso mais tempo para codificar as respostas, e por vezes necessita de dois avaliadores (um para interpretar e um para codificar). Já as questões de resposta fechada apresentam as seguintes vantagens: facilidade na análise estatística; direcionam o pensamento do participante e, geralmente, são mais fáceis de responder, uma vez que não exigem muito esforço. No entanto, a informação, por vezes, pode ser pouca, as conclusões tornam-se demasiado simples, e o inquirido é induzido à resposta (Vilelas, 2020).

Posto isto, optamos por colocar, na grande maioria, questões fechadas, em que combinamos questões fechadas de resposta dicotómica, em que o inquirido tem apenas de escolher uma única resposta, e questões semifechadas com resposta de escolha múltipla, em que o inquirido é colocado perante a situação de optar por uma ou várias alternativas já explicitadas, ou de acrescentar ele mesmo uma outra resposta (Vilelas, 2020). Apenas foram colocadas duas questões abertas, pelo facto de que

os jovens podem dar mais informação que pode ser mais pormenorizada. Não se exagerou nas questões abertas devido a fatores como tempo, disponibilidade e dificuldade na redação.

O questionário foi redigido o mais fácil e simples possível, de maneira a que os jovens conseguissem responder, e que não desistissem do questionário a meio. Relativamente a esta questão, Albertino Gonçalves ressalta que “o questionário não é um exercício literário”, mas sim um “ato de comunicação”. De tal forma que, se deve aproximar das “categorias linguísticas e mentais da população a inquirir” (2004, p. 85), neste caso os jovens adolescentes em idade escolar. As questões precisam de ser claras e de preferência curtas, sem que não sejam precisos grandes esclarecimentos, e não devem conter múltiplas questões para uma única resposta, procurando ser agradável e cativante para quem responde.

Antes da aplicação do questionário final, elaborou-se um questionário piloto, chamado de pré-questionário. Estes pré-testes devem ser realizados de maneira a “eliminar possíveis erros ou omissões” (Vilelas, 2020, p. 366). Consistem em aplicar o inquérito a um número reduzido de pessoas integrantes da amostra, “para determinar a sua duração, conhecer as suas dificuldades e corrigir os defeitos antes de aplicá-lo à totalidade da amostra” (p. 366). Após a elaboração das questões, juntamos um pequeno grupo de 6 jovens (de anos escolares e cursos diferentes) para testar a precisão, a duração e o comprimento do questionário. Em média, eles demoraram 6 minutos, uma vez que um dos jovens indicou ter terminado o questionário na pergunta nº 8, e nenhum apontou qualquer defeito ou adversidade durante o preenchimento.

Uma vez o pré-teste elaborado, procedemos com a distribuição do questionário pelos alunos do 10º, 11º e 12º anos, incluindo Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Profissionais. Optamos por formatar o questionário no *Google Forms*, pois este é um formato prático e simples, tanto para distribuição do inquérito, como para recolha de dados. O facto de os jovens nos terem apontado esse formato como o preferido, também foi um ponto positivo para assim procedermos. Uma vez que a instituição, a Escola Secundária de Marco de Canaveses, necessitava de uma avaliação do questionário antes da sua aplicação, este foi também previamente enviado para a direção da escola, que se disponibilizou para a sua distribuição pelas turmas indicadas. O questionário esteve disponível do dia 6 de dezembro de 2021 até ao dia 31 de janeiro de 2022. Esta data teve em consideração a época de testes dos jovens em causa e a época de festividades.

CAPÍTULO 7

7. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O sétimo capítulo centra-se essencialmente na apresentação dos resultados e na conseqüente análise dos mesmos, visando dar resposta à questão de partida. A recolha de dados provém dos instrumentos utilizados: o inquérito por questionário, a observação e as conversas informais com os jovens.

Iniciaremos, num primeiro ponto, com uma descrição completa da amostra; no segundo ponto, incluímos a descrição do trabalho desenvolvido no terreno, e por último os resultados obtidos com o inquérito, recorrendo a tabelas e gráficos. Para os resultados alcançados através do inquérito por questionário, realizou-se uma análise estatística, em que se dividiu os dados sociodemográficos da amostra e uma descrição dos seus hábitos de leitura. Para o trabalho de campo, recorreu-se à observação com registo escrito no diário de bordo, e por meio de fotografias das instalações.

No final, fundamentamos os resultados do inquérito com as informações obtidas através da observação e das conversas.

7.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Como já tínhamos apontado, este estudo recorreu a uma amostra por conveniência, em que se integram jovens do 10º ao 12º ano da Escola Secundária de Marco de Canaveses, com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos, ou seja, uma amostra caracterizada unicamente por estudantes, tornando-se bastante heterogénea em relação à idade, sexo e curso.

As turmas selecionadas estão todas compreendidas no ensino secundário, incluindo, da mesma forma, os cursos regulares e os cursos profissionais. A escola em questão integra na área dos Cursos Científico–Humanísticos o curso de Ciências e Tecnologias, Artes Visuais, Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades. E, na área dos cursos profissionais, o curso Técnico/a Auxiliar de Saúde, Técnico/a de Contabilidade, Técnico/a de Eletrónica, Automação e Computadores, Técnico/a de Design de Moda, Técnico/a de Desporto, Técnico/a Comercial, Técnico/a de Multimédia, Técnico/a de Comunicação e Serviço Digital, Técnico/a de Informação-Sistemas e Técnico/a de Cozinha/Pastelaria.

Foram obtidas, no total, 142 respostas, de um universo de 1014 jovens matriculados no ensino secundário em 2021/2022.

7.2. TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo decorreu entre o dia 2 de novembro de 2021 e o dia 29 de novembro de 2021. Durante esse período de tempo, foi possível estabelecermo-nos na biblioteca, onde a observação e as conversas tiveram lugar, tanto com os alunos, como com a professora bibliotecária responsável pelo espaço.

Tivemos a oportunidade de contactar com alunos de diferentes cursos e de diferentes anos, logo com diferentes idades também. Infelizmente não foi possível conversar com todos os 1014 alunos matriculados no ensino secundário, uma vez que estes contactos só podiam acontecer nas horas de intervalo, na biblioteca, mediante autorização do docente, e no exterior da instituição, de maneira a não perturbar as atividades letivas. Na sua maioria, os jovens que abordámos foram recetivos às conversas, e até houve uma pequena percentagem que demonstrou interesse pelo tema. De um modo geral, consegue-se perceber que há uma grande falta de hábitos de leitura pela parte dos alunos, e, efetivamente, eles não leem, ou leem muito pouco. Quando lhes perguntávamos se liam com regularidade, a grande maioria respondeu que não. E alguns que nos indicavam uma resposta positiva, à medida que desenvolvíamos a conversa e aprofundávamos o tema, sentiam dificuldade em responder.

As conversas mantidas com os jovens foram todas na base dos objetivos de investigação, portanto, ao questioná-los sobre o que é que os motivava a ler por lazer, as respostas mais comuns foram: a capa do livro, (ou seja, a dimensão estética do objeto), o resumo da história e livros que deram origem a filmes ou séries. Uma das respostas mais comuns, dadas pelos jovens, principalmente do sexo feminino, era que ler um livro os abstrai da realidade, sendo para eles um ponto muito positivo. Ainda assim, muitos apontaram que a leitura era importante, porque era uma maneira de desenvolver vocabulário e de os ajudar em apresentações escolares, sendo sempre na base do auxílio para a disciplina de Português. Alguns também consideram que a leitura traz benefícios, mas que mesmo assim não leem, e que o género do livro importa muito, sendo o romance, a fantasia e os policiais as escolhas preferidos. As recomendações de familiares e amigos são tidas em consideração na procura de novas leituras; contudo, as páginas da *Internet* e principalmente as redes sociais *TikTok (BookTok)* e *Instragram (Booksgram)*, são aquelas que mais influenciam os jovens na escolha de livros. A instrução, que está em comunhão com a leitura, foi também um dos pontos positivos que alguns jovens apontaram, bem como a representatividade na sociedade. Eles consideram uma pessoa que lê como sendo inteligente, ambiciosa e com autoestima. Se bem que a autoestima foi também apontada por alguns alunos leitores,

como se tivessem cumprido uma boa ação pois, nas palavras de uma aluna: “Quando eu acabo um livro, isso deixa-me feliz e satisfeita”.

Ao perguntar-lhes o que é que os afastava da leitura de livros por lazer, as respostas mais comuns foram: a obrigatoriedade de livros impostos pela escola, nomeadamente na disciplina de Português, o tamanho do livro e o vocabulário difícil e incompreensivo. Outras atividades consideradas mais interessantes e interativas, como videojogos e redes sociais, foi outro motivo que os jovens apontaram para se afastarem da leitura. A dificuldade de interpretação daquilo que leem, é um dos aspetos que os jovens apontam sempre. Queixam-se de não serem capazes de entender o que, muitas vezes, está escrito nos livros, e isso desmotiva-os a ler seja o que for. Relativamente ao tamanho, também é uma questão muito apontada, uma vez que livros grandes estão fora de questão. Ao serem confrontados com livros até 300 páginas, ficavam apreensivos e tensos, pois consideravam livros grandes aqueles com páginas compreendidas entre as 50 e as 100. Consideram a leitura de livros aborrecida e cansativa, ou pelas suas palavras “uma seca”, e admitiam que se comesçassem a ler um livro, a probabilidade de adormecer era muito alta. Muitos dos jovens com quem tivemos a oportunidade de conversar admitiram não ter qualquer livro em casa, e que o seio familiar não era muito interessado na leitura, logo eles também não eram. Esta declaração confirma aquilo que o PNL/ISCTE ressaltou no estudo que exploramos no 1º capítulo da dissertação. A falta de tempo e o envolvimento noutras atividades fora do seio escolar (futebol, natação, música e outras), também é um fator para deixar a leitura de parte.

Entretanto, há um número considerável de jovens que admitiram que não existe nada que os motiva a ler, nem nada que os desmotiva. Para eles, é-lhes indiferente e julgam a leitura como sendo enfadonha. No entanto, existe um pequeno grupo de jovens que de facto leem, que têm hábitos regulares de leitura e que a incluem na sua rotina diária, seja como um passatempo ou para se instruírem. Estes alunos destacavam-se nas conversas porque mostravam muito entusiasmo ao falar sobre livros e ao partilhar connosco as suas opiniões sobre livros, os títulos que já tinham lido, e até as listas de livros que ansiavam adquirir. Declaravam que ler os fazia felizes, e não havia nenhuma motivação para além da pura vontade. Por exemplo, quando interrogámos uma jovem sobre a sua motivação para a leitura ela respondeu: “Eu leio porque simplesmente gosto”. Para estes jovens o tamanho não interessa, mas continua a ser relevante o género literário, dando preferência a romance e fantasia, e a autores estrangeiros. No que toca ao acervo de livros nas livrarias, estes jovens, particularmente, apontavam o seu desagrado com as editoras portuguesas, porque estas não trazem os livros que saem no estrangeiro com a rapidez desejada, ou por vezes nem sequer serem publicados em português. Uma aluna que se queixou do acervo limitado em português, justificou apontando: “As editoras portuguesas deviam investir

mais em livros em língua portuguesa, porque por muito que eu goste e perceba inglês, consigo estar mais atenta e mais concentrada se for na minha língua materna. É diferente, pois há expressões que não se conseguem traduzir à letra, o que acaba por me confundir e perder o nexos da história”.

Em relação à preferência do meio de leitura, o livro impresso é, no geral, o mais distinguido entre os jovens que têm o hábito de ler, assim como entre aqueles que o não têm.

Consideram o livro impresso mais cativante e de melhor compreensão. Apontam o cheiro do papel e o toque das folhas como sensações indispensáveis na experiência de leitura: “Há uma certa adrenalina em virar a página manualmente”. Muitos dos jovens que preferem o livro impresso ao digital, admitiram imprimir os documentos que os professores lhes disponibilizavam tanto para estudo como para trabalhos, mencionando que se concentravam mais e que tinham a oportunidade de sublinhar e de “rabisçar”. Admitem que ao ler em papel conseguem criar mapas mentais em que encaixam o conteúdo. Nas palavras de um jovem: “Ao ler em impresso consigo criar cenários na minha própria cabeça [de] como se desenrola a história”. Assim sendo, a escolha pelo impresso deve-se à materialidade física do livro, fundamentada por argumentos como: folhear a página, o cheiro do papel, poder fazer apontamentos, ‘fugir’ dos ecrãs, e poderem desconectarem-se da *Internet*. As grandes desvantagens apontadas à impressão foram o preço e o peso.

Porém, há jovens que manifestam a sua preferência pelos *e-books*, principalmente para ler no *smartphone*. No que toca ao livro digital, conseguimos identificar três tipos de jovens: aqueles que não sabem o que é um *e-book*, nem nunca tiveram contacto com algum; aqueles que sabem o que é um *e-book*, mas nunca leram; e aqueles que sabem o que é um *e-book* e já leram. A questão ambiental é umas das mais apontadas pelos jovens, pois estes consideram o gasto de papel desnecessário, quando podemos ter acesso via digital. Outros admitem ser uma leitura muito mais prática, interativa, apelativa e divertida, apontando que preferiam que os manuais escolares passassem a ser distribuídos pelo formato *e-book*. A escolha pelo *e-book* deve-se, em grande parte, pelo facto de ser mais barato e por vezes gratuito (através do *download*), por ser mais leve que um livro impresso, por simplesmente gostarem mais e por haver conteúdo que só existe em digital, como por exemplo as *fanfictions*. A *fanfiction* “é uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática” (Vargas, 2015, p. 21). Quem escreve estas histórias são pessoas que “em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, (...) não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, [então] passa a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional, de deixar [a] sua marca de autoria (2015, pp. 21-22)”. Esta relação que os jovens

apresentam com as *fanfictions* é sustentada pela preferência do género ficção e fantasia. Uma vez que, na grande maioria, as *fanfictions* estão disponíveis somente *online*, como por exemplo a plataforma *Wattpad*⁶¹, os jovens que manifestam interesse por este género literário, vêm-se obrigados a ler em meio digital. Contudo, ao questioná-los sobre a possibilidade de ler *fanfictions* em papel, os jovens não ficaram de acordo, pois para eles vai contra a natureza do próprio conceito deste texto em específico. Porém, os jovens também apontaram que ler um *e-book*, principalmente se este for lido através de um dispositivo com ligação à *Internet*, não é vantajoso. Existem mais distrações e causa fadiga ocular, e admitem, igualmente, que se surgisse uma notificação a meio da leitura, iriam deixar de lado essa atividade e priorizar a notificação.

Sumariamente, escolhem o impresso por haver um lado humano muito ligado ao livro em papel. Dá-lhes prazer virar as páginas e acham muito prático. Preferem ter o livro na mão e concentram-se melhor, pelo facto de não haver tantas distrações. Por outro lado, escolhem o digital porque estão habituados ao telemóvel e ao computador, e consideram ser mais fácil e interativo.

7.2.1. A BIBLIOTECA ESCOLAR

Para além dos jovens estudantes, mantivemos contacto regular com a professora bibliotecária, responsável pela biblioteca da Escola Secundária de Marco de Canaveses. Foi um auxílio para percebermos com que tipo de amostra estávamos a trabalhar. Pela sua perspetiva, a taxa de jovens que frequenta a biblioteca é baixa, ou no mínimo não é aquela que se desejava. E a taxa de alunos que leem por lazer é ainda mais pequena.

A biblioteca é um dos locais mais importantes para promover a leitura, e é principalmente, para muitos jovens, o primeiro lugar onde têm contacto com os livros:

O simples contacto com o mundo dos livros; o toque e o cheiro; as cores e as formas (nas quais se destaca a ilustração e a mancha de texto, ela mesma) constituem um constante apelo ao mundo dos sentidos, impressionando o tato e o olfato e o riquíssimo campo da visão. Na realidade, partindo do mundo sensorial, a criança mergulhará no mundo da sua própria fantasia e reconstruirá, a partir da percepção que tem desses dois mundos, um universo só seu. Este universo pode ser belo e atrativo - se a combinação for apelativa e positiva - ou, pelo contrário triste e desmotivante - se ela for pobre ou inexistente. (Pais, 2011, p. 108).

⁶¹ A aplicação *Wattpad*, criada em 2006, permite a partilha de histórias, artigos, poemas e textos sobre qualquer tema, entre os utilizadores. Pode ser utilizado através de qualquer dispositivo com sistema *IOS*, *Android*, *Windows* e também *online*.

Segundo Maria Paula Marques Batista Coelho Pais (2011)⁶² a biblioteca “oferece aos seus utilizadores divulgação de livros, recursos e serviços de apoio à aprendizagem e possibilita a cada membro da comunidade educativa tornar-se um pensador crítico e um efetivo dos vários tipos de suportes no campo da informação” (pp. 61-62). A biblioteca, e os professores bibliotecários, são essenciais para uma influência positiva tanto na leitura, como no desempenho escolar, seja no auxílio da escolha de um livro, ajuda com trabalhos escolares, ou no momento de estudo de um jovem estudante. Maria Pais separa alguns objetivos que as bibliotecas devem ser competentes em atingir: atrair os alunos para o espaço e promover o prazer da leitura e da aprendizagem; trabalhar em conjunto não só com os jovens, mas com toda a comunidade escolar (pessoal docente e não docente), de maneira a proclamar e democratizar a informação e a formação de cidadania; promover a imaginação e o sentido crítico, fornecendo informações essenciais a quem frequentar a biblioteca; e incentivar ao entretenimento, pois a leitura de livros não deve ser vista como algo desagradável, mas sim, um momento de puro prazer (Pais, 2011).

De acordo com a docente com quem tivemos oportunidade de contactar, a biblioteca escolar tem feito esforços na tentativa de atrair os jovens estudantes para o estabelecimento. Uma das questões que se tem vindo a trabalhar é no aumento e na melhoria do acervo de livros disponíveis. Tem-se apostado em obras de referência e títulos mais recentes, nomeadamente de autores portugueses⁶³, em novelas gráficas e títulos de carácter mais social e contemporâneo, como por exemplo, a desigualdade de género, a desigualdade racial, o ambiente, a comunidade LGBTQIA+, entre muitas outras causas sociais. O principal objetivo da biblioteca é que haja títulos para todos os alunos e que estes correspondam aos seus gostos. Para além disso, a biblioteca esforça-se para levar autores à escola. É com este tipo de atividades que os jovens têm contacto com os escritores, a escrita e os livros, o que, na visão da docente, lhes desperta muita curiosidade.

Contudo, a biblioteca apresenta dificuldades em executar estas tarefas porque não existe verba monetária para suportar tais despesas, seja a melhoria do acervo, seja o convite aos escritores. Mesmo assim, há um empenho pela parte dos responsáveis pelo espaço: inscrevem-se em concursos e candidaturas de programa de apoio às escolas, que normalmente oferecem vouchers, permitindo comprar alguns títulos desejados. Relativamente aos autores, há uma procura por aqueles que fazem as

⁶² Na sua tese de doutoramento, intitulada *A Escola e os Ambientes de leitura. Conceção, Perceção, Motivação e Emoção no Contexto Físico da Aula e da Biblioteca Escolar*.

⁶³ Um dos autores portugueses que a biblioteca mais tem investido, no que toca ao acervo de livros, é o escritor Raul Minh'alma, que foi inclusive aluno da escola onde se realizou o estudo de caso, sendo por isso, natural de Marco de Canaveses. Os seus livros já conquistaram imensos leitores, sendo que, em 2020 foi o autor que mais livros vendeu em Portugal. A docente apontou que existe um pequeno grupo de jovens, que apresentam um gosto enorme por este jovem escritor em particular.

suas apresentações de boa vontade, ou então por uma quantia que a escola possa pagar. A biblioteca apresenta projetos futuros, como por exemplo o “Leva-me contigo”. É um projeto que propõe aos alunos levarem para as salas de aulas uma obra à sua escolha e lê-la em pares ou em individual, em voz alta ou em voz baixa. O principal objetivo é promover a leitura.

De facto, os acervos de livros das bibliotecas necessitam de ser amplos e de vasta escolha, de maneira a atrair os leitores (Pais, 2011). Contudo, a biblioteca em questão não apresenta muitas opções diferentes. As prateleiras estão carregadas de dicionários e enciclopédias de edições antigas e desatualizadas, e são principalmente livros de edições, como por exemplo, da Visão. É muita fraca no género de literatura juvenil, mas por outro lado disponibiliza várias edições das obras obrigatórias do programa da disciplina de Português. Apresenta também uma grande quantidade de revistas e jornais de carácter científico.



Figura 1: Dicionários e enciclopédias. Fonte: Autora



Figura 2: Edições Visão. Fonte: Autora



Figura 3: Literatura juvenil. Fonte: Autora



Figura 4: Jornais e revistas. Fonte: Autora



Figura 5: Imagem panorâmica das estantes. Fonte: Autora



Figura 6: Imagem panorâmica das estantes (2). Fonte: Autora

No que diz respeito às atividades praticadas pelos adolescentes naquele espaço, é-nos possível apontar quatro principais: o estudo, a pesquisa, pausas de lazer e requisição de livros. Normalmente, existem alunos que procuram a biblioteca para estudar por ser um local mais sossegado e com menos distrações, logo a concentração será muito melhor. Quanto à pesquisa, esta acontece principalmente nos computadores que a biblioteca tem à disposição. Os jovens procuram a tecnologia de forma a conseguir informação para trabalhos escolares, seja em regime de aulas, (existe momentos em que o(a) próprio(a) professor(a) conduz os alunos à biblioteca para executar um trabalho), seja por iniciativa própria. No que toca às pausas de lazer, estas são quase sempre feitas por alunos que procuram um local mais calmo para aproveitar e para se divertir com atividades lúdicas, como por exemplo, jogos de tabuleiro (como damas ou xadrez) e cartas. A requisição de livros acontece por dois motivos: leitura de livro por prazer ou leitura de livro como currículo. Isto é, a leitura de livro por prazer acontece sempre que um aluno recorre à biblioteca e pede ajuda ou opinião sobre uma determinada obra e a requisita com a intenção de ler por gosto (não sendo uma atividade regular); a leitura de livro como currículo acontece quando um aluno recorre à biblioteca com a intenção de requisitar um livro para apresentar nas disciplinas que lhe exigem tal tarefa, como por exemplo a disciplina de Português e/ou Inglês, que acontece mais regularmente.

Acerca da faixa etária que mais recorre à biblioteca, a docente admitiu que os jovens do ensino secundário raramente frequentam o espaço, ou nas suas próprias palavras: “Alguns nunca cá puseram os pés”. A grande maioria não tem qualquer relação com o livro, não têm interesse e ficam aborrecidos sempre que alguém lhes exige a tarefa de ler. Contudo a docente também admite haver um “nicho de alunos que gosta muito de ler”, e esses sim, demonstram uma ligação muito forte e uma grande paixão para com o livro e o ato de ler.

Por último, e no que diz respeito à componente digital da biblioteca, a professora bibliotecária afirmou que o próximo passo a ser dado seria candidatar a escola a um programa tecnológico, de maneira a conseguir equipar a biblioteca com Tablets ou *iPads*. O objetivo primário é estimular não só a

ida dos jovens à biblioteca, como incentivá-los a ler através desses dispositivos. Nas suas palavras, “muitos nem sequer sabem o que é um *e-book*, quanto mais um *e-reader* como o *Kindle* ou o *Kobo*”.

As bibliotecas escolares não são somente espaços destinados à preservação de livros, disponibilizando-os à comunidade escolar. São espaços destinados à leitura, enquanto “atos de comunicação, relação sociológica e interação cultural” (Pais, 2011, p. 17). Ler é uma “operação mental” no que toca à dimensão psicológica (p. 17). E para que isso se realize, é necessário que as bibliotecas escolares sejam espaços sossegados, calmos, bem iluminados, espaçosos e acolhedores, que na sua entrada passe uma mensagem de recessão. Locais escuros, barulhentos e esteticamente degradados, não são atrativos. A biblioteca é um espaço de leitura, de foco, de relaxamento e de lazer, e, portanto, “pretendem-se dinâmicos e alegres, silenciosos e bem equipados e nos quais se destaquem, como fatores determinantes de estruturação, o ambiente humano” (Pais, 2011, p. 202).

A entrada para o espaço, de facto é um tanto escura, e não tem qualquer informação relevante que informe que aquela zona está destinada à biblioteca escolar. Por outro lado, o espaço interior é bem iluminado e colorido. A decoração é de componente artística, dando ênfase aos trabalhos dos alunos do curso de Artes Visuais, e também sempre na base da literatura, em que, por exemplo, poemas estão colados nas paredes.



Figura 7: Entrada da biblioteca escolar. Fonte: Autora



Figura 8: Imagem panorâmica da biblioteca. Fonte: Autora



Figura 9: imagem panorâmica da biblioteca (2) fonte: autora



Figura 10: Imagem panorâmica da biblioteca (3). Fonte: Autora



Figura 11: Espaço de lazer. Fonte: Autora



Figura 12: Decoração das paredes. Fonte: Autora



Figura 13: Espaço dedicado aos computadores. Fonte: Autora



Figura 14: Sala reservada a eventos. Fonte: Autora



Figura 15: Espaço dedicado ao estudo. Fonte: Autora

De um modo geral, a biblioteca escolar em questão não oferece uma opção de livros muito vasta, devido ao facto de a verba monetária não ser suficiente para alcançar os objetivos pretendidos. Contudo, oferece um espaço agradável, iluminado, confortável e com uma boa estética visual, onde é possível realizar atividades lúdicas, leituras de lazer, trabalhos de cariz escolar, ou até ficar só a apreciar a decoração do local.

7.3. INQUÉRITO AOS JOVENS

Este estudo contou com a participação dos alunos a frequentar o ensino secundário, da Escola Secundária de Marco de Canaveses, incluindo cursos regulares e profissionais. Como referimos acima, foram obtidas, no total, 142 respostas, de um universo de 1014 jovens matriculados no ensino secundário em 2021, o que não correspondeu às nossas expectativas. Crê-se que a baixa adesão ao presente inquérito se deu por falta de interesse ou de tempo, por parte dos jovens estudantes.

De início, será feita uma descrição sociodemográfica dos jovens que responderam ao questionário, e em segundo plano passaremos a analisar as respostas do inquérito, onde comparamos os resultados obtidos com os dos estudos referidos anteriormente.

Sexo	Frequência	Percentagem
Feminino	90	63,4%
Masculino	52	36,6%
Total:	142	100%

Tabela 1: Sexo

Idade	Frequência	Percentagem
14	1	0,7%
15	49	34,5%
16	46	32,4%
17	40	28,2%
18	3	2,1%
19	3	2,1%
Total:	142	100%

Tabela 2: Idades

Ano Escolar	Frequência	Percentagem
10º	57	40,1
11º	42	29,6%
12º	43	30,3%
Total:	142	100%

Tabela 3: Ano escolar

Curso	Frequência	Porcentagem
Ciências e Tecnologias	69	48,6%
Artes Visuais	1	0,7%
Ciências Socioeconómicas	19	13,4%
Línguas e Humanidades	15	10,6%
Técnico/a Auxiliar de Saúde	10	7%
Técnico/a de Eletrónica, Automação e Computadores	7	4,9%
Técnico/a de Multimédia	15	10,6%
Técnico/a de Comunicação e Serviço Digital	1	0,7%
Técnico/a de Informação- Sistemas	1	0,7%
Técnico/a de Cozinha/Pastelaria	4	2,8%

Tabela 4: Curso

De acordo com a tabela 1, o sexo feminino representa 63,4% da amostra, contrariamente ao sexo masculino que representa 36,6%.

Uma vez que a distribuição dos inquiridos foi feita a alunos do ensino secundário, a faixa etária ficou compreendida entre os 14 e os 19 anos. A maior frequência de respostas dá-se na faixa etária dos 15 anos (34,5%) e dos 16 anos (32,4%), enquanto que a menor se dá nos 14 anos, com apenas uma resposta. Consegue-se destacar também a faixa etária dos 17 anos, em que a frequência de resposta foi de 40, o que corresponde a 28,2%, sendo o terceiro número mais alto de respostas de acordo com a idade (tabela 2).

Relativamente ao ano escolar (tabela 3), 40% das respostas vieram por parte do 10º ano, 29,6% do 11º ano, e 30% de alunos do 12º ano. O que nos mostra que os alunos do 10º ano se interessaram mais pelo inquérito do que os restantes.

No que toca ao curso (tabela 4), infelizmente, não obtivemos respostas de todas as áreas de estudo. Contudo, a maior frequência deu-se em Ciências e Tecnologias, com 48,6% de respostas, e a menor deu-se em Técnico/a de Comunicação e Serviço Digital (0,7%), em Técnico/a de Informação-

Sistemas (0,7%), e em Artes Visuais, igualmente com 0,7%. Ainda assim, Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades conseguem destacar-se com 13,4% e 10,6% respetivamente.

Foram então obtidas mais respostas da parte do sexo feminino, em que a idade predominante são os 15 e os 16 anos, logo o ano escolar com mais frequência é o 10º ano. A área das Ciências e tecnologias representa quase metade da amostra em questão.

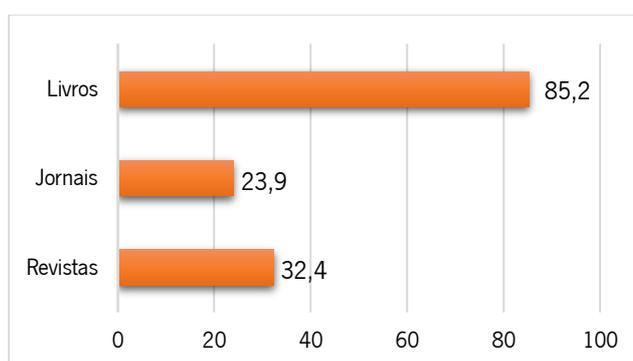


Gráfico 1: Questão 1. O que é que lês em papel?

Relativamente à leitura em papel (gráfico 1), os jovens inquiridos, leem, na grande maioria, livros (85,2%), sendo que os jornais e as revistas ficam para segundo lugar. Ainda assim, a leitura de revistas em formato impresso é maior do que a leitura de jornais, sendo 32,4% e 23,9%, respetivamente.

A casa é o local de preferência para ler no formato impresso (gráfico 2), independentemente de ser um livro, uma revista ou um jornal, com 87,3%. A escola recebe metade dos pontos percentuais (50%), e este dado justifica-se pela utilização de livros e cadernos impressos como ferramenta escolar. Um dos grandes fatores que explica a relação dos alunos com os meios impressos é, de facto a escola. As viagens, seja de que natureza forem, são também situações onde os inquiridos passam algum tempo a ler em papel, com 28,9%.

A biblioteca (13,4%) e os transportes públicos (12%) são os locais menos utilizados pelos jovens para lerem em impresso. Foi-nos possível perceber, através das conversas com os jovens, que eles, de facto, dedicam pouco tempo a ler efetivamente na biblioteca, e preferem utilizar esse espaço para outras atividades como, por exemplo, trabalhos escolares. Um resultado similar é o do estudo levado a cabo pelo PNL/CIES, em que apenas 9,3% dos alunos afirmavam frequentar a biblioteca para ler jornais e revistas. Os outros preferem utilizar a biblioteca para realizar trabalhos escolares e requisitar ou procurar livros para ler noutro local (Mata, 2020).

Na categoria “Outra” (gráfico 2), destacaram-se os cafés, os parques e a praia, como locais de eleição para ler em papel. Estes são normalmente escolhidos por alguém que se sente muito à vontade em ler em locais públicos e ao ar livre, em contacto com a natureza.

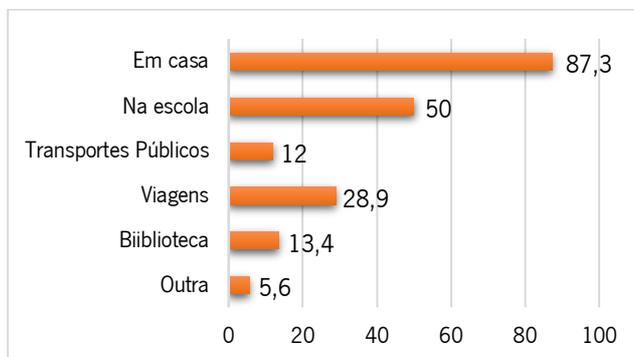


Gráfico 2: Questão 2. Onde é que lês em papel?

Os dados do gráfico 3 revelam que mais de 60% dos inquiridos lê em papel de forma linear, ou seja, começa do início e lê até ao fim. A leitura linear está bastante associada à leitura em formato impresso. David M. Durant afirma que a leitura linear é uma leitura que engaja o leitor do início ao fim, proporcionando-lhe um momento de reflexão (2017). E Sven Birkerts confirma que a leitura em formato impresso é uma leitura linear, pois a impressão necessita da atenção do leitor para cumprir a sua função, considerando-a um ato de tradução (2006, p. 122).

Contudo, 23,9% afirma que, em meio impresso, lê apenas aquilo que lhe interessa, e apenas 11,3% afirma ler muito rápido. Na opção “Outra”, encontrámos respostas de alunos que não têm gosto pela leitura. Alguns responderam que simplesmente não leem nada, outros responderam que leem aos poucos, mas que quando se cansavam, era provável que não voltassem àquela leitura em específico.



Gráfico 3: Questão 3. Como é que lês em papel?

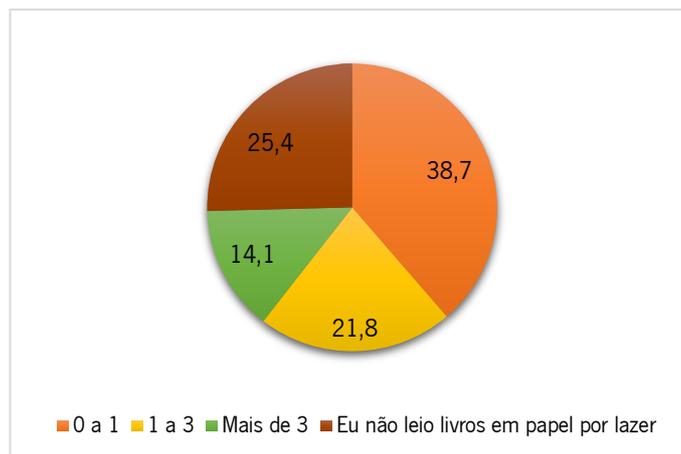


Gráfico 4: Questão 4. Quantas horas por semana gastas a ler um livro em papel por lazer?

O tempo que investimos na leitura revela-se significativo, no que toca a boas práticas. A partir do gráfico 4 é possível observar que, 38,7% dos jovens investe apenas de 0 a 1 horas semanais na leitura de livros em papel por lazer. De 1 a 3 horas semanais, temos 21,8% e na opção “Mais de 3”, temos apenas 14,1% de respostas. Este baixo investimento nas horas de leitura deve-se à carga horária a que os alunos do secundário são submetidos. Em conversas com os jovens, muitos diziam que gostam efetivamente de ler, e que apenas não leem mais porque não têm tempo.

Ainda assim, o dado mais preocupante são os 25,4% que revelam não ler livros em papel por lazer. Esta percentagem perde apenas, por pouco, para a primeira opção, o que leva definitivamente a crer que os jovens leem muito pouco. Os estudantes acabam por ocupar o seu tempo livre com outras atividades para além da leitura, pois, de acordo com Mata (2020), em todos os parâmetros, a leitura regista sempre a percentagem mais baixa. No estudo do PNL/CIES, concluiu-se que os estudantes passam em média 45 minutos a ler por prazer diariamente, o que se revela bastante superior aos nossos resultados, se compararmos com os 38,7% dos inquiridos, que utilizam apenas entre 0 a 1 horas semanais.

Cruzando os dados do gráfico 4 com a idade dos jovens, é possível afirmar que são os jovens de 15 e 16 os que leem menos, pois a incidência dessa faixa etária faz-se sentir na categoria de 0 a 1 hora. Os jovens com 17 são os que menos investem qualquer tipo de tempo a ler em impresso, apresentando a maior frequência nessa categoria. Ao cruzar com o sexo, as raparigas são aquelas que investem mais tempo na leitura de lazer em meio impresso.

Há uma tendência negativa no que toca aos cursos escolares, principalmente nos cursos profissionais, que são os que mais admitiram não investir qualquer tempo na leitura de lazer em papel.

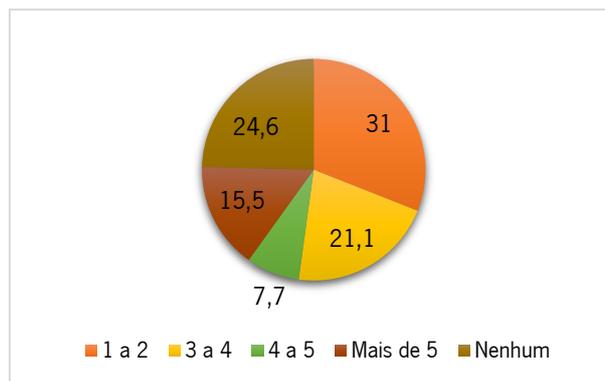


Gráfico 5: Questão 5. Este ano (2021), quantos livros em papel leste por lazer até ao fim ou quase até ao fim?

No que toca à quantidade (gráfico 5), 31% dos jovens revela ter lido de 1 a 2 livros em papel até ao fim, ou quase até ao fim, durante o ano de 2021, sendo a opção com mais frequência; 21,1% afirmaram ter lido entre 3 a 4; e 7,7% afirmaram ter lido de 4 a 5 livros. No entanto, 15,5% revelaram ter lido mais de 5 livros num ano, sendo uma percentagem bastante positiva. Contudo, 24,6% afirma não ter lido qualquer livro por prazer em papel, durante o ano de 2021, o que coloca esta opção em segundo lugar. É aqui que se confirma, que neste caso, são os pequenos leitores que predominam.

Comparando com os dados de Mata (2020), a percentagem de “nenhum livro” é semelhante ao nosso estudo (21,6%). Ainda assim, em Mata, o patamar com menos frequência é o de “mais de 11 livros”, com 9% de respostas, o que acaba por ser bastante discrepante no que toca aos nossos resultados, em que o patamar com menos frequência é o de 4 a 5 livros, com 7,7%.

Ao cruzar estes dados com a idade, são os jovens com 15 e 17 anos que se destacam na categoria de pequenos leitores (de 1 a 2 livros). Os jovens de 16 anos destacam-se, por pouco, na categoria de 3 a 4 livros, e controversamente, na categoria de nenhum livro lido. Já na categoria de mais de 5 livros, a incidência mantém-se, por pouco, também nos jovens de 16 anos. No que toca ao sexo do aluno, foram as raparigas que mais leram livros no ano de 2021, destacando-se em todas as categorias, exceto em ‘nenhum’, em que o sexo masculino apresenta o dobro da frequência.

Nos estudos mencionados nos capítulos anteriores, as mulheres destacavam-se em relação às práticas de leitura, podendo destacar os estudos de Miguel Lopes (2019), de Sagnier & Morell (2021) e de Mata (2020), em que todos concluem que são as mulheres aquelas que mais leem livros por lazer.

Em relação ao curso, são os alunos de Ciências e Tecnologias e os de Línguas e Humanidades que mais livros leem, contrariamente aos alunos de Técnico/a de Multimédia.

De acordo com o gráfico 6, 54,2% dos jovens lê livros em papel por lazer ou diversão. Os restantes valores acabam por se assemelhar bastante, uma vez que se trata de uma questão em que o

inquirido pode escolher várias opções de resposta. Contudo, 37,3% revela ler para relaxar, sendo a segunda resposta com mais frequência. No que toca à informação, 28,9% diz ler com esse propósito; 33,8% afirma ler para aumentar o conhecimento; 23,9% afirma ler por obrigação; e igualmente 23,9% revela ler livros em papel para escapar aos ecrãs.

Apesar de a maior frequência do propósito para a leitura de livros em papel ser o lazer, ao unirmos as percentagens da informação (28,9%) e do conhecimento (33,8%), ficámos com um número considerável (62,7%), o que revela que os jovens leem, na sua grande maioria para se divertirem, mas também para se manterem informados.

Na opção “Outro”, 2,8% afirmaram simplesmente que não leem, mas obtivemos respostas em que certos estudantes afirmaram que liam somente um autor específico, que liam para os ajudar nas apresentações orais, para passar o tempo, e para fugir à realidade, questão que eles e elas salientaram muito quando tivemos a oportunidade de conversar informalmente com alguns.



Gráfico 6: Questão 6. Com que propósito lê livros em papel?

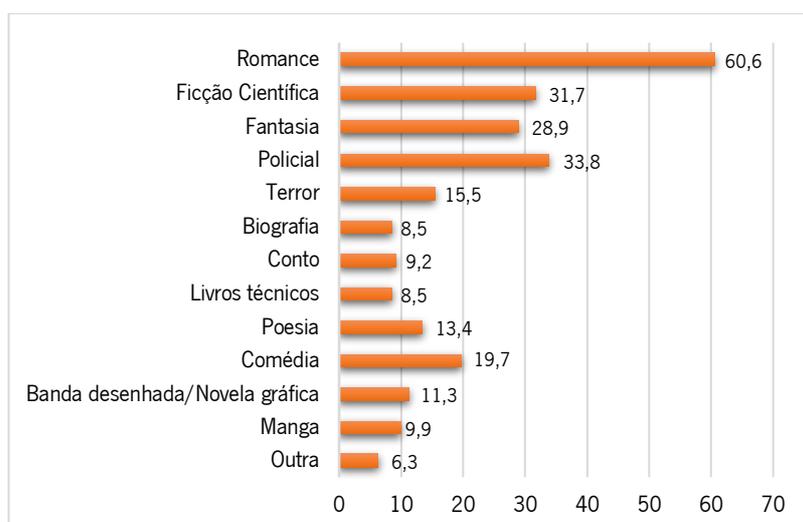
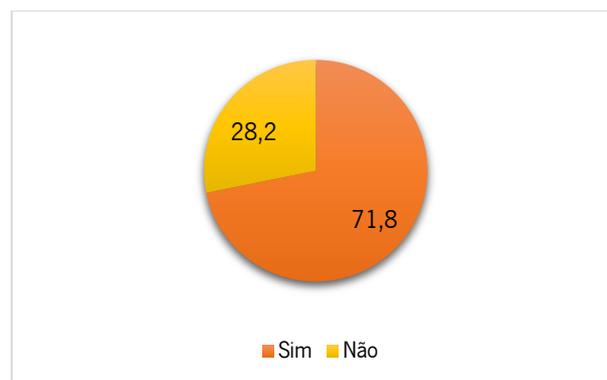


Gráfico 7: Questão 7. Qual é ou quais são os géneros literários que mais lê em papel?

No gráfico 7, podemos observar que os romances são o género mais lido pelos jovens, representando mais de metade da amostra, ou seja, 60,6%. Em segundo lugar temos os policiais com 33,8%; a ficção científica com 31,7%; os livros de fantasia com 28,9%; as comédias com 19,7%; a poesia com 13,4%; e os livros de terror com 15,5%. Com menos frequência temos as bandas desenhadas e novelas gráficas com 11,3%; o género manga com 9,9%; os contos com 9,2%; e as biografias e os livros técnicos com 8,5% cada. Na opção “Outra”, obtivemos respostas como ‘aventura’, ‘críticas’, ‘histórias verídicas’, ‘livros de desporto’, ‘livros de história’, e até obtivemos algumas respostas que assumiam que não gostavam de nenhum género.

Comparando, novamente com o estudo de Mata (2020), o género com mais frequência acaba por ser os livros de aventura (67,6%), seguido dos livros de espionagem e policiais (56,9%), a ficção científica (54,7%), os romances (51,3%) e a banda desenhada (45,6%). Aqueles com menos adesão revelam ser os livros religiosos (15%), e os livros de política e filosóficos (18%). Os géneros são diversificados, e enquanto que, por exemplo num estudo a banda desenhada ocupa, e como esperado, uma alta percentagem, os inquiridos em questão parecem não se interessar assim tanto, bem como o romance, que em Mata (2020) ocupa o quarto lugar da tabela, e no nosso inquérito ocupa o primeiro lugar.

É na questão 8 e 9 que o rumo do inquérito muda para alguns dos inquiridos, como já tínhamos revelado anteriormente.



Com base no gráfico 8, 71,8% dos jovens já teve contacto com um *e-book*, contrariamente a 28,2% que afirmou o contrário. Destes jovens que afirmaram nunca ter tido contacto com um livro digital, a maior frequência dá-se na faixa etária dos 15 aos 16 anos, e é nos cursos de Ciências e Tecnologias e

Técnico/a de Multimédia que se verifica um maior desconhecimento do *e-book*. Relativamente ao sexo do aluno, não existem grandes diferenças.

A estes 28,2% que responderam “Não”, foi-lhes indicado para terminar o questionário nesta questão, pois se realmente nunca tiveram contacto com um livro digital, não seriam capazes de responder às questões seguintes, e poderiam deturpar os resultados. No entanto, por razões desconhecidas, mesmo com as indicações para terminarem o questionário na questão 8, alguns dos inquiridos avançaram com respostas nas perguntas seguintes. Essas mesmas respostas não foram contabilizadas e foram marcadas pela sigla NA (não se aplica), que correspondem aos 28,2%.

Voltando à análise do gráfico 8, podemos apontar que apesar de mais de metade dos jovens saberem o que é um *e-book*, a percentagem que afirma nunca ter visto um, é inesperada. Ana Cláudia Silva (2019), faz na sua dissertação de mestrado uma questão semelhante a alunos do ensino superior, em que apenas 2,3% dos inquiridos lhe responde não ter conhecimento do que é um *e-book*. O fator da idade é importante para não cair no erro ao comparar os dois questionários, uma vez que a amostra em questão são jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 19, e a amostra de Silva revela idades entre os 17 e os 60 anos. A única semelhança que conseguimos revelar é o facto de que o número de pessoas que já teve contacto com um livro digital é muito superior àquelas que afirmam o contrário.

Apesar de não deixar de ser inquietante o facto de quase 30% dos jovens inquiridos nunca ter tido contacto com um *e-book* (gráfico 8), é preciso lembrar as conversas que tivemos com os jovens. Foi através desse diálogo, que uma grande parte admitiu não saber o que é um *e-book*, e mesmo depois de explicado o conceito, continuavam sem ter conhecimento. Mesmo que os resultados possam ser controversos, não foram admiráveis. De facto, ainda existe um número considerável de jovens que desconhecem o *e-book*, seja por falta de interesse, ou por falta dos próprios meios. Se as instituições não fornecem meios adequados, é compreensível que estes jovens não tenham conhecimento de tal. A verdade é que, na generalidade, as escolas não têm financiamento suficiente para investir em ‘novas’ tecnologias, e a Escola Secundária do Marco de Canaveses, é um dos casos. Os alunos raramente têm contacto com livros digitais, e os que têm é por vontade própria. Contudo, a escola divulgou que pretende investir em Tablets para que os alunos tenham acesso a *e-books*.



Gráfico 9: Questão 9. Alguma vez leste um e-book?

Ainda assim (ver gráfico 9), daqueles jovens que admitiram ter contacto com um livro digital (71,8%), 47,2% leu efetivamente um *e-book*, e 24,6% nunca o fez, o que nos mostra, que há, de facto, um interesse pelos *e-books*. É no sexo feminino e na faixa etária dos 16 anos que se destaca a leitura de *e-books*. No sexo masculino, há uma igualdade de resposta nas duas opções, e relativamente ao curso, não existem grandes discrepâncias a apontar.

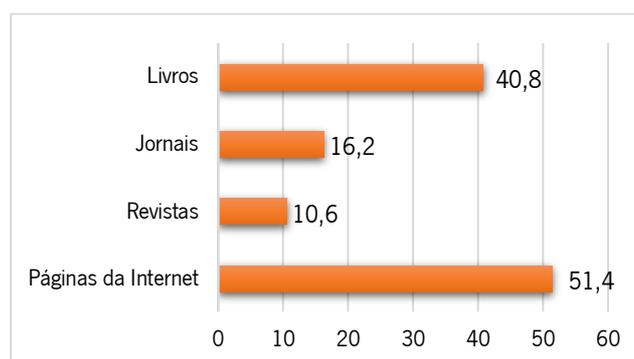


Gráfico 10: Questão 10. O que é que lês em formato digital?

Relativamente ao que leem em formato digital (gráfico 10), a opção com mais frequência, são as páginas da *internet*, com 51,4%, e com menos frequência temos as revistas, com 10,6%. Os livros são a segunda opção, com 40,8%, o que nos revela que os inquiridos leem *e-books*. Os jornais apresentam uma frequência de resposta de 16,2%, o que nos mostra que estes jovens se interessam em informar-se e manter-se atentos ao mundo. Comparando com aquilo que os jovens assumem ler em papel e em digital, os livros impressos destacam-se com mais respostas positivas (85,2%) do que os livros em digital (40,8%). Os jornais, seja em meio impresso, seja em meio digital, são importantes para os jovens do ensino secundário. Hoje em dia, é muito mais fácil aceder às notícias em meio digital do que impresso, e ao combinarmos as respostas dos jornais com as páginas da *internet*, onde também é

possível mantermo-nos informados, conseguimos concluir que informação rápida é preferível em meio digital. As revistas são também uma preferência no papel.

Partindo do gráfico 11, 60,6% utiliza o telemóvel para ler em formato digital, o que é bastante espectável, visto que é o objeto tecnológico mais democratizado. De seguida, temos o computador, com 47,2% e o *iPad*/Tablet com 15,5%, sendo o terceiro meio preferido para ler em digital. Já o *e-Reader*, tem apenas uma pequena percentagem de 2,8%, o que revela que estes aparelhos ainda são uma realidade distante para a grande maioria destes jovens.

Comparando com o estudo de Silva (2019), mesmo este tendo sido aplicado ao ensino superior, conseguimos ressaltar algumas semelhanças. Os objetos portáteis como os Tablets e os *iPads* são, em ambos os casos, o terceiro dispositivo escolhido, bem como os *e-Readers*, que se encontram no fundo da tabela.

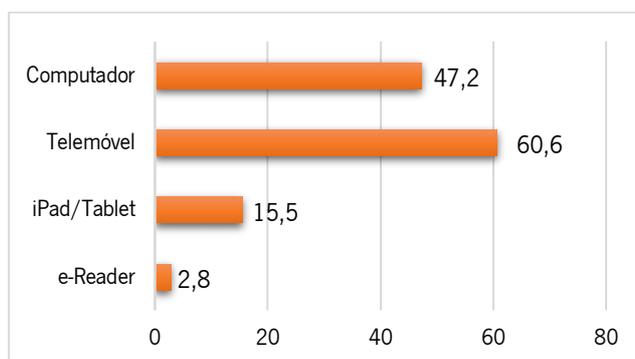


Gráfico 11: Questão 11. O que é que utilizas para ler em formato digital?



Gráfico 12: Questão 12. Onde é que lês em formato digital?

O local de leitura, revela-se novamente importante, pois 64,8% dos jovens prefere ler em formato digital em casa (gráfico 12), sendo bastante semelhante à leitura em papel, que ocupava igualmente o primeiro lugar. No entanto, os transportes públicos são o segundo local de eleição para ler em formato digital, com 33,1% de respostas positivas, sendo que, no gráfico 2, os transportes ocupam o quinto lugar

da tabela com apenas 12%. De seguida temos a escola (31,7%) e em viagens (28,9%), com valores relativamente semelhantes. A biblioteca é o local onde os estudantes menos leem. Apenas 4,2% admitiu utilizar esse espaço para ler em formato digital, o que nos mostra que, de facto, as bibliotecas escolares ganhariam em investir em equipamento tecnológico adequado para proporcionar aos estudantes.



Gráfico 13: Questão 13. Como é que lêes em formato digital?

Segundo o gráfico 13, 33,1% dos inquiridos lê de forma linear, no que toca ao formato digital. Há que ter em atenção que 28,2% são os inquiridos cuja questão não se aplica, e 4,2% são inquiridos que, por razões desconhecidas, não responderam. Mesmo assim, 17,6% admitiu ler apenas aquilo que lhe interessa, e 16,9% admitiu ler muito rápido. Estas duas opções não divergem muito no que toca a percentagens.

No entanto, revela-nos que é no formato digital que os estudantes leem mais superficialmente, pois ao juntarmos as duas respostas (ler apenas aquilo que lhe interessa e ler muito rápido), 34,5% não lê do início ao fim. Este tipo de leitura é característico da leitura tabular, muito associada a leituras curtas e de pouca análise, normalmente feitas em páginas da *web*, e que está muito relacionada aos *e-books* e à leitura digital (Durant, 2017).

No que diz respeito ao tempo de leitura de livros digitais (gráfico 14), 23,9% dos jovens leem de 0 a 1 horas por semana; 16,2% lê entre 1 a 3 horas; 12% lê mais de 3 horas por semana; e 14,8% não lê livros digitais por lazer, logo não investe tempo algum semanalmente. Novamente, há que destacar os 28,2% de jovens cuja questão não se aplica, e os 4,9% que não responderam. No que toca à idade, ao sexo e ao curso dos jovens, os resultados são bastante homogêneos, havendo, no entanto, uma tendência para o sexo feminino ler mais horas semanais no formato digital.

Ao comparar com o gráfico 4, o tempo de leitura investido semanalmente, seja na leitura de *e-books*, seja na leitura de livros impressos, continua a ser baixa. A opção de não ler qualquer livro por prazer semanalmente, é, no gráfico 4, a segunda opção mais escolhida, e no gráfico 14 marca a terceira posição.

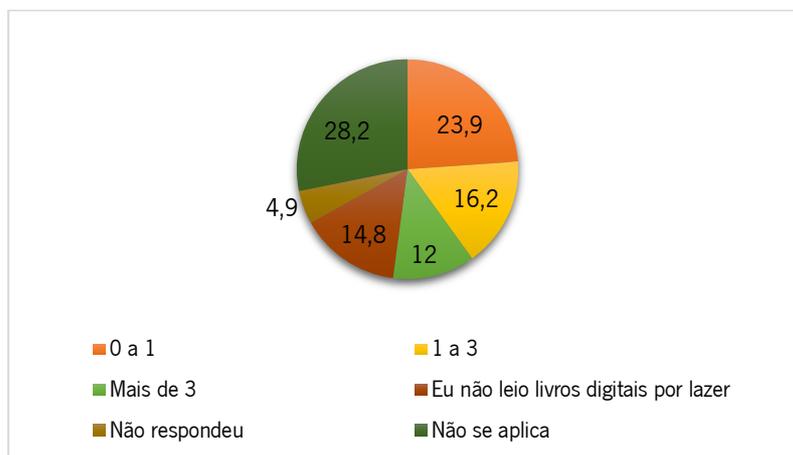


Gráfico 14: Questão 14. Quantas horas por semana gastas a ler um livro digital por lazer?

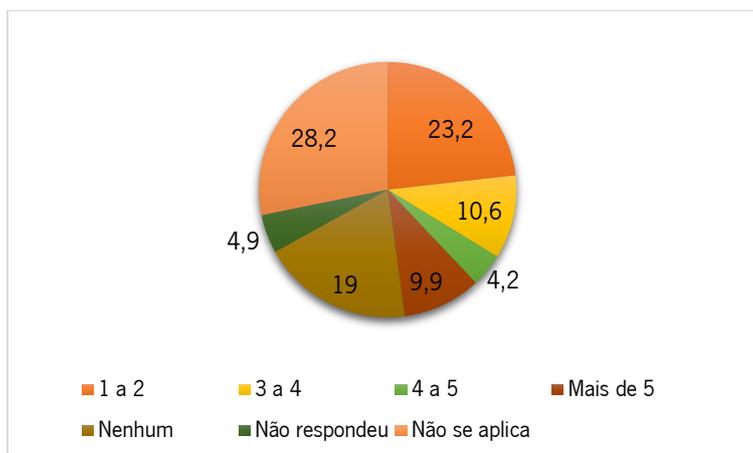


Gráfico 15: Questão 15. Este ano (2021), quantos livros digitais leste por lazer até ao fim ou quase até ao fim?

No ano de 2021, 23,2% dos estudantes leu por lazer 1 a 2 livros digitais (gráfico 15), o que confirma que os jovens, são na sua maioria pequenos leitores, independentemente do meio utilizado. Contudo, 19% não leu ou não terminou qualquer *e-book* no ano de 2021, um número bastante próximo da primeira opção, que nos revela que a leitura de *e-books* continua baixa em Portugal, principalmente entre a população jovem. Entre 3 a 4 livros digitais temos uma percentagem de 10,6%. No entanto, entre 4 a 5 temos uma percentagem de 4,2%, o que revela ser inferior à opção 'Mais de 5', em que 9,9% dos inquiridos deu uma resposta positiva.

Novamente, o sexo feminino apresenta uma maior frequência de leitura de *e-books*, perante o sexo masculino. E é na faixa etária dos 15 anos que também se verifica uma maior frequência de leitura de *e-books*, principalmente na secção de 1 a 2 livros no ano 2021.

No gráfico 16, é possível observar que 41,5% dos inquiridos escolhe a leitura de *e-books* para leitura de lazer, sendo a opção com mais frequência, e 22,5% escolhe essa mesma leitura para relaxar. Até este ponto, as frequências são semelhantes às do gráfico 6, em que lhes foi questionado o propósito da leitura em livros de papel. Para se informarem e para aumentar conhecimento, são as duas opções em que as frequências não diferem quase nada, sendo 16,2% e 16,9% respetivamente, o que nos leva a apontar, que de facto, os jovens utilizam os livros digitais para se manterem informados. Já a opção 'Por obrigação', apresenta uma taxa de 12%, contrariamente aos 23,9% do gráfico 6. Uma vez que os estudantes precisam de ler obras obrigatórias na escola, essas são lidas, na sua maioria, em impresso, e daí a taxa de obrigação ser mais elevada quando se fala em livros em papel.

Na opção 'Outra', foi-nos dada apenas uma resposta (0,7%), em que o inquirido afirmou que um dos propósitos para ler um livro digital era quando não tinha em sua posse um livro em papel.



Gráfico 16: Questão 16. Com que propósito lê um livro digital?

No que concerne aos géneros literários mais lidos em formato digital (gráfico 17), o romance volta a ser o mais escolhido pelos estudantes, com 35,2%. De seguida temos os policiais, com 22,5%, e a ficção científica com 21,1%. Prontamente, temos as comédias com 17,6%, as *fanfictions* com 16,9% e o género manga com 13,4%. As *fanfictions*, como já foi referido anteriormente, são um género de leitura muito apreciado pelos adolescentes, e em conversas com os jovens desta escola foi possível perceber que é uma leitura que lhes interessa bastante. Este género não é incluído na secção das questões sobre o livro impresso, porque não existem livros de *fanfictions* impressos, e mesmo quando questionamos os estudantes sobre a possibilidade de imprimir estas histórias, eles ficavam reticentes, e não apoiavam tal

ideia. Para eles, as *fanfictions* são feitas para ler nos telemóveis durante os intervalos, ou quando estão a regressar a casa de autocarro. Além disso, são leituras gratuitas, o que é sempre uma vantagem para estudantes do ensino secundário. Igualmente, os livros de manga são um género literário muito acessível *online*, e relativamente caro em formato impresso, pois cada livro custa em média 10 euros, daí este género só contabilizar 9,9% no gráfico 7.

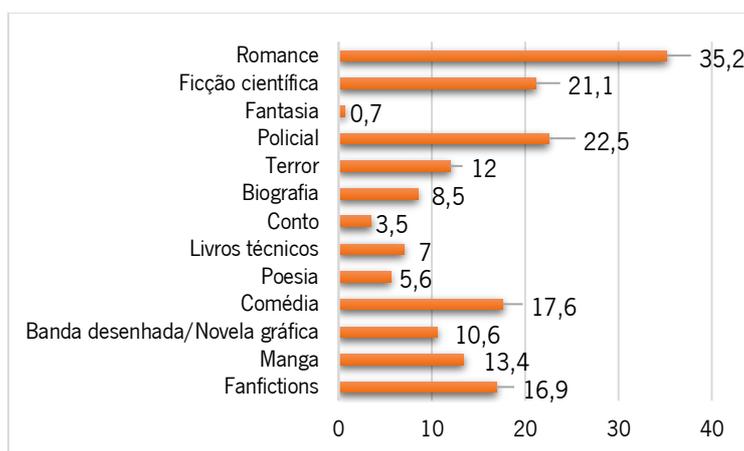


Gráfico 17: Questão 17. Qual é ou quais são os géneros literários que mais lês em formato digital?

Os livros de terror apresentam uma percentagem de 12%, seguindo-se a banda desenhada e as novelas gráficas, com 10,6%. Com as percentagens mais baixas, temos a biografia (8,5%), os livros técnicos (7%), a poesia (5,6%), o conto (3,5%) e a fantasia (0,7%).

A partir da questão 18, o questionário destina-se a comparar e compreender quais as opiniões e preferências dos jovens do ensino secundário relativamente à leitura em cada formato. O objetivo principal é traçar uma definição daquilo que os inquiridos consideram ser uma leitura em meio impresso e uma leitura em meio digital.

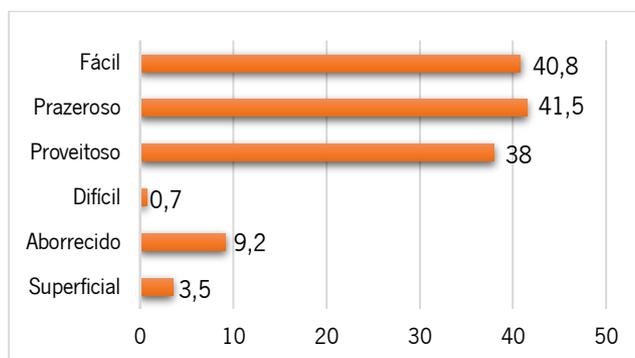


Gráfico 18: Questão 18. Na tua opinião, ler livros em formato impresso é:

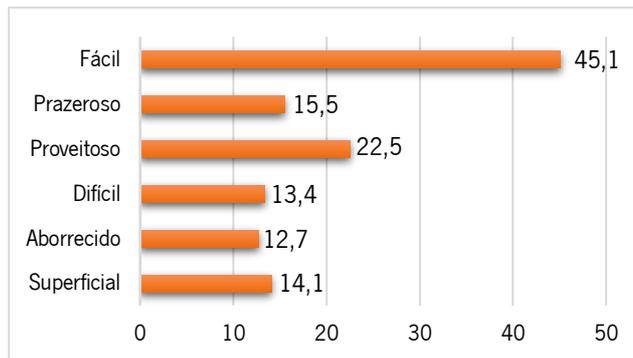


Gráfico 19: Questão 19. Na tua opinião, ler livros em formato digital é:

Conforme indica o gráfico 18, os inquiridos consideram, em grande parte, a leitura em formato impresso como prazerosa (41,5%), fácil (40,8%) e proveitosa (38%). Já no que toca à leitura em formato digital, as opiniões dividem-se, e as percentagens acabam por ficar um pouco uniformes (gráfico 19). Segundo o gráfico 19, a opção 'fácil' é a característica mais apontada (45,1%) no que toca a ler em formato digital. Segue-se uma leitura proveitosa (22,5%) e uma leitura prazerosa (15,5%).

É nas três últimas opções que se salientam as maiores diferenças. A leitura em formato impresso é considerada difícil apenas por um único inquirido (0,7%), contrariamente ao formato digital, em que a leitura é considerada difícil por 13,4% dos alunos. No que toca à superficialidade, a leitura em formato digital regista 14,1% de respostas, enquanto que a leitura em formato impresso regista apenas 3,5%. A opção 'aborrecida' não apresenta grandes diferenças entre os formatos, uma vez que, em impresso, apresenta 9,2% e em digital 12,7%. Ainda assim, a leitura em formato digital é apontada como sendo mais aborrecida do que em papel.

Já que que o foco da nossa dissertação é a leitura por lazer, foi importante questionar os e as estudantes sobre qual o meio que eles e elas mais utilizam para ler os seus livros (gráfico 20). O primeiro resultado que gostaríamos de apontar são os 12% que afirmam não ler livros por lazer. Contudo, 38,7% afirma ler em formato impresso por lazer, sendo apontado como o meio selecionado, contrariamente aos 21,1% que apontam o formato digital como a sua preferência. Importa relembrar que os 28,2% são os inquiridos cuja questão não se aplica.

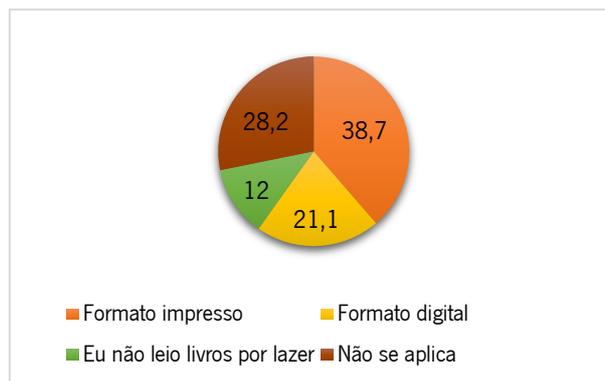


Gráfico 20: Questão 20. Em que formato é que costumam ler livros por lazer?

Segundo o gráfico 21, uma grande parte dos estudantes prefere ler livros por longos períodos de tempo em formato impresso (43,7%). No que toca à leitura por curtos períodos de tempo (gráfico 22), apenas 26,1% prefere o formato impresso. O formato digital é preferido na leitura de curtos períodos de tempo, em que contabilizou 33,1% de respostas, contrariamente aos 12% que afirmaram preferir ler no digital por longos períodos de tempo. É importante realçar que, de acordo com o gráfico 21, 16,2% dos inquiridos apontou não ler livros por longos períodos de tempo, independentemente do formato de leitura, percentagem que não difere muito da opção 'formato digital'. Já no gráfico 22, 12,7% afirmaram não ler livros por curtos períodos de tempo.

É a partir destes dois gráficos que podemos tirar duas conclusões. Em primeiro lugar, os estudantes revelam uma preferência pelo formato impresso no que toca a ler durante muito tempo. No que se refere à leitura por pouco tempo, o formato digital é o que apresenta mais frequência (33,1%); no entanto, a diferença não é muito superior à opção do livro impresso que regista 26,1%, ou seja, apenas menos 7 pontos percentuais. Em segundo lugar, temos as percentagens de 'não leitura', que ainda assim se mantêm elevadas para a quantidade de respostas. Dado que os 28,2% correspondem aos estudantes aos quais a questão não se aplica, ter em ambos os gráficos 28,9% de inquiridos que afirmam não ler nem por curtos nem por longos períodos de tempo, leva-nos a crer que de facto, os jovens leem muito pouco.

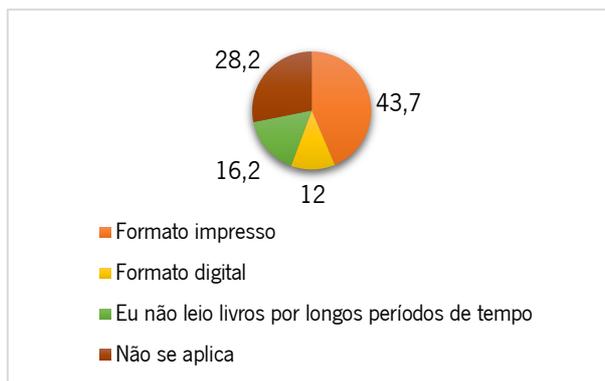


Gráfico 21: Questão 21. Em que formato é que costumam ler livros por longos períodos de tempo?

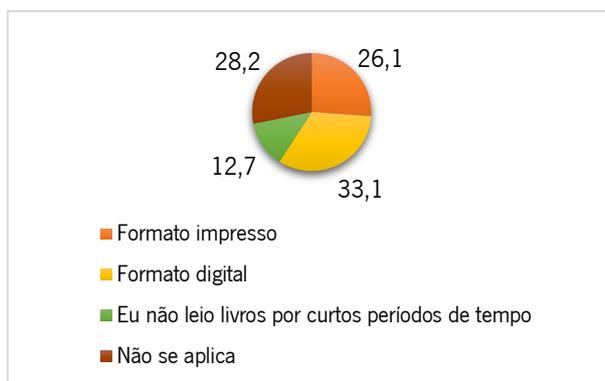


Gráfico 22: Questão 22. Em que formato é que costumam ler livros por curtos períodos de tempo?

Ao serem questionados sobre a leitura em papel, na grande maioria, os jovens consideraram (ver gráfico 23) a concentração como sendo a maior vantagem (47,9%), e como maiores desvantagens (gráfico 24) o fator do preço elevado (47,9%), e a necessidade de ter luz para realizar a leitura (45,8%).

Considerando que nestas questões os inquiridos podem selecionar mais do que uma resposta, há que realçar o facto de que o gráfico 23, que inclui as vantagens da leitura em papel, obteve uma grande frequência de resposta na maioria das opções, o que já não se aplica no gráfico 24.

No que toca às vantagens da leitura no livro em papel, temos (gráfico 23): o facto de não fazer doer os olhos, com 40,8%; uma melhor compreensão, com 36,6%; o facto de existirem poucas distrações, com 28,9%; e por último, a familiarização com o formato, com 27,5%.

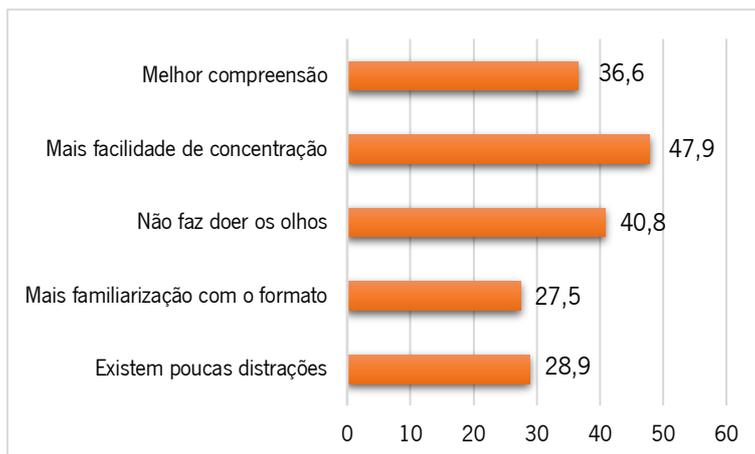


Gráfico 23: Questão 23. Quais são as vantagens de ler livros em papel?



Gráfico 24: Questão 24. Quais são as desvantagens de ler livros em papel?

As outras desvantagens apontadas, como se vê no gráfico 24, são: o facto de a leitura em papel ser aborrecida, com 12%; e a dificuldade em encontrar a informação necessária, com 10,6%. Na secção 'Outra', obtivemos respostas como não existir nenhuma desvantagem na leitura em papel, não haver mais traduções em português, e a impossibilidade de sublinhar frases manualmente.

Relativamente aos livros digitais (*e-books*), conforme gráfico 25, a maioria dos jovens considera o facto de a leitura poder ser feita no escuro como a principal vantagem (49,3%), e de seguida o facto de serem, por norma, mais baratos do que os livros impressos (42,3%). Pelo contrário, 50% dos inquiridos apresentou a dor nos olhos como principal desvantagem da leitura em livros digitais. Outras vantagens apontadas pelos jovens foram: uma leitura mais apelativa, com 25,4%; uma melhor compreensão, com 8,5%; e uma maior facilidade de concentração, com apenas 7,7%. Na opção 'Outra', houve quem considerasse a leitura em *e-books* como uma leitura em que é mais fácil de encontrar informação

específica, e houve quem considerasse que não existem desvantagens em relação a este formato de leitura.

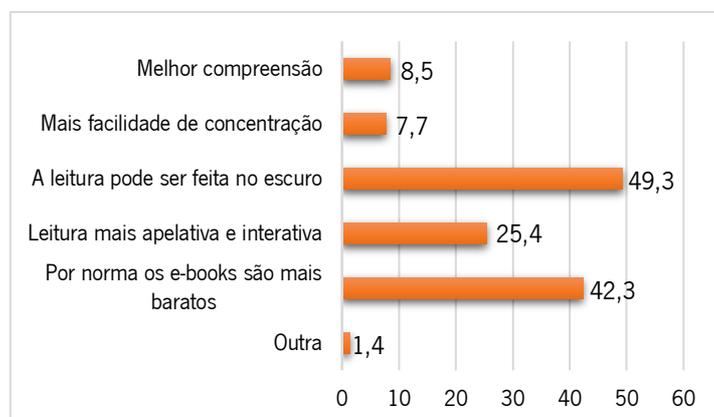


Gráfico 25: Questão 25. Quais são as vantagens de ler livros digitais?

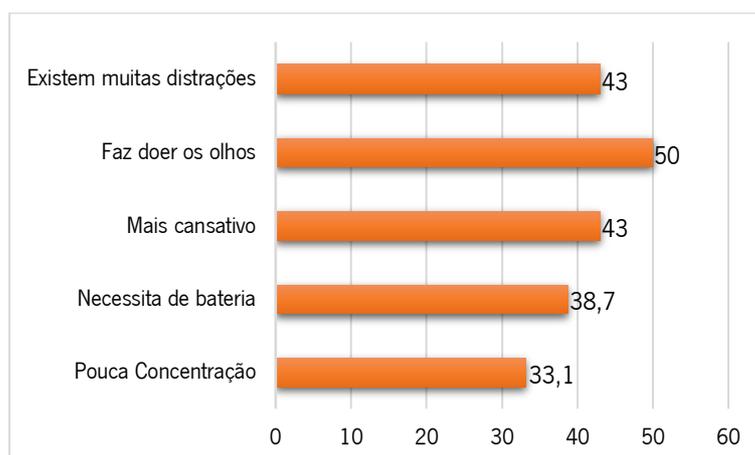


Gráfico 26: Questão 26. Quais são as desvantagens de ler livros digitais?

No gráfico 26, as percentagens são bastante uniformes, não havendo grandes diferenças entre elas. Tendo em conta que os inquiridos podiam escolher várias opções de resposta, concluímos que a frequência de desvantagens nos livros digitais é superior à dos livros impressos. Para além de metade dos jovens considerar a dor nos olhos como desvantagem, 43% afirma que existem muitas distrações; 43% afirma ser uma leitura cansativa; 38,7% afirma que a necessidade de bateria é uma desvantagem; e 33,1% acredita que ao ler um *e-book* a concentração é fraca.

A motivação para ler livros varia de indivíduo para indivíduo, e de formato para formato. À luz do gráfico 27, a principal razão para os estudantes lerem livros em papel é o puro lazer (39,4%).

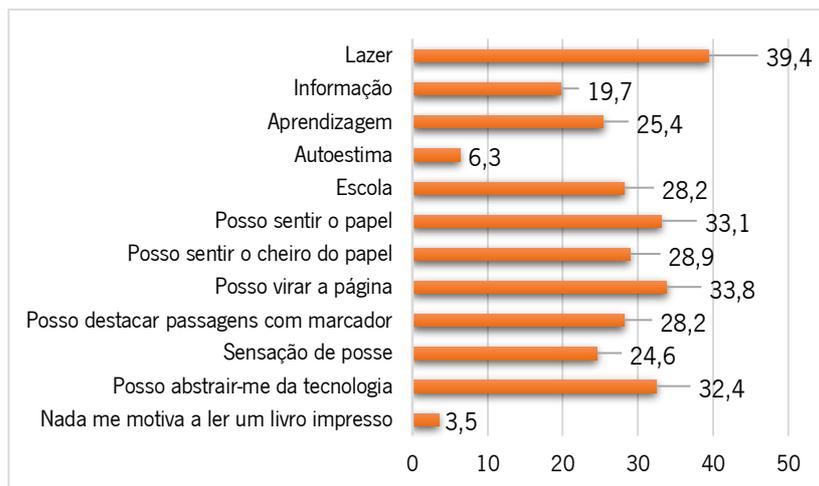


Gráfico 27: Questão 27. O que é que te motiva a ler um livro em papel?

Contudo, por ser novamente uma questão em que os inquiridos podem ter em consideração mais do que uma resposta, a frequência não é muito discrepante. Para além do lazer, há uma forte presença nas opções que envolvem os sentidos e as sensações: 33,8% afirma que uma das razões para ler em papel é o facto de poder virar a página; 33,1% pelo facto de poder sentir o papel nas mãos; e 28,9% por poder sentir o cheiro característico do livro. O facto de poderem abstrair-se da tecnologia é também um ponto positivo dos livros em papel (32,4%), bem como a possibilidade de destacar passagens nos livros com um lápis ou um marcador (28,2%).

A escola (28,2%) e a aprendizagem (25,4%) são também motivos que incitam os estudantes a ler em papel, muito provavelmente pela questão do uso de manuais escolares impressos, e pela maioria das atividades serem feitas no papel. A verdade é que, nas conversas com os jovens, eles e elas admitiram sentir que aprendem mais e melhor quando utilizam objetos como livros, cadernos e canetas, do que com Tablets ou *iPads*. E quando os questionamos sobre uma eventual possibilidade de haver uma substituição dos manuais escolares impressos por manuais em *e-book*, a grande maioria afirmava que não era do seu agrado. As opções com menos frequência foram a recolha de informação (19,7%) e a autoestima (6,3%).

Ainda assim, 3,5% de jovens admitiram que nada os motivava a ler um livro impresso, e a esses mesmo jovens foi-lhes pedido para justificarem pelas próprias palavras o porquê de isso acontecer. As respostas mais comuns e mais vagas foram porque não gostam de ler livros, porque nunca desenvolveram esse hábito, e porque não lhes interessa. No entanto, obtivemos algumas respostas mais completas. Alguns inquiridos admitiram não saber ao certo a razão de a leitura em livros de papel não os motivar, mas acabam por supor que seja por falta de interesse. Todavia, há inquiridos que entendem não haver razão para limitar a leitura aos livros físicos, quando há um acesso muito maior com os *e-*

books e os seus dispositivos de leitura. Ainda houve quem admitisse simplesmente que não gosta de ler, mas não põe em causa que no futuro o possa fazer e até ler regularmente.

Contrariamente ao registado no gráfico 27, a frequência de respostas no gráfico 28 é menor, o que nos revela um interesse inferior em responder sobre a motivação da leitura em formato digital, relativamente ao acontecido na leitura em formato impresso. Talvez porque, precisamente, o conhecimento sobre a experiência com e-books serem reduzidos. De acordo com o gráfico 28, a praticidade é apontada por 37,3% dos jovens inquiridos, como sendo o principal motivo para ler um *e-book*, seguido da leveza e da portabilidade que o formato trás consigo (31%). Já a opção 'lazer', contrariamente ao livro em papel, ocupa o terceiro lugar do gráfico (28,9%), o que nos revela que o *e-book* não é o formato preferido para ler em momentos de entretenimento.

Novamente, a possibilidade de transportar vários livros ao mesmo tempo num só dispositivo é considerada por 23,9% como um motivo para ler um *e-book*; 18,3% afirma que é pela informação; 14,8% pela aprendizagem; 14,8% pela possibilidade de clicar nos links contidos no livro; 10,6% por ser mais apelativo e colorido; 10,6% pela possibilidade de navegar na *Internet* ao mesmo tempo; 5,6% pela escola, o que mostra devidamente que poucos jovens utilizam *e-books* para estudar; e apenas 3,5% por preferir ler em ecrãs.

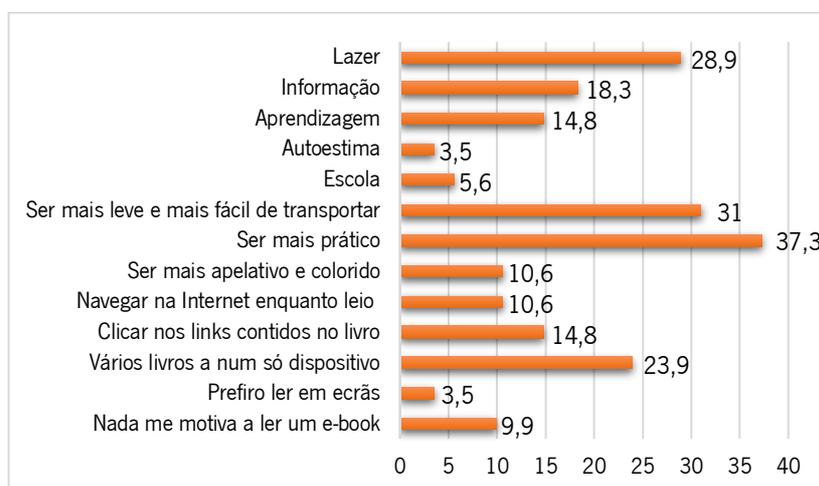


Gráfico 28: Questão 29. O que é que te motiva a ler um e-book?

Tal como ocorreu na resposta à questão 27 (gráfico 27), na questão 29 (gráfico 28), quase 10% dos inquiridos afirmou que nada os motiva a ler um *e-book*. Alguns dos inquiridos justificaram a opção escolhida com o facto de uma leitura em *e-book* ser cansativa, distrativa e aborrecida. Outros foram bastante sinceros e afirmaram simplesmente não gostarem de ler, nem terem tal prática, independentemente do formato. A falta de tempo e de motivação, e a fadiga ocular, foram outras razões

que os estudantes deram para não lerem *e-books*. As distrações associadas às notificações das redes sociais e a impossibilidade de destacar frases são outros motivos apontados. E por último, indicaram que a leitura em formato impresso era muito mais prazerosa e saudável, já que passam demasiado tempo em frente aos ecrãs noutras atividades.

7.4. SÍNTESE DA ANÁLISE

As questões feitas para o questionário tiveram como base de elaboração os seis objetivos traçados no início da investigação. A partir da análise das respostas obtidas foi-nos possível perceber quais são as diferenças que os jovens apontam relativamente ao livro impresso e ao *e-book*, e quais são os seus hábitos diários de leitura. Permitiu ainda compreender qual é a relevância do formato para estes jovens e quais são as vantagens e desvantagens que eles consideram haver em cada um. E por último, foi-nos possível entender qual é, de facto, o meio preferido para ler por lazer.

Em primeira instância, conseguimos assinalar que há uma preferência geral pelos livros de papel, e que há um número considerável de jovens que não sabem o que é um *e-book*. A familiaridade com os livros tradicionais pode estar associada à escola, e ao facto de o uso de manuais em papel ser frequente. Isto porque os jovens inquiridos, mesmo que no geral leiam pouco, preferem quase sempre livros em papel, e ficam desconfiados quando lhes falamos dos *e-books*. E ainda há quem seja completamente indiferente ao livro, seja em que formato for. Não mostram interesse e ficam aborrecidos se insistirmos na questão.

Substancialmente, conseguimos concluir que os jovens inquiridos leem mais livros impressos em casa, e que essa leitura é linear, ou seja, começam do início até ao fim. Ainda assim leem muito pouco, pois investem apenas entre 0 a 1 hora semanalmente, e por ano também leem apenas de 1 a 2 livros, sendo assim considerados pequenos leitores. Em formato impresso manifestam preferência pelos géneros literários romance e policial. Relativamente à leitura digital, concluímos que a maioria dos jovens lê páginas da *Internet*, no *smartphone* e em casa. É neste formato que os jovens leem mais superficialmente, e também só utilizam entre 0 a 1 horas semanais para ler um livro digital. Durante um ano leem, tal como acontece nos livros impressos, entre 1 a 2 livros digitais, e os géneros literários preferenciais são o romance, o policial, a ficção científica, e as *fanfictions*.

Os inquiridos leem livros impressos, na sua maioria, para se divertirem, para relaxar e para aumentarem o conhecimento, e leem *e-books* igualmente por lazer e para descontraír. Para eles a leitura de livros impressos e digitais é fácil, prazerosa e proveitosa, no entanto, ainda consideram o formato

digital como difícil e superficial. Para ler por lazer e por longos períodos de tempo, escolhem o livro impresso, e para curtos períodos de tempo, o formato digital é o eleito.

No que toca às vantagens e desvantagens de ambos os formatos, os jovens consideram como principais benefícios do livro em papel a facilidade de concentração e o facto de serem saudáveis para a visão. E consideram como principais inconvenientes o facto de necessitar de luz para ler, e o preço elevado. Em relação ao *e-book*, estes julgam que o facto de a leitura poder ser feita no escuro e o preço ser mais acessível como principais vantagens. Contudo, os jovens consideram também a leitura em *e-book* como mais cansativa para a visão, em que existem diversas distrações. O facto de necessitar de bateria é também uma grande desvantagem apontada por eles.

Acontece que o lazer e o facto de se poderem abstrair da tecnologia e dos ecrãs, é apontado por eles e elas, como sendo a maior motivação para lerem um livro impresso. Já no que toca ao *e-book*, é a sua praticidade e o fácil transporte que motiva, no geral, os inquiridos a ler.

Não apenas com os resultados estatísticos, como com as conversas com os jovens e com as respostas abertas do questionário, é possível afirmar que, no geral, estes ficam apreensivos e desconfortáveis quando são questionados acerca das suas práticas de leitura. Eles e elas têm noção de que ler é importante a diferentes níveis, porém não o fazem. A grande maioria lê apenas aquilo que a escola exige, e não possuem vontade própria de iniciar uma leitura autónoma. Os jovens apontaram diferenças entre os dois formatos (impresso ou digital), mas o facto de uma percentagem considerável não ter conhecimento do que é um *e-book*, já nos permite afirmar que os livros e a leitura de lazer são uma realidade longínqua para a maioria.

Porém, há que salientar algumas diferenças e algumas semelhanças entre os resultados obtidos na nossa investigação, e as conclusões do estudo do PNL/CIES, que se focou nomeadamente em jovens do ensino básico e secundário. Em primeira instância, tanto Mata (2020) como Sagnier & Morell (2021), concluíram que, apesar de os jovens lerem muito pouco, são as raparigas que mais leem por gosto. Também nos foi possível concluir que é no sexo feminino, com idades compreendidas entre os 15 e os 16 anos dos cursos de Ciências e de Humanidades, que há uma paixão enorme por livros, independentemente do seu formato. No que se refere à escola, no estudo do PNL, concluiu-se que a instituição tem um papel fulcral em atrair os jovens para a leitura, bem como o papel dos professores em contexto de sala de aula. Mesmo que no questionário, nenhuma questão estivesse diretamente direcionada para a leitura na escola, nas nossas conversas informais com os alunos, a grande maioria mostrava-se desmotivado com as eventuais leituras dentro da sala de aula. Tal realidade pode significar que será necessário, por parte da instituição, adotar uma outra estratégia para atrair os jovens para a

leitura e, da parte do Ministério da Educação, um repensar dos programas de ensino, nomeadamente de Língua Portuguesa, mas não só. Relativamente à biblioteca, podemos confirmar que o espaço na Escola Secundária de Marco de Canaveses é agradável, e reúne a maior parte dos requisitos para ser um bom local dedicado à leitura. No entanto, possui um fraco acervo de livros. E enquanto que em Mata (2020) 77% dos alunos frequenta a biblioteca escolar, o mesmo não se pode afirmar no nosso estudo, pois muitos dos alunos da Escola Secundária, principalmente do ensino secundário, raramente entram na biblioteca. Ainda assim, Mata (2020) afirma que a realização de trabalhos escolares e ir à *Internet* são as atividades mais realizadas na biblioteca, igualmente às nossas conclusões. Para ler por lazer e/ou requisitar livros, em ambos os casos, a biblioteca tem pouca afluência. Mata (2020) também concluiu que em 12 meses, os jovens leram muito poucos livros, sendo que a média se manteve entre 1 a 3 livros. No nosso caso, não existiram diferenças significativas, sendo que a média durante um ano manteve-se entre 1 a 2 livros. Já no tempo dedicado à leitura de lazer, Mata (2020) afirma que os jovens dedicam 45 minutos por dia, o que é totalmente contrário aos resultados obtidos. Os jovens da Escola de Marco de Canaveses passam entre 0 a 1 horas semanais a ler livros impressos e/ou digitais por lazer, o que se revela bastante inferior relativamente ao estudo do PNL. O mesmo estudo concluiu que os géneros literários preferidos pelos jovens são a aventura, a espionagem e os policiais, contrariamente às nossas conclusões que nos mostram que são o romance, os policiais e a ficção científica.

Por fim, o formato de leitura preferido em todos os estudos analisados é o impresso, o que igualmente se pode confirmar através da nossa investigação. Já a leitura de *e-books* é, como podemos constatar no nosso estudo, incoerente, principalmente devido ao facto de quase 30% dos inquiridos desconhecer o formato de leitura. Em Mata (2020), 12% dos alunos manifestava uma preferência pela leitura em dispositivos digitais, o que é bastante semelhante aos nossos resultados, em que 12% dos inquiridos afirmou preferir ler *e-books* por longos períodos de tempo. Não obstante, em ambos os estudos, é necessário apontar que há uma percentagem considerável de jovens que afirmam não ler por gosto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal propósito da dissertação foi atingido, isto é, ficamos a conhecer os hábitos de leitura dos jovens da Escola Secundária de Marco de Canaveses, bem como as suas opiniões sobre os livros impressos e os livros digitais. Do trabalho de campo realizado, a questão que não correu de acordo com as nossas expectativas foi a baixa adesão ao inquérito por questionário por parte dos jovens. De facto, a quantidade de respostas obtidas prejudicou um pouco a exatidão dos resultados estatísticos, bem como impossibilitou uma exploração aprofundada de cruzamento de variáveis. Contudo, a presença na escola foi consistente, e conseguimos falar com um número considerável de jovens, o que nos proporcionou de imediato uma ideia geral sobre as suas práticas de leitura.

A verdade é que, a sociedade em que vivemos atualmente, exige aos seus cidadãos um conjunto de ferramentas essenciais para conseguir integrar-se, e compreender a realidade em que vivem. A leitura, a escrita e as tecnologias digitais andam de mãos dadas, formando assim uma sociedade em rede, em que quem rege são os ecrãs, a *Internet* e a informação. Para além de ler, é preciso saber ler bem, decifrando assim os códigos de uma linguagem cada vez mais complexa, que acompanha a nossa sociedade. Isto é, promover a leitura e o conhecimento das ‘novas’ tecnologias é necessário para gerar pessoas bem informadas, que consigam ler e interpretar, não somente texto, mas também as diferentes formas de comunicar, como por exemplo, imagens, fotografias, figuras, sinais, sons, vídeos e muitas mais.

Os hábitos de leitura dos jovens portugueses são muito poucos. Leem na sua maioria por obrigação escolar, e investem quase tempo nenhum na leitura de lazer autónoma. A sua relação com a leitura e com o objeto ‘livro’ é distante. Mas as opiniões dos jovens são ambíguas, se não mesmo, contraditórias. Na sua perspetiva, apesar de considerarem que a leitura faz bem e é importante para o desenvolvimento pessoal e intelectual, é também normal não existir apreço pela leitura, e consideram-na, na sua linguagem informal uma “seca”. Tal mostra que têm consciência e estão sensibilizados para a norma dominante. Simultaneamente, dão conta que a mesma não regula as suas práticas, incluindo as discursivas. Há um ponto de rotura entre as leituras que os programas educativos exigem, e os livros que os jovens gostariam de ler. A maioria não se sente suficientemente maduro para ler e analisar os clássicos da literatura portuguesa, como por exemplo *Os Maias* de Eça de Queirós, *O Memorial do Convento* e/ou *O Ano da Morte de Ricardo Reis* de José Saramago. As reações que os jovens têm ao contacto com este tipo de obras literárias é de aborrecimento, tédio e incompreensão. Mesmo havendo exceções, e de facto existem jovens que apreciam estas leituras, a grande maioria preferia leituras mais

leves e mais adequadas à maturidade de um aluno do ensino secundário. Os jovens ficam desmotivados pelo facto de serem obrigados a ler este tipo de livros, e esta desmotivação acompanha-os para outras leituras. E assim, a escola, em vez de levar o gosto da leitura até aos jovens, acaba por lhes mostrar que os livros são complicados e maçadores. No entanto, com o crescimento do conteúdo sobre livros nas redes sociais, como o *BookTok*, o *Booksgram* ou o *BookTube*, os jovens estão cada vez mais expostos ao universo da leitura, o que se torna um ponto de influência bastante positivo. Estes conteúdos livrescos mostram o lado divertido e prazeroso da leitura, em que as recomendações são, na sua maioria, livros do género juvenil e jovem adulto. São livros que retratam temas e situações atuais, que interessam estes jovens, e em que a escrita é de mais fácil compreensão. E em vez de afastar os mais novos do universo da leitura e dos livros, aproxima-os.

Já a questão dos livros digitais é ainda mais complexa. O facto de numa era tão desenvolvida tecnologicamente, em que a *Internet* e as redes sociais são uma constante no dia a dia dos jovens, haver uma percentagem tão alta de jovens que não sabem o que é um *e-book* ou um *e-reader*, é inquietante. São capazes de conhecer o mais recente modelo de *smartphone*, mas são muito inexperientes no conhecimento de dispositivos de leitura digital e de *e-books*. Em parte, o desconhecimento daquilo que está dentro do domínio da leitura digital é da responsabilidade das políticas de educação, que não permitem às escolas verba monetária suficiente para que elas invistam neste tipo de material tecnológico. E noutra parte, vem do próprio jovem, que simplesmente não se interessa por esta matéria; e do meio em que vive, pois se no seio familiar desvalorizarem a leitura e os livros, o exemplo será, certamente, seguido pelos jovens.

Em síntese, podemos concluir e afirmar que os jovens inquiridos leem pouco, independentemente do formato. Certamente, há uma preferência pelos livros em papel e um desconhecimento generalizado do livro digital (*e-book*). Ainda assim, acreditamos que podemos estar perto de um ponto de viragem, em que as redes sociais possam estar a influenciar positivamente os jovens, para a leitura de lazer, e assim atraí-los para o universo de leituras mais densas ou complexas. E acreditamos também que os preconceitos relativamente ao *e-book* possam ser desconstruídos. É preciso um grande trabalho, não apenas da comunidade escolar, como do seio familiar, para mostrar e incentivar os jovens a ler, bem como não os limitar a um certo tipo de literatura, e deixá-los percorrer um caminho de escolhas livres.

Apesar dos dados e das conclusões obtidas mostrarem que há um desinteresse geral pelos livros impressos e pelos *e-books*, não significa que todos os jovens da escola que foi alvo do estudo de caso

tenham atitudes e práticas idênticas, muito menos significa que os jovens portugueses apresentem as mesmas práticas, e por isso mesmo este estudo deverá dar lugar a outros de larga escala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albarelo, L. et al (1997). *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Gradiva.
- Allcot, L. (2021, outubro). Reading on-screen vs reading in print: what's the difference for learning? *National Librarie*.
<https://natlib.govt.nz/blog/posts/reading-on-screen-vs-reading-in-print-whats-the-difference-for-learning>
- Almeida, H. P. (2012). *A sociedade dos ecrãs: entre ver e ser visto*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação – Comunicação, Marketing e Publicidade. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas, Lisboa.
- Amaral, I., Reis, B., Lopes, P., & Quintas, C. (2017). Práticas e consumos dos jovens portugueses em ambientes digitais. *Estudos em Comunicação*, 24, 107-131. <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/ec/article/view/70>
- António, L. D. (2014). *Cultura literária e cultura digital: um diálogo possível*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cidadania e Educação. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga.
- Araújo, A. D., Saboia, A. L., & Albuquerque Sousa, M. A. (2020). Práticas de leitura e escrita na cultura digital. *Fólio – Revista De Letras* 11(2), 357-375. <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/5456>
- Assis, J. B., Amorim, S.I. F., Oliveira, D. C., Silva, L. J., & Silva, J. S. (2012). O papel da leitura na construção de saberes e prática social. *Brazilian Journal of Development* 7(1), 8934-8947.
<https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/23633/18995>
- Assunção, B. M. (2021, outubro 9). Se não estás nas redes sociais, não aconteceu. O que sentiram os utilizadores com o apagão do Facebook?. *TVI NOTÍCIAS*. <https://tvi.iol.pt/noticias/tecnologia/apagao-facebook/se-nao-esta-nas-redes-sociais-nao-aconteceu-o-que-sentiram-os-utilizadores-com-o-apagao-do-facebook#>
- Azevedo, D. (2022, fevereiro 28). Tik Tok vai aumentar a duração dos seus vídeos. *MaisTecnologia*.
<https://www.maistecnologia.com/tik-tok-vai-aumentar-a-duracao-dos-seus-videos/>
- Baron, N. S. (2015). *Words onscreen: The fate of reading in a digital world*. Oxford University Press.
- Baron, N. S. (2017). Reading in a digital age. *Phi Delta Kappan*, 99(2), 15-20.
- Baron, N. S. (2021, maio). Why we remember more by reading – especially print – than from audio or video. *The conversation*.
<https://theconversation.com/why-we-remember-more-by-reading-especially-print-than-from-audio-or-video-159522>
- Barshay, J. (2019, agosto). Evidence increases for reading on paper instead of screens. *The Hechinger Report*.
<https://hechingerreport.org/evidence-increases-for-reading-on-paper-instead-of-screens/>
- Benson, K. (2020, julho). Reading on paper versus screens: what's the difference?. *BrainFacts*.
<https://www.brainfacts.org/neuroscience-in-society/tech-and-the-brain/2020/reading-on-paper-versus-screens-whats-the-difference-072820>
- Berger, A. A. (2016). *What objects mean: an introduction to material culture*. (2ª ed.). Routledge.
- Bilonozhko, N., & Syzenko, A. (2020, janeiro). Effective reading strategies for generation Z using authentic texts. *Arab World English Journal*. 121-130. <https://awej.org/effective-reading-strategies-for-generation-z-using-authentic-texts/>
- Birr Moje, E., Afflerbach, P., Enciso, P., & Lesaux, N. K. (Eds.). (2020). *Handbook of reading research*. Taylor & Francis.
- Birkerts, S. (2006). *The Gutenberg elegies – The fate of reading in an electronic age*. Farrar, Straus and Giroux.
- Bolter, J. D. & Grusin, R. (1999). *Remediation: understanding new media*. MIT Press.

- Bruneau, O. J. (2016). Print vs. e-Text: student preferences in the digital age. *Luther College*. <https://www.luther.edu/oneota-reading-journal/archive/2016/digital-age/>
- Burgess, R. G. (1997). *A Pesquisa de Terreno*. Celta.
- Byars, N. M. (2015). *Printed books versus digital books*. Projeto de conclusão de curso em Comunicação Gráfica. California Polytechnic State University, San Luis Obispo.
- Cardoso, G., Paisana, M., Lima Quintanilha, T., Caldeira Pais, P. (2018, março). Literacias na sociedade dos ecrãs. *OberCom*. <https://obercom.pt/literacias-na-sociedade-dos-ecra%CC%83s/>
- Cardoso, G. & Mendonça, S. (Coords.). (2014, janeiro). A internet em Portugal – Sociedade em rede 2014. *OberCom*. <https://obercom.pt/a-internet-em-portugal-sociedade-em-rede-2014/>
- Cardoso, G. & Lapa, T. (2015). O estudo da internet e dos ecrãs na sociedade em rede. In *Psicologia dos Comportamentos Online* (25-29). Relógio D'Água.
- Cardoso, G. (Coord.). (2013). *A sociedade dos ecrãs. Sociologia dos ecrãs, economia da mediação*. Tinta Da China.
- Carvalho, P. M. O. (2012). *A importância e o futuro do e-book no mercado livreiro em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Gestão. Instituto Universitário de Lisboa, Buisness School, Departamento de Marketing, Operações e Gestão Geral, Lisboa.
- Chartier, R. (1998). *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (R. Carmello Corrêa de Moraes, Trad.). Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Chartier, R. (1998). *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII* (M. Del Priore, Trad.). (2ª ed.). Editora Universidade de Brasília.
- Coady, L. (2016). *Who needs books? – Reading in a digital age*. (1ª ed.). The University of Alberta Press.
- Coover, R. (1992, junho 21). The end of books. *The New York Times*, p.71.
- Correia Dias, M. I. (1994). *O Inquérito por questionário: Problemas teóricos e metodológicos gerais*. Relatório apresentado para efeitos do disposto do nº1 do Artº 58º do decreto Lei nº448/79. Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto.
- Coutinho, I. (2022, fevereiro, 1). Não se vendiam tantos livros impressos nos EUA desde há anos e a culpa é do TikTok. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2022/02/01/culturaipilon/noticia/nao-vendiam-tantos-livros-impressos-eua-desde-ha-anos-culpa-tiktok-1993634>
- Dant, T. (1999). *Material culture in the social world: values, activities, lifestyle*. Open University Press.
- D'Ambra, J., Wilson, C. S. & Akter, S. (2017). Affordance theory and e-Books: Evaluating the e-reading experience using netnography. *Personal & Ubiquitous Computing*, Online first, 1-20. <https://ro.uow.edu.au/gsbpapers/523/>
- Dantas, T. R. (2011). *Letras eletrônicas: Uma reflexão sobre os livros digitais*. Dissertação de Mestrado em Informação, Comunicação e Novos Média. Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra.
- Delgado, P., Vargas, C., Ackerman, R., & Salmerón, L. (2018, setembro) Don't throw away your printed books: A meta-analysis on the effects of reading media on reading comprehension. *Elsevier* (25), 23-38. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1747938X18300101?via%3Dihub>
- Durant, D. M. (2017). *Reading in a digital age*. <https://www.fulcrum.org/concern/monographs/kw52j969q>
- Eco, U. (2014). Comunicação: hard e soft. *Observatorio*, 15(2), 185-193. <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/2012/pdf>

- Errera, R. (2022, fevereiro). Paper books vs eBooks statistics, trends and facts. *Toner Buzz*. <https://www.tonerbuzz.com/blog/paper-books-vs-ebooks-statistics/>
- Ferreira Boeira, A. (2016). *Ler e jogar ou jogar e ler? Estratégias de leitura empregadas pro estudantes do 5º ao do ensino fundamental ao jogar no Click Jogos*. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Letras – Associação Ampla. Universidade de Caxias do Sul, Caxias Do Sul.
- Furenes, I. M., Kurikova, N., & Bus, A. G. (2021, março). A comparison of children's reading on paper versus screen: A meta-analysis. *Sage journals*. <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.3102/0034654321998074>
- Francis, A. C. (2011, setembro). Semefulness: a social semiotics of touch. *Taylor & Francis Online 21*(4), 463-481. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10350330.2011.591993>
- Galileu, R. (2019, junho 6). Pessoas que leem são mais felizes, afirma nova pesquisa. *Revista Galileu*. <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/06/pessoas-que-leem-sao-mais-felizes-afirma-nova-pesquisa.html>
- Garcia Canclini, N. (2008). *Leitores, espectadores e internautas*. (Ana G. Trad.). Editora Iluminuras.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1992). *O inquérito – Teoria e prática*. Celta Editora.
- Gonçalves, A. (2004). *Métodos e técnicas de investigação social I*. Relatório para Provas de Agregação no Grupo Disciplinar de Sociologia. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga.
- Gonçalves Gomes, E. (2018). *Um estudo sobre o futuro do livro: Entre impresso e digital*. Trabalho de Projeto, Mestrado em Práticas Tipográficas e Editoriais Contemporâneas. Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, Faculdade de Arquitetura, Lisboa.
- Gordon, W. T. (2012). *McLuhan for Beginners*. For Beginners LLC.
- Guerreiro, A. (2011, fevereiro 21). O livro digital e o demónio da analogia. *Expresso*. <https://expresso.pt/cultura/o-livro-digital-e-o-demonio-da-analogia=f632281>
- Haig, M. (2021). *O mundo à beira de um ataque de nervos*. (Paulo. M. M. Trad.). Porto Editora.
- Herath C. (2010). *How do we read online: The effect of the internet on reading behaviour*. Dissertação de Mestrado em Gestão de Informação. Victoria University of Wellington, Kelburn.
- Hyatt, J. (Diretor). (2020). *Tempo de ecrã* [Documentário]. Dark Star Pictures.
- Ijuim, J. K & Tellaroli, T. M. (2007). Comunicação no mundo globalizado – Tendências no século XXI. *Biblioteca on-line de ciências da comunicação*. <http://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=1082>
- Jenkins, H. (2006). *Convergence culture. Where old and new media collide*. New York University Press.
- Krauss, S. (2021, outubro 14). Documentário alerta para excesso de exposição das crianças e adolescentes a ecrãs e as suas arrepiantes consequências. *Sapo*. <https://lifestyle.sapo.pt/familia/noticias-familia/artigos/documentario-alerta-para-excesso-de-exposicao-das-criancas-e-adolescentes-a-ecras-e-as-suas-arrepiantes-consequencias>
- Kress, G., & Van Leeuwen, T. (2001). *Multimodal discourse: The modes and media of contemporary communication*. Arnold.
- Kress, G. (2010). *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. Routledge.
- Kuusela, H. (2016). The forms and uses of contemporary books: Studying the book as a mass product commodity and an intimate object. *Transformations*, (27). <http://www.transformationsjournal.org/issue-27/>
- Kim, J. E. & Hassinger-Das, B. (Eds.). (2019). *Reading in the digital age: Young children's experiences with e-books*. Springer.
- Laing, O. (2021, maio). Group think: why art loves a crowd. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/culture/2021/may/23/group-think-why-art-loves-a-crowd-olivia-laing>

- Lima Santos, E. R. (s.d.). Leitura para além das quatro paredes: Leitura para além das quatro paredes, leitura, escola, sujeito-leitor, a natureza do ato de ler, bases da educação nacional. *Meu Artigo*. <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/leitura-para-alem-das-quatro-paredes.htm>
- Lisboa, A. (2022, março 3). TikTok causa efeitos negativos em crianças? Investigação tentará descobrir. *Canaltech*. <https://canaltech.com.br/redes-sociais/tiktok-causa-efeitos-negativos-em-criancas-investigacao-tentara-descobrir-210573/>
- Livingstone, S. (2019, junho). Why the debate on reading print versus digital books needs to change. *The London School of Economics and Political Science*. <https://blogs.lse.ac.uk/parenting4digitalfuture/2019/06/26/debate-on-reading-print-versus-digital-books/>
- Loh, C. E., & Sun, B. (2019, agosto). "I'd still prefer to read the hard copy": Adolescent's print and digital reading habits. *Journal of Adolescents and Adult Literacy* 62(6), 663-672. <https://ila.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/jaal.904>
- Lopes, M. A. D. (2019). *Leitura de livros em Portugal e na europa. Tendências recentes numa perspetiva comparada*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Sociologia, Lisboa.
- Lopes, P. (2011). Hábitos de leitura em Portugal: Uma abordagem transversal-estruturalista de base extensiva. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação*. <http://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=1785>
- Lopes, P. (2015). Literacia mediática: Práticas e competências de adultos em formação na Grande Lisboa. *Observatorio*, 9(2), 47-78. <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/771>
- Lourenço, B. (2020, janeiro 28). Big Brother: como o conceito de George Orwell aparece na cultura pop. *Galileu*. <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2020/01/big-brother-como-o-conceito-de-george-orwell-aparece-na-cultura-pop.html>
- Lourenço, A. P. C. (2014). *O livro: espaço comum entre papel e o digital*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação. Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Sociologia, Lisboa.
- Ludovico, A., & Muller, N. (2007). *The mag.net reader 2 – Between paper and pixel*. OpenMute.
- Ludovico, A. (2012). *Post-digital print – The mutation of publishing since 1894*. Onomatopee77.
- Machado Pais, J., Magalhães, P., & Lobo Antunes, M. (Coords.). (2022). *Inquérito às práticas culturais dos portugueses 2020 – Síntese dos resultados*. (1ª ed.). ICS Estudos e Relatórios, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Machiavelli, M., & Dutra Brignol, L. (2019). Adolescentes e o livro: internet como mediadora de novas práticas de leitura. *Novos Olhares*, 8(2), 65-75. <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/162144>
- Manovich, L. (2001). *The language of new media*. MIT Press.
- Manuel Martins, J. (2005). *Profissões do livro*. Verbo.
- Marques Batista Coelho Pais, M. P. (2011). *A escola e os ambientes de leitura. Conceção, percepção, motivação e emoção no contexto físico da aula e da biblioteca escolar*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas, Lisboa.
- Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS Statistics*. (7ª ed.). ReportNumber.
- Martins, O. M. (2020). *Negócios, cultura e estética: o caso da livraria Centésima Página*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga.
- Mata, J. T., Neves, J. S. (Coords.), Lopes, M. A., & Ávila, P. (2020). *Práticas de leitura dos estudantes dos ensinos básico e secundário – Primeiros resultados, apresentação realizada a 30 de setembro, Lisboa, ISCTE*. <https://www.pnl2027.gov.pt/np4/praticasdeleitura.html>

- McLuhan, M. (2013). *Understanding media: the extensions of man*. Gingko Press.
- McMaken, L. (2021, junho). E-Books vs. print books: what's the difference? *Investopedia*. <https://www.investopedia.com/financial-edge/0812/e-books-vs.-print-books.aspx>
- Meirinhos, M. & Osório A. (2016). O estudo de caso como estratégia de investigação e educação. *Eduser: revista de educação*, 2(2), 49-65. <https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/24>
- Melão, D. H. (2010). Ler na era digital: os desafios da comunicação em rede e a (re)construção da(s) literacia(s). *Dialnet* (3), 75-90. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3367316>
- Moran, N. (2012, maio). Are eReaders really green?. *The millions*. <https://themillions.com/2012/05/are-ereaders-really-green.html>
- Nascimento, M., & Jorge, A. (2022, fevereiro). YouTube and advertising literacy among children in Portugal. *The London School of Economics and Political Science*. <https://blogs.lse.ac.uk/parenting4digitalfuture/2022/02/23/youtube-advertising/>
- Neto, M. L. A. (2006). Sobre a materialidade dos livros e seus sentidos. *Revista de Letras*, 1(28). <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2328>
- Neves, J. S. S. (2011). *Práticas de leitura da população portuguesa no início do século XXI*. Tese de Doutoramento em Sociologia da Comunicação, da Cultura e da Educação. Instituto Universitário de Lisboa, Escola de Sociologia e Políticas Públicas, Lisboa.
- Nogueira, B. (2016). *A palavra escrita: experiência de leitura no ecrã*. Dissertação de Mestrado em Design Gráfico e Projetos Editoriais. Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes, Porto.
- Observador, (2020, setembro 30). Jovens portugueses leem cada vez menos e hábitos das famílias influenciam. *Observador*. <https://observador.pt/2020/09/30/jovens-portugueses-leem-cada-vez-menos-e-habitos-das-familias-influenciam/>
- Oliveira Sofia Pacheco, C., Neves, S., & Lima, F. (2017). Educação e formação de adultos em Portugal: retrato estatístico de uma década. *Instituto Nacional de Estatística*, 1-16. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_estudos&ESTUDOSest_boui=313014545&ESTUDOSmodo=2&xlang=pt
- Pardede, P. (2019, julho). Print vs digital reading comprehension in EFL. *Journal of English Teaching* 5(2), 77-90. <http://ejournal.uki.ac.id/index.php/jet/article/view/1059>
- Parreira, R. (2021, novembro 29). Altice Portugal promove projeto-piloto de adoção de manuais digitais nos Açores. *Sapo*. <https://tek.sapo.pt/noticias/negocios/artigos/altice-portugal-promove-projeto-piloto-de-adocao-de-manuais-digitais-nos-acoeres>
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2014). *Análise de dados para ciências sociais – A complementaridade do SPSS*. (6ª ed.). Edições Sílabo.
- Pinheiro Valença Marçal, Q. (2018). *A leitura no mundo digital: reflexões acerca do livro eletrónico*. Dissertação de Mestrado não editada, 2º Ciclo em Ciências da Informação. Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra.
- Pirandello, L. (1922). *Mundo de papel*. (Marilena C. Trad.). Titivillus.
- Pires de Lima, M. (1981). *Inquérito sociológico – Problemas de metodologia*. Editorial Presença.
- Pombo, O. (1984). O meio é a mensagem. *ResearchGate*. A Escola e os Media, 1º Caderno de História e Filosofia da Educação, 40-50. https://www.researchgate.net/publication/341379255_O_MEIO_E_A_MENSAGEM

- Punday, D. (2010, fevereiro). Ebooks, libraries, and feelies. *Electronic Book Review*.
<http://electronicbookreview.com/essay/ebooks-libraries-and-feelies/>
- Quivy, R., & Campenhout, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. (16ª ed.). Afrontamento.
- Reese, L. (2018, novembro). Print versus digital: what does the latest research tell us?. *Foreword Online*.
<https://foreword.mbsbooks.com/print-versus-digital-what-does-the-latest-research-tell-us-1#gsc.tab=0>
- Reich, S. M., Yau, J. C., Xu, Y., Muskat, Y., Uvalle, J., & Cannata, D. (2019, setembro). Digital or print? A comparison of preschooler's comprehension, vocabulary, and engagement from a print book and an e-Book. *Sage*.
<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2332858419878389>
- Romancini, R. (2010). A experiência cultural da leitura. *ResearchGate*, 15(2), 51-58.
https://www.researchgate.net/publication/269627291_A_experiencia_cultural_da_leitura
- Ross, B., Pechenkina, E., Aeschliman, C., & Chase, A. M. (2017, outubro). Print versus digital texts: understanding the experimental research and challenging the dichotomies. *Research in Learning Technology* (25).
<https://journal.alt.ac.uk/index.php/rlt/article/view/1976>
- Sagnier, L., & Morell, A. (Coords.), Mesa, M., Garcia, I., Morcillo, R., Arenas, E., Yanguas, G., Ramos, A., & Álvares, E. M. (2021). *Os jovens em Portugal, hoje. Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Santos Moura, I. M. (2013). *Livros (s)em papel: um estudo para a compreensão da história do livro, da pedra à (r)evolução digital*. Dissertação de Mestrado em Educação e Bibliotecas. Universidade Portucalense, Departamento de Ciências da Educação e do Património, Porto.
- Schwanitz, D. (2019). *Cultura – Tudo o que é preciso saber*. (17ª ed.). Dom Quixote.
- Sehn, T. C. M., Fragoso, S. & Anymore, J. L. F. (2018). A caracterização dos livros digitais a partir da sua materialidade. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas* (30), 111-129.
<https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/555>
- Silva, A. C. M. N. (2019). *Impacto dos e-books nos hábitos de leitura dos estudantes portugueses e na indústria editorial*. Dissertação de Mestrado em Multimédia. Universidade do Porto, Faculdade de Engenharia, Porto.
- Silva, J., Simões, D., & Estima, A. (2016). O perfil do consumidor de livros eletrónicos em Portugal. *Ata da Conferência da Associação Portuguesa de Sistemas de Informação*, 16, 251-256.
<http://revista.apsi.pt/index.php/capsi/article/view/491>
- Simões Pinto Coelho, M. Z., & Pinheiro Neves, J. (Eds.). (2010). *Ecrãs, paisagem e corpo*. (1ª ed.). Grácio Editor.
- Traqueia, F. (2022, fevereiro). O que são os NFTs e porque estão a ser vendidos por milhões? *SIC Notícias*.
<https://sicnoticias.pt/mundo/o-que-sao-os-nfts-e-porque-estao-a-ser-vendidos-por-milhoes/>
- Vargas, M. L. B. (2015). *O fenómeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrónico*. Universidade de Passo Fundo.
- Vieira, T. M. & Gonçalves, M. S. (2018, setembro). Sentidos do livro: impresso e digital, material e imaterial. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*.
<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1114-1.pdf>
- Vilelas, J. (2020). *Investigação – O processo de construção do conhecimento*. (3ª ed.). Silabo.
- Watanabe, M. G. & Pereira, E. M. (2014). Novos recursos tecnológicos: práticas de leitura e escrita de jovens na escola Inácio Moura, no Município de Santo António do Tauá. *Anais. (1)* I Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará. Consultado a 20 nov. 2021. <https://www.coloquiodeletras.ufpa.br/i-coloquio-de-letras/anais-i/>

- Wong, M. (2019). *Multimodal communication: A social semiotic approach to text in image in print and digital media*. Palgrave Macmillan.
- Yin, R. K. (2018). *Case study and research and applications: design and methods*. (6^a ed.). Sage.

ANEXOS

Anexo I: Questionário sobre hábitos de leitura

Caro(a) participante,

Sou estudante de Comunicação, Arte e Cultura da Universidade do Minho e estou a realizar a minha dissertação de mestrado, que visa compreender os hábitos de leitura de livros entre estudantes do secundário. É nesse contexto que venho solicitar a vossa colaboração, através do preenchimento do presente inquérito.

Todas as respostas obtidas serão confidenciais e anónimas. Não escrevas o teu nome no formulário. Os dados recolhidos destinam-se a ser tratados apenas para fins científicos. Lembra-te, não há respostas certas ou erradas, apenas peço que sejas fiel aos factos e dêes a tua opinião.

Agradeço desde já o teu contributo e valiosa ajuda.

Beatriz Marinho

I – Perfil

- Idade _____
- Sexo _____
- Ano escolar _____
- Curso (nome completo do curso) _____

II – LER EM PAPEL

Seleciona **uma ou mais** opções das diversas alternativas.

1. O que é que lês em papel?

- Livros
- Revistas
- Jornais
- Outros. Qual? _____

2. Onde é que lêes em papel?

- Em casa
- Na escola
- Nos transportes públicos
- Em viagens
- Na biblioteca
- Outro. Qual? _____

3. Como é que lêes em papel?

- Leio muito rápido
- Começo do início e leio até ao fim
- Leio apenas aquilo que me interessa
- Outro. Qual? _____

4. Normalmente, quantas horas por semana gastas a ler um livro em papel por lazer?

- 0-1
- 1-3
- Mais de 3
- Eu não leio livros em papel por lazer

5. Este ano (2021), quantos livros em papel leste por lazer até ao fim ao quase até ao fim?

- 1-2
- 3-4
- 4-5
- Mais de 5
- Nenhum

6. Com que propósito lêes livros em papel?

- Por lazer/diversão
- Para me informar
- Para aumentar o conhecimento (instrução)
- Por obrigação
- Para relaxar
- Para escapar aos ecrãs
- Outro. Qual? _____

7. Qual é ou quais são os géneros literários que mais lêes em papel?

- Romance
- Ficção científica
- Fantasia
- Policial
- Terror
- Biografia
- Conto
- Livros técnicos
- Poesia
- Comédia
- Banda desenhada/Novela gráfica
- Manga
- Outro. Qual? _____

III – LIVRO DIGITAL

Seleciona **uma** das duas opções de resposta.

8. Já alguma vez viste um *e-book* (mais conhecido como livro digital)?

- Sim
- Não (**por favor, avança para o fim do inquérito**)

9. Algumas vez leste um *e-book* (livro digital)?

- Sim
- Não

IV – LER NO ECRÃ

Seleciona **uma ou mais** opções das diversas alternativas.

10. O que é que lês em formato digital?

- Livros
- Revistas
- Jornais
- Páginas da *Internet* (sites, blogues, etc.)
- Outro. Qual? _____

11. O que é que utilizas para ler em formato digital?

- Computador

- Telemóvel
- *iPad*/Tablet
- *e-Reader* (Kindle, Kobo, etc.)
- Outro. Qual? _____

12. Onde é que lê em formato digital?

- Em casa
- Na escola
- Nos transportes públicos
- Em viagens
- Na biblioteca
- Outro. Qual? _____

13. Como é que lê em formato digital?

- Leio muito rápido
- Começo do início e leio até ao fim
- Leio apenas aquilo que me interessa
- Outro. Qual? _____

14. Quantas horas por semana normalmente gastas a ler um livro digital por prazer?

- 0-1
- 1-3
- Mais de 3
- Eu não leio livros digitais por prazer

15. Este ano (2021), quantos livros digitais leste por lazer até ao fim ou quase até ao fim?

- 1-2
- 3-4
- 4-5
- Mais de 5
- Nenhum

16. Com que propósito(s) lê um livro digital?

- Por lazer/diversão
- Para me informar
- Para aumentar o conhecimento (instrução)
- Por obrigação

- Para relaxar
- Outro. Qual? _____

17. Qual é o quais são os géneros literários que mais lêes em formato digital?

- Romance
- Ficção científica
- Fantasia
- Policial
- Terror
- Biografia
- Conto
- Livros técnicos
- Poesia
- Comédia
- Banda desenhada/Novela gráfica
- Manga
- Fanfictions
- Outro. Qual? _____

V – LER EM PAPEL / LER NO ECRÃ

Seleciona **uma ou mais** opções das diversas alternativas

18. Na tua opinião, ler livros em formato impresso é:

- Fácil
- Prazeroso
- Proveitoso
- Difícil
- Aborrecido
- Superficial
- Outra. Qual? _____

19. na tua opinião, ler livros em formato digital é:

- Fácil
- Prazeroso
- Proveitoso
- Difícil
- Aborrecido
- Superficial

- Outra. Qual? _____

20. Em que formato é que costumava ler livros por lazer?

- Formato impresso
- Formato digital
- Eu não leio livros por lazer

21. em que formato é que costumava ler livros por longos períodos de tempo?

- Formato impresso
- Formato digital
- Eu não leio livros por curtos períodos de tempo

22. Em que formato é que costumava ler livros por curtos períodos de tempo?

- Formato impresso
- Formato digital
- Eu não leio livros por curtos períodos de tempo

23. Quais são as vantagens de ler livros em papel?

- Melhor compreensão
- Mais facilidade de concentração
- Não faz doer os olhos
- Mais familiarização com o formato
- Existem poucas distrações
- Outra. Qual? _____

24. Quais são as desvantagens de ler livros em papel?

- Dificuldade em encontrar a informação necessária
- Preciso de luz para poder ler
- É uma leitura aborrecida
- Por norma os livros impressos são mais caros do que os livros digitais
- Outra. Qual? _____

25. Quais são as vantagens de ler livros digitais?

- Melhor compreensão
- Mais facilidade de concentração
- A leitura pode ser feita no escuro

- Leitura mais apelativa e interativa
- Por norma os *e-books* são mais baratos
- Outro. Qual? _____

26. Quais são as desvantagens de ler livros digitais?

- Existem muitas distrações
- Faz doer os olhos
- Mais cansativo
- Necessita de bateria
- Pouca concentração
- Outra. Qual? _____

27. O que é que te motiva a ler um livro em papel?

- Lazer
- Informação
- Aprendizagem
- Autoestima
- Escola
- Posso sentir o papel
- Posso sentir o cheiro do papel
- Posso virar a página
- Posso destacar passagens com o lápis ou marcador
- O livro impresso dá-me sensação de posse
- Posso abstrair-me da tecnologia
- Nada me motiva a ler um livro impresso
- Outro. Qual? _____

28. Caso tenhas respondido que nada te motiva a ler um livro em papel, explica, em poucas palavras o porquê.

29. O que é que te motiva a ler um livro digital?

- Lazer
- Informação
- Aprendizagem

- Autoestima
- Escola
- Ser mais leve e mais fácil de transportar
- Ser mais prático
- Ser mais apelativo e colorido
- Ter a possibilidade de navegar na *Internet* ao mesmo tempo que leio
- Ter a possibilidade de clicar nos *links* contidos no livro
- Ter a possibilidade de carregar vários livros ao mesmo tempo num só dispositivo
- Prefiro ler em ecrãs
- Nada me motiva ler um *e-book* (livro digital)
- Outro. Qual? _____

30. Caso tenhas respondido que nada te motiva a ler um *e-book* (livro digital), explica, em poucas palavras o porquê.

Agradecimentos

Agradeço imenso a tua participação e o teu contributo para esta investigação.